



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**JOSÉ AUGUSTIANO XAVIER DOS SANTOS**

**APROPRIAÇÕES DA COMUNICAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS  
DO CENTRO URBANO DE CULTURA, ARTE, CIÊNCIA E ESPORTE – CUCA  
MONDUBIM**

**FORTALEZA/CE**

**2017**

**JOSÉ AUGUSTIANO XAVIER DOS SANTOS**

**APROPRIAÇÕES DA COMUNICAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS  
DO CENTRO URBANO DE CULTURA, ARTE, CIÊNCIA E ESPORTE – CUCA  
MONDUBIM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Professora orientadora: Profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira

**FORTALEZA/CE**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- S235a Santos, José Augustiano Xavier.  
APROPRIAÇÕES DA COMUNICAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS DO CENTRO URBANO DE CULTURA, ARTE, CIÊNCIA E ESPORTE – CUCA MONDUBIM / José Augustiano Xavier Santos. – 2017.  
152 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2017.  
Orientação: Profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira.
1. Cuca Mondubim. 2. Comunicação Popular. 3. Rádio comunitária. 4. Vídeo popular. 5. Apropriação. I. Título.

CDD 302.23

---

**JOSÉ AUGUSTIANO XAVIER DOS SANTOS**

**APROPRIAÇÕES DA COMUNICAÇÃO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS  
DO CENTRO URBANO DE CULTURA, ARTE, CIÊNCIA E ESPORTE – CUCA  
MONDUBIM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Linha de Pesquisa: Mídia e Práticas Socioculturais.

**Aprovada em:** \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Catarina Tereza Farias de Oliveira (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof. Dr. Robson da Silva Braga  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

---

Prof. Dr. Ismar Capistrano Costa Filho  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Márcia Vidal Nunes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha mãe e irmãos, meu suporte, minha  
motivação permanente.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Maria Nilma, pela dedicação diária. Uma verdadeira heroína que me deu apoio, em todos os momentos difíceis, de desânimo e cansaço.

Aos meus irmãos Gustavo e Tayane, pelo apoio nos momentos da minha ausência, voltados para os estudos.

À Pastoral da Juventude do Meio Popular que muito me ensinou e me fez compreender a vida de uma forma mais humana e libertadora.

À Fabrica de Imagens pelos anos de aprendizado e por me proporcionar momentos de grandes reflexões sobre a comunicação e sobre diversas lutas sociais.

Aos professores da minha banca de graduação, Ismar Capistrano, Kátia Patrocínio e Edna Góis, que viram em meu trabalho de monografia um potencial trabalho de mestrado.

Aos jovens comunicadores dos programas “Frequência Cuca” e “Conexões Periféricas”, por toda disponibilidade e apoio ao longo do processo de pesquisa.

Aos educadores da Rede Cuca, Kiko Alves e Valdenor Moura, que constantemente contribuíram com minhas reflexões sobre a comunicação alternativa e popular na cidade.

À minha querida Prof<sup>a</sup> Catarina, pela paciência, sensibilidade, reflexões e a orientação nessa jornada.

Aos professores Robson Braga e Márcia Vidal, pelos conselhos e orientações na banca de qualificação.

Aos meus grandes e queridos amigos Thiago Viana, Eudoxia Querem Rapulque, Cibele Gomes, Elinardo Junior, Alex M, Nazareno Gondim, Rosinha Ribeiro, David Ferreira, Evenice Neta, Jorge Maciel e Rafaele Reis, pelo apoio incondicional e por proporcionarem momentos de muita alegria e diversão sempre.

Aos gestores do Centre Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca) que gentilmente colaboraram com meu trabalho, e com os quais muito pude aprender e obter elementos para esta pesquisa.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

## **RESUMO:**

A presente pesquisa se propõe a compreender como vem sendo vivenciadas apropriações das ideias de comunicação alternativa e popular encontradas nos espaços institucionais do Centro Urbano de Cultura, Arte Ciência e Esporte – Cuca, localizado no bairro Mondubim, em Fortaleza (Ceará). As reflexões teóricas da investigação trazem uma retomada da reflexão sobre a comunicação alternativa e popular, situando essa discussão historicamente. Outra categoria relevante é a de apropriação, pois será fundamental, tanto para procurarmos verificar como a comunicação alternativa e popular vem sendo apropriada pelos jovens que frequentam o Cuca Mondubim, como para entendermos essa apropriação mais institucional por parte do espaço Cuca e de seus educadores, que atuam nas ações ligadas ao audiovisual e a rádio Cuca. Para dar conta da abordagem, utilizamos como estratégia metodológica a etnografia, com foco na observação em campo, entrevistas com colaboradores da Rede Cuca e com jovens ligados aos programas “Frequência Cuca” e “Conexões Periféricas”, além de documentos, matérias e publicações. Entre as considerações finais, foi possível compreender que a utilização das ideias de comunicação pública vem sendo utilizadas de forma significativa nas práticas comunicacionais do Cuca Modubim, sendo as ideias de comunicação alternativa e popular utilizadas como meios para legitimar essas práticas institucionais.

**Palavras-chave:** Comunicação Popular. Rádio comunitária. Vídeo popular. Apropriação. Movimentos sociais populares.

## **ABSTRACT**

The present research aims to understand how the appropriations of the ideas of alternative and popular communication found in the institutional spaces of the Urban Center of Culture, Art Science and Sport - Cuca, located in the Mondubim neighborhood, in Fortaleza (Ceará), have been experienced. The theoretical reflections of the investigation bring a resumption of the reflection on alternative and popular communication, locating this discussion historically. Another relevant category is that of appropriation, since it will be fundamental both to seek to verify how alternative and popular communication has been appropriated by the young people who attend Cuca Mondubim, and to understand this more institutional appropriation by Cuca space and its educators, Which act in the actions related to the audiovisual and Cuca radio. In order to explain the approach, ethnography, focusing on field observation, interviews with collaborators of the Cuca Network and with young people linked to the "Frequência Cuca" and "Peripheral Connections" programs, as well as documents, materials and publications, are used as a methodological strategy. Among the final considerations, it was possible to understand that the use of public communication ideas has been used in a significant way in the communicative practices of Cuca Modubim, and the ideas of alternative and popular communication are used as means to legitimize these institutional practices.

**Keywords:** Popular Communication. Community radio. Popular video. Appropriation. Popular social movements



## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Gravação de Spot – Maratona de Rádio (Cuca Barra do Ceará).....	25
Figura 02 - Gravação de vinheta – Maratona de Rádio (Cuca Barra do Ceará).....	26
Figura 03 - Gravação de entrevista para Rádio Cuca – Repórter Cuca.....	34
Figura 04 - Gravação da Agenda Semanal – Repórter Cuca.....	37
Figura 05 - Cartaz de divulgação do projeto Repórter Cuca .....	38
Figura 06 - Transmissão do Programa “Frequência Cuca” – Rádio Cuca Mondubim.....	39
Figura 07 - Gravação Programa Conexões Periféricas no Cuca Mondubim.....	42
Figura 08 - Gravação de Documentários – Curso de fotografia para cinema.....	44
Figura 09 - Gravação para o Programa TV Marmota – Cuca Mondubim.....	46
Figura 10 - Gráfico 01 – Bairro onde reside/ Frequência Cuca .....	109
Figura 11 - Gráfico 01 – Renda familiar e meio de transporte que utiliza para ir ao Cuca/ Frequência Cuca.....	109
Figura 12 - Gráfico 03 – Escolaridade/ Frequência Cuca.....	110
Figura 13 - Gráfico 04 - Tempo e motivação para participação em programa/ Frequência Cuca.....	111
Figura 14 - Gráfico 05 - Bairro onde reside/ Conexões Periféricas.....	113
Figura 15 - Gráfico 06 - Renda familiar e meio de transporte que utiliza para ir ao Cuca/ Conexões Periféricas .....	114
Figura 16 - Gráfico 07: Escolaridade/ Conexões Periféricas .....	114
Figura 17 - Gráfico 08 – Como você conheceu o Cuca/ Conexões Periféricas.....	115
Figura 18 - Gráfico 09 - e motivação para participação em programa/ Conexões Periféricas.....	115
Figura 19 - Transmissão do programa “Frequência Cuca”.....	120
Figura 20 - Transmissão do programa “Frequência Cuca”.....	121
Figura 21 - Gravação do programa sobre esportes radicais/ Outubro 2016.....	130
Figura 22 - Gravação do programa sobre Identidade e Gênero/ Agosto 2016.....	132
Figura 23 - Imagens do programa sobre Artes visuais/ setembro 2016.....	133

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 QUANDO O CAMPO FALA E ESTAMOS ABERTOS PARA OUVI-LO.....</b>	<b>21</b>
2.1 A entrada em campo: os desafios de se está em campo.....	21
2.1 Aproximações com o Cuca Mondubim.....	28
2.2 Mergulhando em campo: o perfil das juventudes do Cuca Mondubim.....	32
2.3 A Equipe de Comunicação Popular e Cidadania e as práticas audiovisuais.....	34
2.4 A Equipe de Comunicação Popular e Cidadania e seus processos observados.....	38
2.5 O audiovisual no Cuca Mondubim: Algumas reflexões preliminares.....	41
2.6 Das ideias de comunicação alternativa e popular à comunicação pública .....	48
<b>3 A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E POPULAR NO CENTRO DA REFLEXÃO .....</b>	<b>54</b>
3.1 Dos movimentos sociais à comunicação Alternativa e Popular.....	55
3.2 A comunicação popular: características e relação com os movimentos sociais.....	58
3.2.1 O conceito de comunicação Alternativa e Popular.....	60
3.3 A rádio comunitária e a comunicação popular.....	74
3.4 O vídeo popular e sua proposta.....	83
3.5 Comunicação pública: Práticas comunicativas no espaço público.....	92
3.6 Apropriação: principais conceitos .....	101
<b>4 O CAMPO REVELANDO OUTROS OLHARES PARA A PESQUISA .....</b>	<b>107</b>
4.1 Quem é essa galera?.....	107
4.1.1 Breve perfil dos jovens participantes do programa “Frequência Cuca”.....	107
4.1.2 Breve perfil dos jovens participantes do programa “Conexões Periféricas”.....	113
4.1.3 Breve perfil dos jovens participantes - Algumas reflexões.....	118
4.2 As transmissões do Programa “Frequência Cuca”.....	119
4.3 As reuniões de pauta do programa “Conexões Periféricas”.....	123
4.4 Análise das produções comunicacionais.....	127
4.4.1 As edições do programa “Frequência Cuca”.....	127

4.4.2 As edições do programa “Conexões Periféricas”.....	131
4.5 Os educadores Sociais: dos movimentos sociais aos espaços institucionais do Cuca.....	137
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>146</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>150</b>

## **1 INTRODUÇÃO: A relação entre juventudes e a comunicação alternativa e popular, como foco inicial da pesquisa**

As reflexões e questionamentos sobre a relação entre juventudes e a comunicação alternativa e popular, sempre fizeram parte da minha trajetória e vão ser determinantes para construção das minhas reflexões enquanto pesquisador.

Vindo de um processo de militância em pastorais sociais, sobretudo na Pastoral da Juventude do Meio Popular<sup>1</sup>, onde tive a oportunidade de participar de diversas discussões e debates sobre juventudes e seus direitos, e ter participado, por quase seis anos, de uma Organização Não Governamental que atua com ações voltadas para o audiovisual, com foco em comunicação, juventudes e gênero, acumulo uma série de reflexões sobre essas temáticas ao longo dos anos.

Na Pastoral da Juventude do Meio Popular, tive a possibilidade de perceber e refletir sobre as complexidades que envolvem a compreensão do fenômeno juventudes, participando de forma significativa de discussões sobre assuntos ligados ao tema.

Ao começar a participar de um projeto social ligado a uma Organização Não Governamental, voltado para a formação de jovens comunicadores em audiovisual, percebo que seria possível materializar minhas discussões e reflexões realizadas nos encontros da Pastoral da Juventude do Meio Popular em vídeos socioeducativos.

Na Pastoral, já me interessava pela discussão sobre os efeitos “negativos” que a comunicação convencional produzia sobre o cotidiano das juventudes, mas esse debate só viria a ser retomado, de forma mais intensa, na ONG Fabrica de Imagens<sup>2</sup>.

Como já citado, iniciei minha aproximação com a Organização Não Governamental por meio de um curso de audiovisual financiado pela Petrobras. O curso

---

<sup>1</sup> A Pastoral da Juventude do Meio Popular é uma articulação de jovens da classe explorada: estudantes, operários, comerciários, motoristas, biscateiros, empregados e desempregados. Como toda pastoral da juventude, está articulada na Pastoral Orgânica: é a pastoral da Igreja do Brasil entre os jovens do meio popular; é a experiência da Igreja do Brasil de rosto popular e jovem.

<sup>2</sup> A Fábrica de Imagens – Ações Educativas em Cidadania e Gênero é uma Organização Não Governamental (ONG) que desenvolve ideias, projetos e ações para promoção da equidade de gênero, afirmação da diversidade sexual e fortalecimento das juventudes através de processos de fruição, formação, produção, difusão e distribuição de bens e serviços culturais e em comunicação.

tinha por objetivo prioritário a formação de jovens no campo do audiovisual, buscando não só a qualificação técnica, mas a reflexão sobre assuntos ligados às questões sociais.

Depois de quase um ano, o projeto foi concluído e alguns jovens tiveram a possibilidade de se tornarem bolsistas em outro projeto que previa a produção de um quadro dentro de um programa que era desenvolvido por outra ONG da cidade, a ONG Encine<sup>3</sup>.

O programa em questão era chamado “Megafone”<sup>4</sup>. O quadro, produzido pelos jovens da Fábrica de Imagens era intitulado “Curta o Gênero”, e tinha como finalidade a produção de curtas que trabalhassem as questões de gênero, sempre relacionado com o tema central do programa “Megafone”.

Lembro que, para cada produção, travávamos importantes discussões sobre as questões de gênero, principal bandeira de luta da Fábrica de Imagens. Desse modo, as discussões sobre gênero e trabalho, gênero e tecnologia, gênero e igualdade racial etc, estavam sempre presentes nos processos de construção dos quadros.

Com a experiência conquistada por meio do quadro, não demorou muito para que a Fábrica de Imagens pudesse ter o seu próprio programa, e para que começássemos a desenvolver conteúdo para o mesmo.

Desse modo, saímos da produção de um quadro de três minutos de duração, para a produção de um programa semanal de 30 minutos. Diante desse desafio, fomos cada vez mais nos envolvendo no processo de criação e produção do programa, intitulado de “Perspectivas”. O programa era temático, com cerca de seis quadros, voltado para discussão de temas sociais.

Passar por essa experiência foi, efetivamente, fundamental para que pudesse ter a oportunidade de pensar sobre os processos comunicacionais e compreender que outra comunicação seria possível.

---

<sup>3</sup> Encine é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, laica, apartidária, fundada em 1998. Foi criada por um grupo de profissionais ligados a educação, comunicação e as produções artísticas. Tem a missão de promover os direitos fundamentais de crianças, adolescentes, através da arte e da comunicação, valorizando a educação crítica e a emancipação na construção da justiça social.

<sup>4</sup> O "Megafone!" é um programa de televisão, veiculado em canal aberto de televisão há cinco anos, pela TV Ceará (canal público e educativo), realizado conjuntamente por profissionais e jovens da ONG ENCINE, sendo um laboratório no processo de formação cidadã e conhecimento das linguagens e tecnologias audiovisuais.

Passei a compreender que as juventudes, vítimas de vários estereótipos construídos e alimentados permanentemente pela grande mídia, poderiam, a partir de um processo de reflexão, pensar e elaborar outras formas de comunicação, pautadas na luta por direitos e pela possibilidade de lançar outros olhares sobre as juventudes e sua relação com diversos temas que perfazem seu cotidiano.

Esse olhar reflexivo, e ao mesmo tempo crítico, sobre os meios de comunicação convencionais, se materializava não somente nas produções dos curtas e do programa de TV, que tive a oportunidade de produzir e dirigir, mas também em outros espaços que fui me inserido com o tempo.

Por exemplo, tinha a preocupação e o interesse em está também atuando e participando de espaços nos quais acontecia o debate sobre políticas públicas de juventude e comunicação na cidade. Desse modo, fui representante da ONG Fábrica de imagens em diversos eventos municipais, voltados para a discussão da temática mencionada acima.

Em 2010, encerro meu ciclo na ONG, tendo clareza que havia vivido uma das maiores experiências da minha trajetória. Participar de espaços como a Pastoral da Juventude do Meio Popular e a Fábrica de Imagens, me possibilitou crescer como profissional e perceber que a comunicação tinha um importante lugar na minha vida.

Já não pensava mais em deixar de refletir sobre os processos comunicacionais e não me via sem poder produzir uma comunicação comprometida com os sujeitos historicamente excluídos.

Em 2010, tomo a decisão de cursar jornalismo. Essa decisão é motivada pela trajetória que descrevi acima, marcada por minha presença ativa em espaços onde a discussão sobre a relação de juventude e comunicação era algo recorrente. Graduar-me em jornalismo seria dar continuidade ao processo iniciado nos espaços por onde passei ao logo dos anos.

Já no processo de produção da monografia, trago todas as inquietações sobre a relação entre as juventudes e os espaços de comunicação, criados pelas ONG's da cidade. Havia um desejo inicial de direcionar minha reflexão no trabalho desenvolvido pelas ONG's da cidade que atuavam com comunicação e juventude.

No entanto, não poderia deixar de perceber o impacto da construção do primeiro Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca), no bairro da Barra do Ceará, em Fortaleza, e com ele o surgimento de iniciativas voltadas para o fomento da discussão sobre juventudes e comunicação. Assim, optei por uma reflexão sobre o Núcleo de Comunicação Popular do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca)<sup>5</sup> do Cuca da Barra do Ceará.

Essa escolha se deu por diversos fatores, no entanto, o que mais me instigou a optar por esse caminho, foi compreender a importância de um trabalho que pudesse dar conta de uma reflexão sobre uma política pública, que se diz voltada para a construção de espaços destinados a discussão e produção de conteúdos comunicacionais alternativos e populares na cidade de Fortaleza.

Os estudos e reflexões realizados em torno desse recorte, ao longo da graduação, culminaram no trabalho de monografia intitulado “Juventudes e a democratização da comunicação: Núcleo de Comunicação Popular do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca)<sup>6</sup>”.

Para esta pesquisa, realizei uma análise das ações desenvolvidas pelo Núcleo de Comunicação Popular do Cuca, a fim de compreender como essa política pública, voltada para as juventudes de Fortaleza, atua no sentido de assegurar espaço voltado para a produção de comunicação por parte dos jovens beneficiados com essa política.

Na passagem pelo equipamento, para o desenvolvimento da pesquisa de monografia, percebi uma tentativa de se criar espaços de debates, de reorganizar uma rede de comunicadores populares, de realizar oficinas com comunicadores populares e jovens que tinham interesse em comunicação alternativa.

---

<sup>5</sup> Uma política pública iniciada em 2009, o Cuca tem por objetivo proporcionar a vivência plena da condição juvenil, através da disposição de novos espaços e alternativas de desenvolvimento sociocultural e econômico. O equipamento atende às principais demandas dos jovens: cultura, qualificação profissional, esporte, pesquisa, leitura, cinema, produção e formação audiovisual entre outras. Informações obtidas no site: <[http://portalantigo.fortaleza.ce.gov.br/juventude/index.php?option=com\\_content&task=view&id=12&Itemid=53](http://portalantigo.fortaleza.ce.gov.br/juventude/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=53)>. Acesso em: 07 abr. 2014.

<sup>6</sup> SANTOS, J. A. X. Juventudes e a democratização da comunicação: Núcleo de Comunicação Popular do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca). Fortaleza, 2014. Monografia apresentada no Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Faculdade Sete de Setembro – FA7. 99 p

No entanto, também percebi que a participação das juventudes ainda era algo muito tímida. Notei, tímidos avanços com relação à implementação de ações voltadas para o debate sobre a democratização da comunicação ou a reflexão e produção de novas formas de comunicação.

Pudemos concluir, com base na pesquisa para o referido trabalho monográfico, que o então Núcleo de Comunicação Popular do Cuca Barra do Ceará, é uma política pública, que colabora para incluir as juventudes em processos ligados a comunicação, permitindo que sejam produtores e construtores de uma comunicação que se pauta por interesses coletivos e se propõe em ir à contramão das produções da comunicação convencional, contribuindo para romper com os estereótipos e preconceitos que são produzidos cotidianamente pela grande mídia. (XAVIER, 2014. p. 73).

Ao termino do trabalho mencionado, percebi a necessidade de uma maior discussão e reflexão sobre como vem sendo construída essa relação entre juventudes e as mídias na cidade de Fortaleza.

Essa necessidade torna-se ainda mais relevante com o surgimento dos Núcleos de Comunicação Popular dos Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca), haja vista que atualmente há um maior estímulo para ampliar a inserção das juventudes em processos vinculados à construção de ferramentas de comunicação, buscando uma interação mais sistemática com movimentos sociais juvenis, que atual com comunicação na cidade.

Na minha avaliação, ainda há uma significativa ausência de estudos (acadêmicos) voltados para uma reflexão sobre os processos de produção, armazenamento e circulação de informação e conteúdo simbólico, que são produzidos na atualidade pelas juventudes do Núcleo de Comunicação Popular e como ocorre a apropriação desses sujeitos dos processos que em cursos nesses espaços.

Desse modo, discutir apropriação das juventudes, com relação às ações da equipe de Comunicação popular e cidadania torna-se o objetivo central do meu projeto de mestrado. Assim, em 2014, participo do processo de seleção para compor a turma de mestrado em comunicação da Universidade Federal do Ceará.

Essa proposta de pesquisa trazia consigo muito mais que um desejo de fazer um mestrado em comunicação, havia um intenso interesse em seguir minhas reflexões que



vinha desde as experiências com comunicação popular na ONG Fábrica de Imagens até meu contato com a proposta de trabalho que encontrei no Cuca Barra do Ceará.

Havia uma grande inquietação em compreender melhor aquele fenômeno, em curso no Cuca Barra do Ceará. O projeto de pesquisa que submeto, nessa perspectiva, tinha como objetivo prioritário, entender melhor as formas de apropriação dessas práticas comunicacionais, pelas juventudes.

Desse modo, já no primeiro semestre do mestrado, depois de algumas orientações, foi instigado a está mais presente no equipamento. Essa necessidade da minha presença em campo seria fundamental para compreender melhor os processos em curso no Cuca.

A proposta seria uma presença mais frequente, deixando o campo falar, a partir das ações desenvolvidas no equipamento. Esse movimento seria fundamental por diversos motivos, inclusive para construirmos a melhor metodologia para a pesquisa. A partir disso, começo a acompanhar as atividades do Cuca Barra do Ceará, participando de reuniões e gravações de programas e spots radiofônicos da rádio Cuca Barra do Ceará.

Ao direcionar minha pesquisa no Cuca Mondubim, surgem algumas dificuldades em está em campo, em decorrência de alguns trabalhos que precisei desenvolver, já que ainda não era bolsista do mestrado. Essa falta de tempo, que impediu minha presença em campo, me fazia ter dificuldades em compreender o que o campo queria dizer. Fui alertado por diversas vezes sobre a necessidade de está mais no campo e está com um olhar de pesquisador.

As reflexões apontadas por Brandão (1981) sobre os processos de observação participante foram fundamentais para que eu pudesse compreender o campo de outra maneira, e assim avançar na pesquisa.

No entanto, havia algo que não me deixava sair do espaço da rádio Cuca para compreender melhor o equipamento como um todo, percebendo quais juventudes estavam pelo espaço, quais suas motivações, o que os motivavam na escolha de alguma atividade no Cuca, sobretudo as que envolviam a comunicação.

Penso que, em decorrência do movimento que tive no processo para o desenvolvimento da monográfica, quando foquei a pesquisa de campo no rádio do Cuca tinha, de algum modo, limitado meu olhar para outros espaços, não buscando compreender a lógica da política do Cuca como um todo.

Foi em decorrência dessa falta de desprendimento da rádio, que professora Catariana Farias de Oliveira, orientadora da pesquisa, sugeriu fazermos uma experiência de campo quantitativa/ qualitativa, por meio de aplicação de questionários, para que pudéssemos ter um perfil das juventudes que transitam pelo equipamento e suas motivações.

Foi por meio desse processo que começo a perceber a necessidade de compreender o equipamento como um todo, a entender que o campo poderia me dar muito mais informações e respostas, do que estava conseguindo entender, ficando apenas no estúdio da rádio Cuca.

Somente desse modo seria possível desconstruir reflexões, não tão amadurecidas, que já trazia comigo, e me abrir para compreender o campo da forma como ele se apresentava para mim. É nesse momento que começo a iniciar os primeiros ensaios para um salto na minha pesquisa.

Durante o processo de acompanhamento das atividades do Cuca, algumas questões foram reveladas pelo campo. Notei, com base na observação em campo, que a forma de se pensar os processos comunicacionais na Equipe de Comunicação Popular e Cidadania, eram diferentes do modo como essa questão se mostrava nos cursos de audiovisual, conduzidos pela diretoria de educação, responsáveis pelos cursos que eram realizados no Cuca.

Na medida em que começo a participar dos cursos de “introdução ao documentário” e “fotográfica para cinema”, além do projeto “Conexões Periféricas” e do projeto ainda em processo inicial da “TV Marmota”, em curso no Cuca Mondubim, percebo um processo que traz algumas peculiaridades com relação à reflexão, a criação e a produção. É oportuno dizer que iremos detalhar essas iniciativas mais abaixo.

Essas peculiaridades foram encontradas e forma tímida nas atividades da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania do mesmo equipamento, no qual as

juventudes produzem comunicação, mas com poucos espaços de discussão e reflexão e onde a comunicação está mais voltada para a produção de conteúdos institucionais.

Com base nessa constatação, surgiram algumas questões sobre a comunicação que vem sendo desenvolvidas ou construídas naquele equipamento: como o poder público vem fazendo uso e se apropriando de conceitos da comunicação alternativa e popular para legitimar ou publicizar suas ações?

Quais fatores colaboram para que exista uma diferença (se é que existe efetivamente) nas formas de conduzir os processos de comunicação, tanto nas ações ligadas ao audiovisual como nas ações da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania?

Em campo, pude perceber uma nova alteração no processo de condução da política de gerenciamento do equipamento. Em abril de 2016, as Equipes de Comunicação Popular e Cidadania, antes ligadas à diretoria de Direitos Humanos, com a nova configuração, passam a integrar a Diretoria de Comunicação Social. A partir daí, percebo que começa a surgir certas dúvidas dos colaboradores sobre sua permanência no equipamento e sobre a continuidade das atividades.

No entanto, aquilo que era, a meu ver, uma inquietação sobre o futuro profissional, começa a ser um incentivo para criação de ações que mais pudessem se enquadrar nessa nova configuração. Por exemplo, começo a perceber a produção de uma agenda semanal das ações do Cuca, sendo produzida pelos jovens. Ação que consiste em produzir pequenos vídeos audiovisuais com apresentação de jovens, para a divulgação das ações semanais do equipamento.

A partir desse momento, torna-se relevante, a meu ver, investigar como ações da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania deixam de lado os processos de reflexão dos impactos dos meios de comunicação convencionais, da reflexão sobre a possibilidade de se pensar outra comunicação, e se produzir uma comunicação possível, algo que já não era tão palpável, para se render aos anseios e demandas da comunicação institucional do Cuca.

Com base nas reflexões expostas acima, a pesquisa tem como objetivo geral, ainda preliminar, de: compreender como os espaços institucionais do Cuca vêm se apropriando dos conceitos da comunicação alternativa e popular.

Os objetivos específicos são: a) investigar em que medida a comunicação alternativa e popular aparece nas produções comunicacionais da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania e nos cursos de audiovisual do Cuca Mondubim; b) verificar como a reflexão e o debate sobre a comunicação alternativa e popular aparecem nas atividades de comunicação do Cuca; c) verificar se, ou como, o espaço institucional do Cuca, ligados a Gestão Municipal interfere nas produções comunicativas dos jovens participantes das nas ações da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania e dos cursos de audiovisual do Cuca Mondubim.

Nas próximas linhas, irei detalhar um pouco mais o momento em que entro no campo, apontando os desafios que foram apresentados para um pesquisador ainda imaturo em campo, mas que, com o tempo, vai amadurecendo e percebendo o quão é importante a inserção em campo.

## **2. QUANDO O CAMPO FALA E ESTAMOS ABERTOS PARA OUVI-LO**

### **2.1 Entrada em campo: os desafios de se está em campo**

Meu retorno ao Cuca Barra do Ceará, para iniciar a pesquisa de mestrado, ocorreu há pouco menos de um ano, após realizar pesquisa no mesmo equipamento para o desenvolvimento da monografia.

Esse retorno, por sinal, não apresentou grandes dificuldades, uma vez que já conhecia os funcionários que trabalhavam na Comunicação popular do Cuca e as juventudes que participavam das ações da Comunicação Popular. No entanto, lembro o quanto ainda estava imaturo e sem ter clareza sobre o papel que poderia desempenhar enquanto pesquisador em campo.

É bem verdade que, já havia estado no equipamento, como dito anteriormente, mas, não há dúvidas, que o processo de “está em campo” no momento de construção da monografia, mesmo conseguindo cumprir com os objetivos proposto na pesquisa, foi tão tímido que pouco colaboraram para os novos desafios que tinha pela frente.

Essa certa imaturidade no campo foi se revelando com o tempo, e os diálogos ocorridos na orientação foram fundamentais para que pudesse amadurecer enquanto pesquisador, ao longo do processo.

Nesse primeiro momento, havia um grande desejo da minha parte em compreender melhor como ocorria à apropriação das juventudes com relação às atividades que eram desenvolvidas pelos Núcleos de Comunicação Popular e Cidadania dos Cucas.

Esse desejo era recorrente no começo da pesquisa, uma vez que essa foi à questão primeira do meu projeto de mestrado. Sabia que para isso teria que inicialmente verificar como ocorria a participação das juventudes nesses processos.

De inicio, Pedro Demo (1999) vai me ajudar nessa compreensão de como vinha ocorrendo à participação das juventudes nas ações dos Núcleos de Comunicação Popular e Cidadania dos Cucas, sobretudo quando o autor destaca que a participação é uma conquista e um processo que não se dá de forma insuficiente, muito menos acabada.

Assim, meu olhar em campo, focava na tentativa de compreender como essa participação se dava e como as juventudes eram inseridas nos processos que estavam em curso naquele espaço. Penso que esse desejo me fez fechar meus olhos para outras reflexões que poderia elaborar para compreender a relação entre as juventudes e a comunicação, presente no espaço do Cuca.

De algum modo essa questão estava presente sempre, mas não conseguia avançar nesse sentido, já que meu contato com o campo ainda era tímido, mesmo tendo sido orientado a estar mais presente nos processos que estavam em curso no campo.

Assim, de início, minhas idas ao Cuca Barra foram muito esporádicas, tendo em vista essa minha limitação em compreender a importância da presença constante do pesquisador em campo.

Lembro bem que na minha primeira ida ao equipamento, me limitei a conversar com o supervisor do Núcleo de Comunicação Popular e Cidadania do Cuca Barra, para apresentar minha pesquisa de mestrado.

A conversa foi importante no sentido de compreender quais as atividades que estavam em curso no Cuca naquele momento. Lembro que, depois dessa conversa passei pouco mais de trinta minutos no espaço, visitando algumas salas do Cuca e a própria rádio, a qual já havia tido contato em 2014, na pesquisa de monografia.

Depois desse momento, retornei ao equipamento em outra ocasião fazendo basicamente o mesmo, falando com supervisor do Núcleo de Comunicação Popular e Cidadania sobre as atividades em Curso e passando um tempo maior na rádio.

É bem verdade que, mesmo passando pouco tempo no equipamento, buscava ficar atento aos processos que estavam ocorrendo na rádio Cuca, e algumas questões me faziam refletir sobre a participação e a apropriação das juventudes que ali estavam inseridas. Nessas idas ao equipamento, concentrei minha participação nas atividades da rádio, uma vez que não havia outras atividades em curso.

A rádio é uma ferramenta de comunicação que a Rede Cuca faz uso para a divulgação de conteúdos radiofônicos, sejam por meio de músicas, produção de spots educativos e programas radiofônicos, elaborados pelas juventudes que participam de oficinas radiofônicas.

Essa ferramenta, que inicialmente seria voltada para a construção de um espaço socioeducativo, com a proposta de produzir e disseminar conteúdos radiofônicos voltados para a promoção dos direitos humanos, da educação, da informação, da arte, da cultura e da democratização dos meios de comunicação, como o tempo irá tomar outra configuração.

No decorrer do presente capítulo trago algumas situações e reflexões que vão mostrar que a rádio irá se aproximar cada vez mais da comunicação pública, produzindo assim conteúdos ligados à divulgação das ações da Rede Cuca, se distanciando das ideias iniciais apontadas acima.

Penso que a mais forte lembrança que tenho do primeiro semestre de pesquisa, se refere a minha imaturidade em campo como pesquisador, algo que hoje compreendo de uma forma mais natural, uma vez que estava em um processo tanto de pesquisa, quanto de aprendizagem.

No entanto, penso que poderia ter assegurado uma maior permanência em campo, já que não estava inserido naquele contexto de forma intensa e permanente. É claro que isso não se caracterizava uma falta de interesse meu pela pesquisa ou pelos processos em curso no equipamento, mas destacava uma falta de compreensão de está em campo de forma mais intensa.

Minhas observações, quando estava em campo, mesmo que de forma não permanente ou com maior envolvimento, estavam voltadas para compreender melhor as questões que havia apontado no meu projeto de pesquisa, e conseguia, mesmo que de forma tímida, observar que havia algumas questões no desenvolvimento das atividades do Cuca Barra, que mereciam maior atenção e reflexão.

Por exemplo, sentia a necessidade de compreender melhor em que medida a participação dos jovens estava relacionada com a mobilização da equipe do Núcleo de Comunicação, uma vez que os educadores tinham que ligar para os mesmo a fim de assegurar a presença nas atividades da rádio.

Outro fator relevante que me inquietava, estava relacionada com o uso dos equipamentos radiofônicos pelos jovens envolvidos com a rádio. Perguntava-me se esses jovens poderiam ter acesso aos equipamentos da rádio de forma direta, mesmo que não houvesse a presença de um técnico de rádio para conduzir o processo. Questionava-

me se, por alguma razão, o técnico não estivesse presente, se a rádio ficaria fechada para os jovens participantes ou ouvintes.

Evidentemente, naquela ocasião, ainda não havia respostas concretas para as inquietações expostas acima. No entanto, quando Hozana Arruda<sup>7</sup>, jornalista e técnica de rádio do Cuca - Barra do Ceará, diz que a rádio só terá seu funcionamento pleno com a chegada de um técnico, me faz pensar sobre a importância desse profissional para assegurar a realização das produções radiofônicas.

Outra inquietação que merece ser apresentada, se refere à definição das músicas que faziam parte do playlist da rádio. Essa lista de músicas era montada a partir dos pedidos dos ouvintes que iam até a rádio para solicitar suas músicas.

Havia nesse processo, uma “censura” para algumas músicas que eram consideradas não apropriadas para o espaço, não havendo uma discussão mais aprofundada com os jovens ouvintes sobre as letras das músicas e sua influência no cotidiano dos sujeitos, por exemplo.

Outras questões, para além das já pontuadas acima, certamente apareciam no decorrer do processo, mas não conseguia aprofundá-la uma vez que não estava imerso no campo, mas preso ao objetivo primeiro do projeto de mestrado.

Nesse primeiro semestre, senti que professora Catarina Tereza Farias de Oliveira, orientadora da pesquisa, havia me deixado muito “à vontade” em campo. Penso que ela gostaria de sentir o modo como conseguiria me colocar e atuar como pesquisador, mas sempre atenta aos processos, me alertando sobre a necessidade de está mais no campo.

Só vou começar a está mais inserido nos processos do Cuca, ainda no primeiro semestre, quando sou convidado para facilitar a III Maratona de Rádio do Cuca Barra do Ceará. Essa participação me permitiu está mais presente no equipamento e conseguir compreender melhor o funcionamento da rádio do Cuca. No entanto, mais uma vez, meu foco se volta para os processos da rádio, esquecendo os outros processos que estavam ocorrendo no meu entorno.

---

<sup>7</sup> Entrevista para a construção do artigo “Juventudes nas ondas de rádio: a participação dos jovens nas produções radiofônicas do Cuca Barra do Ceará”, realizada no dia 12 de junho de 2015 na rádio do Cuca – Barra do Ceará.



É importante dizer que havia iniciado o processo de pesquisa em um momento de mudança no equipamento, e o Núcleo de Comunicação Popular estava em processo de planejamento. Uma das mudanças ocorridas se refere à alteração do nome do Núcleo, que passou a se chamar Equipe de Comunicação Popular e Cidadania. Essa mudança ocorreu na medida em que se criava uma diretoria de direitos humanos no Cuca.

Agora, a Equipe de Comunicação Popular e Cidadania estava compondo uma diretoria que tinha como missão prioritária a promoção dos direitos humanos. Segundo João Bento<sup>8</sup>, essa alteração não mudaria as ações já em curso, mas daria um novo direcionamento.

Todas as ações de comunicação popular estariam voltadas para a promoção dos direitos humanos. Assim, só havia atividades fixas na rádio do equipamento, que estava sob-gestão da Equipe de Comunicação, até a finalização do planejamento das ações nessa nova conjuntura.

O primeiro dia de aula da Maratona de Rádio do Cuca, João Bento, supervisor da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania do Cuca Barra do Ceará, apresentou o que seria a Equipe de Comunicação Popular e Cidadania, destacando as principais atividades que já correram e as que estavam em curso.

A rádio do Cuca era o carro chefe da equipe de comunicação, mas João também citou o trabalho de articulação com comunicadores populares, a realização de debates sobre a democratização da comunicação, e a realização de oficinas de produção de fanzines, jornais, spots, programas radiofônicos etc.

Nesse dia, já havia jovens que tinham participado de outras Maratonas de rádio e já estavam envolvidos com programas radiofônicos. Alguns mais críticos questionavam os processos conduzidos não só pela Equipe de Comunicação, mas com relação ao funcionamento do equipamento.

De modo geral, conseguimos realizar as oficinas, mesmo o projeto prevendo uma carga/horária insuficiente, que não possibilitava um maior aprofundamento em temas como democratização da comunicação, juventude, comunicação alternativa e popular.

---

<sup>8</sup> Conversa com João Bento, supervisor da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania em 13 de março de 2015, no Cuca Barra do Ceará.

Assim, é possível dizer que as oficinas previstas no projeto “Maratona de Rádio” conta com tempo de realização que não assegura discussões mais aprofundadas sobre temáticas sociais, garantindo também fragilidade no processo de formação sobre as técnicas radiofônicas e a produção de conteúdos previstos no projeto.

Figura 01 – Gravação de Spot – Maratona de Rádio (Cuca Barra do Ceará)



Fonte: Augustiano Xavier (2015)

Notei certo desprezo para o aprofundamento das discussões, sobretudo para algo que a Equipe de Comunicação se prestava a fazer, que seria a discussão sobre os impactos da comunicação convencional no cotidiano das juventudes, e a produção de uma nova comunicação possível. De algum modo, havia um direcionamento para com os assuntos a serem travados nos programas de rádio, que seria produzido pelas juventudes.

Com base na reestruturação, os programas radiofônicos teriam que, necessariamente, falar sobre os direitos das juventudes, das mulheres, dos negros, dos idosos e da população LGTB e pessoas com deficiência. Outro tema, não caberia na proposta.

Notei que os jovens não tinha grande afinidade com os processos radiofônicos. Isso poderia ser verificado por conta da baixa participação nas etapas da Maratona. Havia momento em que só apareciam sete jovens, de uma turma de 15 jovens. Além disso, nos processo de produção dos programas, uma equipe não quis produzir por acha que não cabia suas ideias na proposta apresentada.

Ao final da Maratona, na avaliação, os jovens destacaram o pouco tempo destinado para realização do projeto e a dificuldade em trabalhar com um tema já determinado. Sobre a apropriação dos jovens, com relação às técnicas radiofônicas e sobre o manuseio dos equipamentos da rádio, notava a presença constante de Hozana Arruda, para auxiliar os processos.

Figura 02 – Gravação de vinheta – Maratona de Rádio (Cuca Barra do Ceará)



Fonte: Augustiano Xavier (2015)

Nesse mesmo período, participando da disciplina da professora Márcia Vidal, Mídia e Cidadania nos movimentos sociais, aprofundarei minhas leituras e reflexões sobre os movimentos sociais e sua atuação nos sentido a luta por direitos.

Na mesma disciplina, os textos de José Murilo de Carvalho (2002) também vão corroborar para que possa entender melhor o conceito de cidadania e forte relação que há entre comunicação alternativa e popular com o exercício da cidadania.

Cabe dizer que nesse primeiro semestre de mestrado, fui ao Cuca aproximadamente 35 vezes. Nessas idas, pouco avancei sobre minha posição enquanto pesquisador em campo, mas consegui, de algum modo, me aproximar mais da rádio Cuca e dos projetos que estavam sendo desenvolvidos pela Equipe de Comunicação Popular e Cidadania do Cuca.

Hoje penso que minha passagem pelo Cuca Barra do Ceará, de alguma forma, fez direcionar meu olhar somente para as ações da rádio Cuca, não dando o valor devido às outras questões que estavam presentes no campo como um todo.

Essa realidade, como já foi dito, tinha forte relação com minha imaturidade de pesquisador, que me limitava a um objeto, não permitindo avançar por outros caminhos. Ao logo desse capítulo, vou descrever como essa realidade foi sendo alterada com minha maior inserção no campo.

## **2.2 Aproximação com o Cuca Mondubim**

Após passar o primeiro semestre do mestrado no Cuca Barra do Ceará, a partir das orientações, compreendi que a pesquisa poderia ter sua continuidade no Cuca do Bairro Mondubim<sup>9</sup>.

Inicialmente, como já foi dito, compreendia que, por está em funcionamento há mais tempo, o Cuca Barra do Ceará seria fundamental para compreender a apropriação dos processos pelas juventudes, mas a partir das orientações, percebi que isso não significa muito. Que não seria o tempo de funcionamento do equipamento que ditaria a forma de apropriação ou a intensidade dessa apropriação.

Desse modo, houve uma escolha em direcionar minha observação e pesquisa de campo para o Cuca Mondubim, em decorrência de ser um equipamento mais próximo da minha realidade e do meu contexto. Outro aspecto importante que colaborou para concentrar a pesquisa no Cuca Mondubim, se refere ao fato de que as atividades ligadas à comunicação popular no Cuca Barra do Ceará estava, naquele momento, restrita aos processos radiofônicos.

Assim, inicio meu trabalho de campo no Cuca Mondubim, equipamento que estava localizado geograficamente mais próximo da minha casa, o que também colaborou para no meu deslocamento para o campo de pesquisa.

Minha primeira visita ao Cuca Mondubim foi marcada pela constatação que professora Catarina havia observado com relação ao nível de apropriação, que não deveria ser medida pelo tempo de funcionamento do equipamento. Essa questão ficou clara quando chego à rádio do Cuca no dia da transmissão ao vivo do programa Frequência Cuca, e percebo a forma como os jovens conduzia aquele processo.

---

<sup>9</sup> A Rede Cuca conta com três equipamentos mantidos pela Prefeitura de Fortaleza, com gestão do Instituto Cuca: Cuca Barra (Regional I), Cuca Mondubim (Regional V) e Cuca Jangurussu (Regional VI).

Integrando uma das ações desenvolvidas pela Equipe de Comunicação Popular e Cidadania do Cuca Chico Anysio, o programa “Frequência Cuca” faz parte da grande de programas da rádio Cuca Mondubim desde abril de 2015.

A proposta inicial de produzir um programa para a rádio ocorreu logo depois da realização da primeira turma do projeto “Maratona de Rádio”, um curso básico e introdutório ao inverso do rádio para jovens interessados na comunicação radiofônica. Com o término do curso, alguns alunos que concluíram o processo de formação se reuniram para construir o que hoje é o programa “Frequência Cuca”.

Antes de acompanhar o processo de produção e a transmissão do programa Frequência, me apresentei enquanto pesquisador do mestrado para Valdenor Moura, supervisor da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania do Cuca Mondubim.

Nossa conversa foi breve, uma vez que já nos conhecíamos desde o período em que Valdenor era o presidente do Instituto de Desenvolvimento Social e coordenava a TV Janela<sup>10</sup>, e eu um dos jovens que participava dos projetos da Fabrica de Imagens, além de ter contado com a contribuição de Valdenor para construção de minha monografia.

É oportuno dizer que Valdenor Moura atuou, durante muito tempo, nos movimentos sociais do interior do Estado, sobretudo nos movimentos ligados à Igreja Católica. Desse modo, participou da Pastoral da Juventude, das CEBS e foi durante muito tempo uma reconhecida liderança comunitária. Sua aproximação com audiovisual se dá por meio do projeto de vídeo popular do Instituto Nosso chão.

Valdenor vai aprofundar sua formação no campo do audiovisual, no curso básico de cinema e vídeo da Casa Amarela, Instituição vinculada a Universidade Federal do Ceará – UFC. Ele também é sócio-fundador do IDS – Instituto de Desenvolvimento Social, e coordenou durante muitos anos o referido instituto. Também foi um dos principais idealizadores do projeto TV Janela no Pantanal.

---

<sup>10</sup> TV Janela é um projeto do Instituto de Desenvolvimento Social, que teve seu início em 2013, a partir da formação de uma turma de adolescentes do Bairro Planalto Ayrton Senna, em audiovisual.

Ainda naquela ocasião, após o término da conversa, fui para sala de transmissão e gravação, onde se encontravam Issac, Leandro, Manden e Sara, jovens envolvidos no processo de produção e ajustes do roteiro do programa.

Fiquei, por um tempo, me perguntando onde estava o técnico de rádio que não acompanhava aquele processo, mas não externei essa minha curiosidade. Segui observando e, na medida do possível, sem atrapalhá-los, fui me apresentando e conhecendo a equipe que condizia o processo.

Depois de um tempo, Marco Fukuda, jornalista e técnico da rádio do Cuca, chegou ao espaço pedindo desculpas à equipe por não participar da atividade, já que estava resolvendo algumas pendências. Notei que sua ausência não causava danos ao processo, uma vez que os jovens já dominavam a técnica de produção de roteiro, locução e transmissão do programa ao vivo. Algo um pouco diferente do que contatei na Rádio Cuca Barra do Ceará, já que os jovens só podiam ter acesso à rádio com a presença da técnica de rádio do Cuca Barra.

Naquele momento, mesmo sabendo que precisaria de um tempo para compreender melhor aquele contexto, fiquei pensando sobre o quanto era interessante à forma como aqueles jovens da equipe do programa tinham acesso à rádio, aos equipamentos e estavam mais livres, de algum modo, no processo de criação.

Esse meu encantamento por ver a participação dos jovens nesses processos, me deixou sem avançar na observação e na reflexão sobre algumas questões, por exemplo, o conteúdo do programa, que trazia um forte apelo para divulgação das atividades do Cuca Mondubim.

Agora no Cuca do Mondubim, foi quase impossível não me envolver com as ações da rádio, uma vez que a própria sala da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania faz parte da estrutura do estudo da rádio, o que se difere dos demais Cucas, que contam com uma sala para o desenvolvimento de projetos e relatórios, além de contar com o espaço da rádio.

É claro que, se não estivesse tão imerso no desejo de pesquisar a apropriação das juventudes com relação às atividades da Equipe de Comunicação, teria condições de ampliar meus olhares sobre o equipamento e sobre essa relação juventude e comunicação.

Diante dessa minha presença, quase que constante, nas transmissões do programa Frequência Cuca, elaborei um artigo intitulado “Programa “Frequência Cuca””: apropriação e perspectivas dos jovens comunicadores da rádio do Cuca Chico Anysio - Mondubim, que traz algumas observações relevantes sobre o desenvolvimento dessa produção radiofônica.

O trabalho buscava compreender como ocorre o processo de apropriação das etapas que compõem a construção do programa por parte dos sujeitos envolvidos, além de compreender como os ouvintes avaliam essa produção radiofônica, e analisa como esses sujeitos são estimulados a participar do programa.

Esse trabalho foi importante para que compreendesse, de forma clara, que estava cometendo um equívoco em direcionar meu olhar somente para a rádio Cuca, esquecendo assim um que havia em seu entorno.

No artigo, fiz questão de discutir, mesmo que de forma breve ou não aprofundada, sobre que comunicação estava sendo construída no espaço da rádio e que era materializada nas edições do programa analisado. Entendi que era preciso fazer um debate sobre como a comunicação alternativa e popular estava sendo inseridos nos processos de produção do programa.

Para isso, foi fundamental fazer uso das contribuições de Catarina Tereza de Oliveira (2002) e Cecília Peruzzo (1998), para compreender os processos radiofônicos com características comunitárias, como se dava a participação dos sujeitos nesse contexto.

Peruzzo (1998), ao dizer que a rádio comunitária tem por objetivo a transmissão de uma programação de interesse social vinculada ao contexto e realidade local. A partir das ideias da autora e as leituras que faço para aprofundar minhas reflexões sobre o uso equivocado de “comunicação popular” pela Equipe de comunicação do Cuca, entendo não ser possível associar ou dizer que a comunicação em curso nos Cuca, tem relação com os conceitos de comunicação popular.

É bem verdade, e torna-se necessário ser dito, que minhas idas ao campo, foram dificultadas em decorrência de dificuldades financeiras/econômicas que me afastaram do campo, para desenvolver monitoria de um projeto em uma escola do município da

cidade. No entanto, reforço que persistia certa dificuldade em desprender da rádio do Cuca, para me aventurar em compreender melhor o equipamento.

Diante essa minha dificuldade, sou instigado a iniciar uma melhor reflexão sobre o equipamento Cuca e as juventudes que participavam das atividades desenvolvidas pelo Cuca Mondubim.

Para além dessas questões, entender quais motivações levavam os jovens a definirem suas preferências por alguma atividade no equipamento, também se fazia necessária. Assim, também produzi no mestrado uma pesquisa quantitativa e qualitativa, a fim de conhecer melhor o campo. Essa atividade foi muito importante, a meu ver, para avançar no que diz respeito ao conhecimento do campo, compreendo as particularidades e as complexidades presentes no espaço escolhido para o desenvolvimento da pesquisa.

É importante dizer que o trabalho citado também tinha como objetivo trazer algumas respostas sobre os impactos da rádio Cuca Mondubim, sobretudo do programa Frequência Cuca, no cotidiano dos jovens ouvintes e do equipamento como um todo.

Na pesquisa qualitativa, algumas questões apontadas sobre a rádio Cuca e o Programa Frequência Cuca, dizia respeito sobre o não conhecimento dos jovens sobre a existência da rádio e do programa.

Isso poderia ser resultado da ausência de caixas de som que reproduzia os conteúdos radiofônicos em lugares estratégicos, da altura que as mesmas estavam instaladas, ou mesmo das inúmeras atividades em curso no equipamento, no horário de transmissão do programa e dos conteúdos radiofônicos de forma geral.

### **2.3 Mergulhando em Campo: a pesquisa “o perfil das juventudes do Cuca Mondubim”**

Fazendo parte das reflexões que compõe a pesquisa de mestrado, tentamos traçar um perfil das juventudes que participam/ frequentam o Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte - Cuca Mondubim.

Para conseguir traçar esse perfil, optamos pela pesquisa quantitativa, aplicado de questionários nos mais diversos espaços onde ocorriam as atividades ligadas ao cinema,



teatro, dança esporte e da comunicação. O questionário foi aplicado em 51 jovens participantes das atividades do Cuca Mondubim, entre os meses de novembro (2015) a Janeiro de 2016.

Faço uso da pesquisa elaborada e dos resultados que conseguimos alcançar com a mesma, devido ao fato de entender que esse movimento de está em campo, aplicando os questionários nos mais diferentes espaços do Cuca Mondubim, nos mais diferentes horários de funcionamento do equipamento, com mais de cinquenta respondentes, foi fundamental.

Foi a partir desse momento que pude começar a ter clareza sobre o quão complexo é o campo de pesquisa escolhido, e o quanto seria necessária minha imersão no mesmo. Para além dessas questões, os questionários também me permitiu ter mais claro o perfil das juventudes que transitam no equipamento.

De acordo com os dados levantados e tabulados, noto que a maioria dos jovens que participaram do questionário são moradores do bairro Maraponga (17.3%), seguido dos bairros Mondubim, Siqueira e Parque José (11.5%). Com relação à idade, constatamos que os jovens participantes têm em sua maioria 25 anos e 23 anos (13.7%). Em sua maioria, são jovens do sexo masculino (65%), e solteiros (89.8%). Já com relação à escolaridade, a grande maioria tem o ensino médio completo (40%), seguido dos jovens que estão no ensino superior (22%).

A maioria dos jovens participam das atividades do equipamento há mais de seis meses (16%) e apenas 8% há um mês. 58% dos jovens destacam que chegaram ao Cuca por meio de amigos e apenas 2% relataram que chegaram ao equipamento por morarem próximo.

Sobre o estilo de música que gostam, a música eletrônica teve a preferência da maioria (30%) seguida do Rock (54%) e do Pop (40%). Já sobre o espaço que mais gostam de ficar quando estão no equipamento, a maioria dos jovens (24%) escolheram a parte externa do equipamento, seguida do cine teatro (16%).

A maioria dos jovens (84% dos jovens) destacou que gostam de ler, e apenas 16% relataram que não gostam. 57% dos jovens costumam ler jornal e 31% dos jovens costumam ler anime e manga. Apenas 9,5% dos que responderam o questionário,

costumam ler romance. A maioria dos jovens (cerca de 70%) preferem filmes de ação, já 52% preferem filmes de aventura.

É a partir daí que minha estada em campo começa a ter um novo sentido. Começo a perceber que estava fechado em um universo que não me dava condições de compreender melhor o fenômeno que gostaria de estudar. É fato que ainda havia um longo caminho para que tivesse condições de entender o que o campo estava me dizendo, embora tivesse compreendido com a pesquisa, que não poderia esquecer o contexto que estava inserido a Equipe de Comunicação Popular e Cidadania.

#### **2.4 A Equipe de Comunicação Popular e Cidadania e as práticas audiovisuais**

Passado o processo de aplicação dos questionários e tabulação dos resultados, foi reforçada, na orientação, a necessidade de está em campo de forma intensa. Penso que, a partir do processo de aplicação dos questionários, começo a avançar muito no processo de está em campo, se comparado com os primeiros meses de pesquisa, mas ainda precisaria avançar mais, no sentido de compreender melhor o que o campo poderia me dizer.

Já tinha clareza sobre essa necessidade e passei a está de forma mais frequente em campo, buscando não fechar objetivos, mesmo que preliminares, nesse momento. É a partir desse movimento que começo a perceber que a questão da apropriação das ações da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania pelas juventudes deveriam ser colocadas de lado, para que pudesse não limitar o campo ou meu olhar sobre o mesmo.

Em uma das minhas idas ao Cuca, para dar sequência ao acompanhamento das atividades da Equipe de Comunicação, participo do início da oficina Repórter Cuca, um projeto já desenvolvido pela Equipe de Comunicação, mas que essa nova edição teria um novo modelo.

Se antes o projeto era voltado para a formação de jovens nas técnicas radiofônicas para a produção de reportagens para a rádio Cuca, agora o projeto seria voltado para o audiovisual.

Figura 03 – Gravação de entrevista para Rádio Cuca – Repórter Cuca



Fonte: <https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/rede-cuca>

Os jovens participantes teriam formação técnica em audiovisual e, na sequência, produziriam reportagens audiovisuais. A oficina contava com um facilitador, Felipe Cavalcante, que havia sido formado em audiovisual pelo Instituto de Desenvolvimento Social, através da TV Janela.

Quando cheguei só havia dois jovens esperando o início da oficina. Em seguida, chegaram outros jovens que faziam parte do programa Frequência Cuca, os mesmos foram convidados por Valdenor Moura, Supervisor da Equipe de Comunicação popular e Cidadania do Cuca Mondubim, para participarem da oficina.

Não demorou muito para chegar outros jovens. No total, foram seis jovens presentes para a oficina. Desses, havia duas meninas e quatro meninos. Todos moradores de bairros próximos ao Cuca Mondubim, estudantes do ensino médio da rede pública. Havia, porém, na ocasião, uma jovem estudante do curso de jornalismo, bolsista do Programa Universidade para Todos – PROUNI, do Governo Federal.

No primeiro dia, Valdenor, que estava dividindo a oficina com Felipe Cavalcante, apresentou a proposta do projeto Repórter Cuca, que estava voltado para formação de jovens para a produção de reportagens diversas.

Segundo ele, sempre foi realizado em edições anteriores reportagem para a rádio, mas que na atual edição do projeto, os jovens iram produzir reportagens em vídeos.

Valdenor fez questão de destacar o papel social das reportagens, destacando que a Equipe de Comunicação Popular volta-se para o debate sobre a comunicação para a disseminação dos direitos humanos por meio da comunicação.

Na ocasião, foi lido um documento que trazia algumas informações importantes sobre o projeto Repórter Cuca e a rádio Cuca. Valdenor fez uma explanação sobre como funcionaria as oficinas, e aproveitou para apresentar o facilitador Felipe Cavalcante, que irá colaborar com as orientações básicas de como manusear uma câmera e o processo de edição.

Houve uma conversa breve sobre o que vinha a ser comunicação popular e sobre as produções que eram realizadas pelas juventudes na Equipe de Comunicação Popular e Cidadania. Depois do intervalo, fomos ouvir algumas reportagens já produzidas pelos jovens em outras edições do Repórter Cuca.

Foram destacadas algumas características de uma reportagem, que estavam presentes nos áudios que íamos ouvindo. Neste momento, notei que todas as peças apresentadas faziam referência as ações da Rede Cuca, da programação que estava dentro do equipamento. Não havia, por exemplo, uma reportagem sobre os problemas do bairro Mondubim ou sobre temáticas ligadas ao universo das juventudes.

Mesmo com essa inquietação, preferi não compartilhá-la com os demais. Segui acompanhando a exposição do Valdenor e de Felipe, que ressaltaram que a turma iria fazer basicamente aquilo que estava sendo ouvido na rádio, mas no formato de vídeo.

Uma cena curiosa, e que achei muito interessante, foi o fato de o Valdenor apresentar algumas das produções da TV Janela, para os jovens. Ficamos assistindo as produções e comentado aquele movimento interessante que as juventudes do Pantanal fizeram por muito tempo, antes mesmo de se imaginar na existência de um equipamento como o Cuca.

Percebi nesse momento que, para além de textos sobre comunicação popular, Valdenor tinha algo que poucos tinham e que não fazia uso da forma devida, a experiência que adquiriu, por meio do tempo que tocou o projeto da TV Janela.

Já no seguinte dia, Felipe começou o processo de formação básica em técnicas para prática audiovisual. Ao longo desse processo de acompanhamento dos momentos

em que o facilitador Felipe dava orientações sobre a técnica audiovisual, noto uma participação mais expressiva de jovens.

Esses momentos contavam com jovens que já tinham certa experiência em fotografia, locução e audiovisual, uma vez que já participavam de outros cursos no equipamento.

Como as oficinas tinha duração curta, não houve momentos de debate ou reflexão sobre temáticas sociais ou para o debate sobre a comunicação convencional, exceto o primeiro dia, onde foram pontuadas algumas características da comunicação alternativa e popular.

Causou-me estranheza o fato de Felipe está usando de alguns equipamentos da TV Janela para conduzir aquele momento, uma vez que dentro da estrutura do Cuca está um dos mais modernos e equipados estúdio de TV. Perguntei para Valdenor se havia alguma restrição para o uso dos equipamentos do estúdio de TV do Cuca, ele respondeu dizendo que havia certa burocracia e que, para dar celeridade ao projeto, estava fazendo uso dos equipamentos da TV Janela.

A partir das orientações, compreendi que precisaria deixar que o campo pudesse me trazer respostas concretas sobre essa suposta diferença entre a Equipe de Comunicação e os cursos de audiovisual que estavam sendo desenvolvidos no Cuca, por meio da Diretoria de Educação, Esporte e Cultura.

Desse modo, começo a acompanhar também as atividades ligadas ao audiovisual, desenvolvidas pelo Cuca Mondubim. Essas atividades ligadas ao audiovisual ficam sob-responsabilidade da diretoria de Educação, Esporte e Cultura.<sup>11</sup>, responsável pelas demandas relativas a formações, práticas esportivas e programação e difusão cultural.

---

<sup>11</sup> A estrutura do Instituto Cuca conta com um presidente, um assessoria institucional, uma diretoria administrativo-financeira, um diretoria de comunicação social, uma diretoria de direitos humanos, e uma diretoria de Educação, Esporte e Cultura.

Figura 04 – Gravação da Agenda Semanal – Repórter Cuca



Fonte: <https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/rede-cuca>

Esse movimento de acompanhamento e aproximação das ações ligadas ao audiovisual foi importante para que eu pudesse ter mais claro como ocorrem os processos ligados à comunicação, em curso no Cuca Mondubim e quais as diferenças, se é que há, entre a comunicação desenvolvida na Equipe de Comunicação Popular e os cursos de audiovisual, conduzidos pela diretoria de Educação, Esporte e Cultura.

## **2.5 A Equipe de Comunicação Popular e Cidadania e seus processos observados**

Paralelo ao processo de acompanhamento das atividades ligadas ao audiovisual, segui acompanhando também as atividades da Equipe de comunicação Popular e cidadania. Passando por um processo de reestruturação, haja vista que a Equipe de Comunicação agora faz parte da diretoria de comunicação social da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, da Prefeitura de Fortaleza.

Essa alteração fez com que as Equipes de Comunicação Popular dos Cucas entrassem em um processo de planejamento e avaliação de suas atividades nessa nova conjuntura, e assim, as ações da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania do Cuca Mondubim ficaram restrito ao desenvolvimento do projeto “Repórter Cuca”, a produção e transmissão dos programas “Frequência Cuca” e “Cuca Music”.

Fiz um esforço de acompanhar, de forma semana, todas as atividades descritas acima. De modo geral, começo a perceber, de forma mais explícita que os processos de comunicação conduzidos pela Equipe de Comunicação, tinha como foco prioritário a divulgação das ações da Rede Cuca.

Essa constatação se dá no acompanhamento do processo de condução do projeto “Repórter Cuca”. Como já pontuado acima, esse projeto que tinha por objetivo a

formação técnica de jovens em audiovisual, para que os mesmos pudessem produzir reportagens audiovisuais, com foco em assuntos ligados ao contexto social, passa a ter uma “tarefa” prioritária, a produção de uma agenda semanal das atividades que serão ofertadas pela prefeitura, por meio do Cuca, para a população.

Desse modo, os jovens, sob orientação e acompanhamento do técnico da rádio cuca, são convocados a irem ao Cuca para gravações audiovisuais, que fazem referencia as atividades do Cuca Mondubim e compõe um vídeo, com apelo institucional.

Nas gravações e edições que acompanhei notei a ausência de uma participação efetiva dos jovens no processo de construção da atividade acima citada, cabia aos mesmos o manuseio do equipamento e a apresentação das cabeças dos vídeos.

Após o processo de produção, gravação e finalização dos vídeos, o material era colocado para avaliação da diretoria de comunicação social para posterior divulgação nas redes sociais da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude e nas salas de cinema dos Cucas.

Figura 05 - Cartaz de divulgação do projeto Repórter Cuca.



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/comunicacaopopularmondubim/>

Importante dizer que, como não havia uma estrutura nas Equipes de Comunicação Popular e Cidadania dos outros Cucas, o Cuca Mondubim ficou responsável por produzir as agendas dos demais Cucas.

Ainda, com base no acompanhamento das atividades, estive presente nas produções e transmissões dos programas “Frequência Cuca” e “Cuca Music”.

Como já analisado para produção de dois artigos, ao longo do processo de mestrado, o programa “Frequência Cuca”, seguiu a lógica de abrir mão de uma produção voltada para a elaboração de uma peça radiofonia destinada para, em grande parte de seu conteúdo, a divulgação de ações da gestão municipal, através da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, por meio da Rede Cuca.

Figura 06 – Transmissão do Programa “Frequência Cuca” – Rádio Cuca Mondubim



Fonte: Augustiano Xavier (2016)

No entanto, se por um lado essa constatação de que o referido programa radiofônico continha mais conteúdo institucionais e menos conteúdos voltados para discussões de questões sociais, já havia sido explorada em artigos, por outro, novos fatos começaram a ficar mais claros, em decorrência da minha maior permanência em campo.

Por exemplo, constatei que não havia um planejamento para definição de temas que fariam parte do quadro de debates ou entrevistas do programa, por sinal, único quadro voltado para assuntos que não faziam relação com as ações institucionais da Rede Cuca, me causou certo incomodo.

Essa questão tem um valor importante uma vez que é por meio de espaços voltados para discussão e reflexão de assuntos que permitiria uma melhor desenvoltura dos jovens nesse momento do programa.



Além disso, a ausência de uma reunião de avaliação e reflexão sobre as produções radiofônicas realizadas, também foi um fator que me fez pensar sobre a forma como os processos comunicacionais estavam sendo conduzidos na Equipe de Comunicação.

Como se não bastasse não haver encontros de planejamento e discussão de pauta, de forma permanente ou sistemática, a não realização de encontros de avaliação e reflexão, por parte dos jovens participantes, me fez pensar se basta, efetivamente, garantir a produção, e pouco avançar na discussão dos processos em que estão em curso pela Equipe de Comunicação.

Além disso, foi interessante constatar o quanto a Equipe de Comunicação Popular e Cidadania se apropriou das ideias e conceitos de comunicação alternativa e popular para justificar e sustentar sua existência e suas ações, mas que na prática as produções trazem muito mais traços de uma comunicação pública que de uma comunicação alternativa e popular, que busca romper com a lógica da comunicação convencional.

De algum modo, se fogem dessa lógica a comunicação convencional, por outro suas ações começam a ser pautadas pela comunicação institucional, elaborando peças que não colaboram para uma reflexão sobre problemas sociais, mas que ajudam a fortalecer um projeto político da Gestão Municipal.

Assim, penso que esse seja um caminho possível para nossas reflexões na pesquisa proposta. Pensar como poder público, por meio da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude e da Rede Cuca, vem fazendo uso e se apropriando de conceitos da comunicação alternativa e popular para legitimar ou publicizar suas ações institucionais.

## **2.6 O audiovisual no Cuca Mondubim: algumas reflexões preliminares**

Ao ter clareza sobre a importância de se aproximar das ações ligadas ao audiovisual do Cuca Mondubim, volto ao campo com a missão de aprofundar ainda mais as observações, agora direcionado a aprofundar nesse fenômeno. Começo a está mais presente no equipamento e a acompanhar de forma permanente alguns cursos de audiovisual, conduzidos pelo professor Kiko Alves.

Kiko Alves é professor do Cuca Mondubim, onde atua exclusivamente na condução dos processos de formação audiovisual do equipamento. Desse modo, fica responsável por conduzir outros projetos ligados ao audiovisual, como por exemplo, a produção do programa “Conexões Periférica” e da TV Marmota.

É oportuno dizer que Kiko Alves é graduado em Jornalismo pela Faculdade Estácio e cursou filosofia na Universidade Estadual do Ceará. É especialista em antropologia visual, e atua desde 2003 em gestão de projetos sociais voltado para criação e implantação de um pensamento audiovisual no terceiro setor.

Kiko Alves também é sócio fundador do projeto Alpendre Casa de Arte Pesquisa e Produção e de sua extensão NoAr Alpendre Casa de Cultura e Cidadania e é sócio fundador do LAI Laboratório Antropologia e Imagem da Universidade Federal do Ceará. Ele é sócio presidente da produtora de filmes independente, MUCAMBO - Laboratório Audiovisual de Experimentações Estéticas, onde atua como videomaker, tendo realizado vários trabalhos audiovisuais desde sua fundação, alguns premiados com diversos prêmios e concorrido em mostras competitivas em alguns festivais<sup>12</sup>.

Essa breve e superficial exposição da trajetória desse profissional é um dado importante para nos ajudar a compreender melhor como vem sendo conduzidos os processos ligados à prática audiovisual no Cuca Mondubim.

De início, o audiovisual do Cuca trabalha com algumas frentes, que foram acompanhadas por mim, ao longo do processo de acompanhamento. São elas: formação básica em audiovisual; cursos de fotografia para cinema; programa conexões periféricas e projeto TV Marmota.

Minha primeira atividade de acompanhamento das ações do audiovisual no Cuca Mondubim foi à reunião do projeto “Jovens Comunicadores<sup>13</sup>”. Ao chegar à sala onde estava ocorrendo à reunião, percebo que está havendo uma discussão sobre acessibilidade. Havia um grande debate sobre o tema entre os jovens presentes e o

---

<sup>12</sup> Kiko Alves foi um jovem morador de Bom Jardim, bairro da periferia de Fortaleza, e conta uma trajetória marcada por experiências em diversas ONGs, dentre elas o Alpedre. Foi nessa ONG que Kiko Alves passou de um jovem aprendiz para um dos sócios da instituição.

<sup>13</sup> O projeto Jovens Comunicadores nasce a partir de uma parceria entre a Prefeitura de Fortaleza, por meio da Rede Cuca, e a TV Ceará (TVC), emissora pública do Governo do Estado. A iniciativa é uma oportunidade de ensino-aprendizagem em contexto de trabalho em que os jovens poderão aprofundar o interesse pela produção de conteúdo, a partir de tecnologias audiovisuais, eletrônica e alternativas no convívio e com o auxílio dos educadores da Rede Cuca, assim como a troca de ideias com convidados com experiência no mercado local.

professor Kiko Alves, responsável pelo processo de formação em audiovisual no Cuca Mondubim.

Ainda sobre a reunião do projeto “Jovens Comunicadores”, notei que o professor orientava que os jovens pudessem aprofundar suas pesquisas sobre o tema da acessibilidade, buscando não limitar o debate em questões que se relacionava somente ao que se referia ao deslocamento das pessoas com deficiência, mas que pudessem travar uma discussão de gênero, de cultura e de educação.

Figura 07 – Gravação Programa Conexões Periféricas no Cuca Mondubim



Fonte: Augustiano Xavier (2016)

Esse debate fazia parte de um processo de construção das pautas para o programa “Conexões Periféricas<sup>14</sup>”. O momento funcionava como uma chuva de ideias, que iria se transformar em pautas para os quadros do programa.

As sugestões estavam sendo discutidas pela equipe e o professor fazia os questionamentos sobre as pautas sugeridas. O mesmo chegou a dizer que tudo seria

---

<sup>14</sup> Conexões Periféricas é um programa realizado por alunos da Rede Cuca, projeto desenvolvido pela Prefeitura de Fortaleza e a TV Ceará. Com meia hora de duração, o programa apresenta as culturas juvenis das periferias de Fortaleza de uma forma bastante singular. O projeto começou a ser gestado em junho deste ano e conta com a supervisão dos coordenadores e professores dos equipamentos municipais da Barra do Ceará, do Mondubim e do Jangurussu. Ao todo, 27 jovens participam de atividades de formação e produção em audiovisual. Informações da pagina oficial do programa Conexões Periféricas no Facebook: <https://www.facebook.com/events/626835650800572/> Acesso em: 14/06/2016.

levado em consideração, desde que os mesmos apresentassem argumentos capazes de garantir a defesa das propostas elaboradas.

Ao longo dos dias em que fiz o acompanhamento dos processos ligados à produção do programa “Conexões Periféricas”, notei certa liberdade no processo de produção, gravação e no processo de criação, mesmo com algumas ressalvas sobre os assuntos a serem abordados no programa, pelo professor Kiko.

Outra atividade que acompanhei, foi o curso de introdução à produção de documentários, um projeto voltado para a formação básica em audiovisual e a linguagem documental. O projeto já estava em curso quando comecei a acompanhar, mas na ocasião tive a oportunidade de participar da aula na qual os jovens participantes estavam discutindo quais os assuntos poderiam ser tratados nos documentários que seriam produzidos, ao longo do curso.

Ao participar das atividades, compreendi que precisava entender melhor o modo como Kiko Alves conduzia aquelas discussões, quais suas motivações e os objetivos que gostaria de alcançar com aquelas reflexões sobre olhares para a cidade.

Essa discussão se pautava no trabalho que o professor desenvolverá no último curso de introdução a produção de documentários, onde trabalhou com o tema “Cidades”. Como vemos nossa cidade, as ruas, as transformações que passou ao longo do tempo e ainda passa entre outras, eram algumas indagações postas pelo professor.

Os jovens ali presentes começaram, a participar da discussão, a destacar o quanto a cidade de Fortaleza mudou, frisando a existência de uma grande separação e de certa ausência de humanidade por parte das pessoas que moram na cidade, diferente daquelas que moram no interior. Foi destacada a violência como ponto negativo, o tráfico de pessoas, o turismo sexual etc.

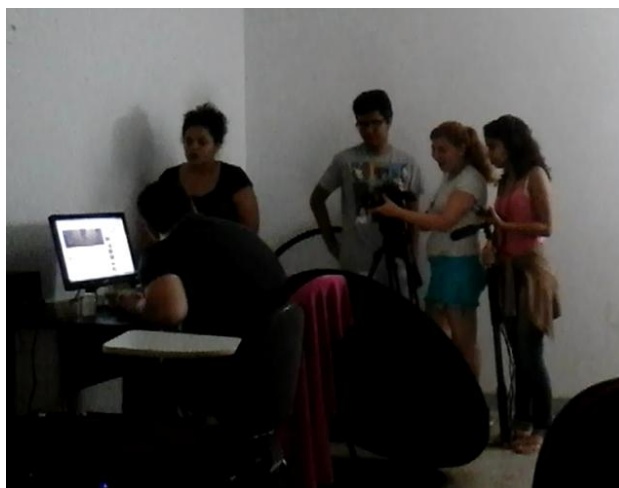
Depois de uma longa discussão, o professor Kiko disse que os documentários iriam ter como foco prioritário, a reflexão apontada no trabalho de Italo Calvino, 'As Cidades Invisíveis'.

No trabalho, o autor coloca a cidade afastada do conceito geográfico para se tornar o símbolo complexo e inesgotável da existência humana. Cada cidade tem o nome de uma mulher e é caracterizada de modo metafórico, subjetivo e existencial.

São cidades imaginárias, mas que, ao mesmo tempo, também pode ser qualquer uma que a gente conhece. São elas: as cidades e a memória; As cidades e o desejo; As cidades e os símbolos; As cidades delgadas; As cidades e as trocas; As cidades e os olhos; As cidades e o nome.

Depois da apresentação da obra, Kiko Alves sugeriu que cada jovem participante pudesse escolher um capítulo para desenvolver um esboço do que pretendiam narrar em seus documentários. Feita a divisão, Kiko ainda apresentou alguns documentários para que fosse possível dar uma dimensão aos participantes sobre para que caminho pudesse seguir ao produzir seus documentários.

Figura 08 – Gravação de Documentários – Curso de fotografia para cinema



Fonte: Augustiano Xavier (2016)

Todos os participantes gravaram seus documentários por meio de aparelho celular. Foi uma espécie de “grande exercício” para colocar em prática os conhecimentos construídos no período de curso, tendo a oportunidade de aprofundar esses conhecimentos em outro curso.

É importante dizer que, em decorrência do número considerável de atividades acompanhadas, não conseguiu elaborar dados mais concretos sobre o perfil das juventudes que participavam das ações ligadas ao audiovisual.

No entanto, é possível dizer, de modo geral, que as juventudes eram moradoras de bairros próximos ao Cuca, estudantes de escolas públicas, que estavam ainda

cursando o ensino médio ou já haviam concluído. Havia também a presença de jovens universitários e já graduados em cursos ligados a comunicação.

Em outra ocasião, acompanhei a gravação de um dos quadros do projeto TV Marmota. Esse projeto está ligado aos cursos de audiovisual da diretoria de educação, e tem por objetivo a produção de uma TV que fizesse uma espécie de sátira das produções que são veiculadas na mídia convencional.

Fazem parte desse projeto, jovens que já participaram das formações em audiovisual no Cuca Mondubim. O projeto ainda está em fase de testes, com gravações de quadros e sem uma edição fechada. Há uma previsão de que esse conteúdo seja veiculado via internet e em espaços abertos no Cuca Mondubim.

Quem me sugeriu acompanhar essa ação foi o professor de audiovisual do Cuca Mondubim, Kiko Alves. Para ele, o projeto é bem interessante, uma vez que é produto não só de um curso técnico, mas de algumas discussões sobre a mídia convencional e seu impacto no cotidiano das pessoas. Desse modo, segundo Kiko, há reunião de pauta e discussões sobre assuntos que poderão compor a TV Marmota.

No acompanhamento da gravação de um dos quadros, notei uma apropriação bem significativa dos jovens com relação ao uso dos equipamentos e uma liberdade em criar seus conteúdos. Por exemplo, nesse dia, a gravação era de um quadro de um dos jovens, chamado de “Coisas coisadas”.

Figura 09 - Gravação para o Programa TV Marmota – Cuca Mondubim



Fonte: Augustiano Xavier (2016)

Nele, o jovem iria passar notícias bizarras e “pouco comuns” que estão acontecendo no Brasil e no Mundo. Por exemplo, no texto estava a notícia de que um homem havia sido preso por não devolver fitas VHS para locadora.

Na gravação, o jovem ainda deu um tom de apresentador de programa policial, criando um ar de sensacionalismo. Mas além dessa liberdade na criação, havia também um domínio sobre a técnica que me surpreendeu. Na equipe, há câmeras, assistentes, equipe do suit, e uma diretora. Cada um, conhecedor de sua função e do manuseio dos equipamentos.

Outro ponto importante é que Kiko não participou do processo, muito menos um técnico estava presente. Isso pode demonstrar certa liberdade que os jovens têm na produção dos conteúdos. Mas precisamos ainda verificar até que ponto essa liberdade ocorre. A gravação não demorou muito. O apresentador e também criador do quadro gravou quatro vezes e, em seguida, houve a parte externa, como perguntas aos jovens sobre a veracidade das notícias bizarras.

Notei que somente o criador do quadro estava por dentro do assunto do mesmo, o que me fez pensar sobre o que Kiko havia me falado sobre as reuniões que existiam para fechamento de pautas e sobre as discussões e reflexões presentes no processo, como destacou.

Ao acompanhar essas atividades e outras ligadas ao audiovisual do Cuca Mondubim, compreendi que seria necessário buscar entender melhor qual a comunicação estava sendo desenvolvida no equipamento. Essa comunicação audiovisual que se apresentava, a priori, trazia muitos traços da trajetória do professor Kiko Alves, sobretudo com seu trabalho desenvolvido na ONG Alpendre, onde desenvolveu projetos audiovisuais com jovens da periferia da cidade.

Nas atividades que acompanhei o professor Kiko Alves, por exemplo, deixava claro que as produções precisavam romper com os olhares já postos pela mídia tradicional. Que a comunicação produzida pelas juventudes precisava ser mais reflexiva, mostrar mais o cotidiano, o belo das comunidades etc. Entretanto, por meio dos programas analisados e do acompanhamento etnográfico vou compreendendo que essa é uma proposta ainda em construção.

Com base nas atividades acompanhadas ao longo do processo de pesquisa, notei certa aproximação das práticas comunicacionais com as ideias de comunicação pública. Ao longo das próximas linhas, apresento outros elementos que nos ajudaram a compreender melhor esse movimento e como esses aspectos serão fundamentais para elaborar um caminho possível para a pesquisa.

## **2.7 Das ideias de comunicação alternativa e popular à comunicação pública**

As reflexões e questionamentos que faziam parte do meu projeto de pesquisa para seleção do mestrado tinham uma forte relação com o trabalho de monografia. Foi a partir desse trabalho e da minha trajetória enquanto jovem comunicador popular, que elaborei algumas questões relevantes, a meu ver, para o mestrado.

Depois de apresentar, na monografia, o que seria o então Núcleo de Comunicação Popular e Cidadania do Cuca Barra do Ceará, trazendo uma reflexão sobre como essa política pública estava voltada para a discussão sobre a democratização da comunicação, me vi instigado a compreender como as juventudes estavam se apropriando desses espaços que buscavam, de algum modo, fomentar a reflexão, produção e disseminação de conteúdos alternativos, que fossem contra a lógica da comunicação convencional.

Assim, o desejo inicial no mestrado seria estudar como ocorre a apropriação das juventudes com relação às ações dos Núcleos de Comunicação Popular e Cidadania dos Cucas. A primeira questão que foi evidente nos primeiros meses de mestrado está relacionada ao fato de não conseguir fazer uma pesquisa com essa envergadura. Pesquisar essa apropriação em todos os três Cucas – Cuca Barra do Ceará, Mondubim e Jangurrussu, como previa meu projeto, seria impossível nos dois anos de mestrado.

Desse modo, a delimitação do objeto e escolha do campo de pesquisa foi algo que ficou claro desde os primeiros meses de mestrado. Mas minhas questões ainda não estavam fechadas ou bem elaboradas e não se limitavam tão somente a compreensão de delimitação do objeto.

Como já destacado, minha insistência em seguir, por um bom tempo, com essa proposta de pesquisar a apropriação das juventudes com relação às ações dos Núcleos de Comunicação Popular e Cidadania dos Cucas, me fez não avançar nos primeiros semestres de pesquisa.



Essa situação só começa a mudar quando inicio um intenso processo de acompanhamento das atividades do Cuca Mondudim e a me desligar desse meu desejo inicial, proposto no projeto de pesquisa. A partir daí, começo a compreender que minha estada em campo seria fundamental para a pesquisa.

Quando percebo a necessidade de compreender melhor o campo, não ficando preso ou refém ao espaço da rádio cuca, como fiz algo logo dos primeiros semestres, descubro um campo novo, complexo e cheio de questões que poderia me ajudar a encontrar um caminho possível para minha pesquisa.

É nesse movimento, nessa compreensão de que é preciso está em campo de forma permanente e, sobretudo o deixar falar, como ressaltava professora Catarina, é que vai mostrando esse caminho possível para pesquisa.

Quando começo a está mais presente nas atividades desenvolvidas pela Equipe de Comunicação Popular e inicio um processo de acompanhamento das atividades ligadas ao audiovisual, é que vou construindo uma saída para minha pesquisa.

Percebo que o caminho pensando inicialmente para a pesquisa poderia está deslocado ou ausente de uma reflexão anterior a da apropriação das juventudes com relação a atividades da Equipe de Comunicação.

Desse modo, compreender que comunicação está sendo desenvolvida no Cuca Mondubim, quais as nuances presentes nos processos comunicacionais e como os conceitos comunicação alternativa e popular estão sendo usados pelo poder público, sejam questões primeiras nesse processo em curso na Rede Cuca, sobretudo no Cuca Mondubim, onde desenvolvo minha pesquisa. Nessa perspectiva, acredito ser oportuno melhor detalhar como a comunicação alternativa e popular surge nas ações da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania.

Fazendo uso do documento intitulado “Comunicação Popular e Cidadania”<sup>15</sup>, é possível compreender que, de forma teórica a comunicação alternativa e popular se apresenta nas ações da Equipe, mesmo que na prática a realidade seja outra.

---

<sup>15</sup> O documento mencionado fez parte do material de apoio que o supervisor da Equipe de comunicação popular e cidadania e foi lido para os participantes no primeiro dia de atividade.

O referido documento já nas primeiras linhas faz uso dos conceitos de Cicilia Peruzzo (2006) e Mário Kaplún (1985), para que, de algum modo, esses conceitos sejam referências para o trabalho a ser desenvolvido. Sobre as ideias de Peruzzo, há a seguinte citação:

Historicamente o adjetivo popular denotou tratar-se de “comunicação do povo”, feita por ele e para ele, por meio de suas organizações e movimentos emancipatórios visando à transformação das estruturas opressivas e condições desumanas de sobrevivência. (Peruzzo, 2006).

E com o intuito de reforçar uma suposta preocupação em se trabalhar com uma comunicação alternativa, o mesmo documento ainda cita as ideias de Mário Kaplún (1985), onde reforçava o caráter libertador e transformador presentes nas ideias de comunicação alternativa e popular, “Uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista (Kaplún, 1985)”.

Sobre os objetivos que sustentava a lógica de se ter um espaço como o da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania no Cuca, o documento trazia uma definição sobre as atribuições da mesma.

No item 2.1, onde destacava sua missão, que, segundo o documento, ressaltava o papel de garantir espaço para oportunizar as juventudes que suas vozes fossem potencializadas e a luta pela democratização da comunicação também estivesse presente no desenvolvimento de seu trabalho. “Potencializar as vozes locais através de ações de formação e visibilidade dos jovens, suas famílias e comunidades a que pertencem, buscando o empoderamento desses grupos no que concerne à técnica, à ética, à cidadania e à luta pela Democratização dos Meios de Comunicação e a garantia dos Direitos Humanos e da Proteção”.

Ainda sobre a Equipe de Comunicação popular e cidadania, no item 2.2 que tratava dos objetivos, o documento assegurava, dentre outras questões, a luta pela democratização da comunicação em Fortaleza, o fomento de grupos de jovens comunicadores dentre outros. “I – Estruturar-se como marco referencial de Democratização da Comunicação em Fortaleza, buscando articular diferentes atores e canalizar o conjunto de atividades para este fim; II – Articular parcerias para criação de rede de comunicadores populares, levando as pautas da juventude para o centro dos debates de comunicação na cidade; III – Formar e fomentar na Rede Cuca grupos de

jovens comunicadores, desenvolvendo mecanismos e plataformas que possibilitem a ação colaborativa e que permitam a apropriação de diferentes áreas de conhecimento e o uso diversificado de linguagens e mídias; IV – Desenvolver um instrumental próprio de capacitação na temática dos Direitos Humanos e da Proteção Social, voltado principalmente para a formação dos jovens comunicadores, mas contemplando também outros grupos interessados em propagar o tema em meios de comunicação populares; V – Auxiliar no desenvolvimento dos canais de difusão das ações e dos eixos temáticos da Comissão de Direitos Humanos e Proteção Social e da própria Diretoria de Promoção de Direitos Humanos; VI – Elaborar metodologias diferenciadas para as formações em Direitos Humanos que serão ofertadas pela Comissão, estando responsável por estabelecer parcerias com outras equipes e setores da Rede Cuca na criação de materiais de apoio; VII – Estabelecer parcerias que ampliem a ação da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania, potencializem o trabalho da Comissão e propiciem novas oportunidades aos jovens, quer sejam comunicadores ou não”.

Essa informação que o presente documento traz é de fundamental importância para que tenhamos uma dimensão sobre o que diz o documento oficial e o que na prática vem ocorrendo no desenvolvimento das ações da Equipe de Comunicação.

O processo que é desenvolvido no projeto Repórter Cuca, é um exemplo sobre o distanciamento dos conceitos de comunicação alternativa e popular e a aproximação das ideias presentes na comunicação institucional. Relembro que nesse projeto, os jovens participantes serão instigados a produzir reportagens audiovisuais com foco nas ações que são realizadas no equipamento.

Reportagens sobre protagonismo juventude, juventude e trabalho, juventude e sexualidade, sobre as dificuldades e potencialidades encontradas nos bairros onde os participantes moram, não foram temáticas que se fizeram presentes no processo de criação dos roteiros.

Outro exemplo da incorporação das práticas da comunicação pública em processos ligados a comunicação alternativa e popular, se refere ao Programa “Frequência Cuca”, que tem por principal objetivo a divulgação das ações do Cuca Mondubim.

A comunicação produzida ali se destina a produção de conteúdo ligado à comunicação institucional, sendo aberto pouco espaço na estrutura de seu roteiro para o debate de questões relativas ao contexto social e a realidade das juventudes participantes.

Assim, constato que há certo direcionamento para que as produções da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania estejam voltadas para a divulgação das ações da Rede Cuca, se distanciando dos conceitos presente no documento acima citado, e se aproximando, de forma cada vez mais intensa, da comunicação institucional.

As últimas mudanças ocorridas na estrutura de funcionamento do equipamento, que vinculou as Equipes de Comunicação Popular e Cidadania a Diretoria de Comunicação social, e a presença mais permanente do diretor de comunicação social da Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude no espaço de funcionamento da Equipe de comunicação popular do Cuca Mondubim, precisam ser melhor analisadas, buscando compreender possível impacto no direcionamento das ações desenvolvidas.

É nessa conjuntura de mudança que vou perceber, de forma mais clara, que o projeto “Repórter Cuca” irá formar jovens para a produção de conteúdos institucionais para serem veiculados nas redes sociais e nos espaços do Cuca.

A proposta de Valdenor Moura de lança uma “Agenda Cultural”, com o papel de divulgar as principais ações semanais do equipamento com a participação dos jovens participantes do projeto “Repórter Cuca”, irá fortalecer o questionamento sobre o uso da comunicação alternativa pela comunicação institucional, e se tornará um caminho interessante para minha pesquisa.

A discussão e reflexão sobre como os conceitos de comunicação alternativa e popular estão sendo usados pelo poder público para fortalecer a comunicação pública, deixando de ter um papel de reflexão e promoção de outra comunicação, que esteja do lado contrário as produções da comunicação convencional, é algo que precisar ser travado na pesquisa.

Ressalto que mesmo com constatação preliminar acima exposta, é fundamental que haja um maior aprofundamento sobre esse movimento que vem ocorrendo no Cuca

Mondubim, buscando compreender esse fenômeno em sua integralidade e complexidade.

Reforço que esse caminho tem importante relevância haja vista o movimento em curso na cidade de Fortaleza, onde o poder público cria espaços que supostamente são voltados para produção de uma comunicação alternativa, e para a reflexão dos impactos da comunicação convencional, sobretudo no cotidiano das juventudes da periferia, mas que pode está voltado para a divulgação de suas ações, se aproximando de uma comunicação institucional e não alternativa.

Minha presença mais constante no equipamento também foi fundamental para que começasse a surgir algumas categorias que avalie serem necessárias para a pesquisa. Desse modo, movimentos sociais, comunicação alternativa e popular, rádios comunitárias, vídeo popular, comunicação pública e apropriação, são as categorias que vão sustentar as reflexões do presente trabalho.

Nessa perspectiva, irei apresentar nas próximas linhas, algumas reflexões teóricas metodológicas sobre as categorias citadas acima, buscando trazer um material teórico capaz de ajudar nas reflexões que a presente pesquisa se propõe a fazer.

### **3- A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E POPULAR NO CENTRO DA REFLEXÃO**

A proposta deste capítulo é apresentar algumas reflexões de natureza teórica metodológica, que terão como objetivo problematizar alguns conceitos fundamentais para compreender melhor as relações existentes entre as categorias de movimentos sociais, comunicação popular, comunicação pública e apropriação.

Como já destacado no capítulo anterior, após o processo de observação e acompanhando do campo, começamos a perceber certa necessidade de melhor discutir e aprofundar as formas e métodos presentes nos processos comunicacionais em curso no Cuca Mundubim.

O campo nos revelou ser necessário verificar se esses processos comunicacionais em cursos nas atividades do Cuca Mondubim, estão voltados ou apresentam alguma relação com as ideias de comunicação alternativa e popular ou se estão distantes desses conceitos, atuando como braço da comunicação do poder público, chamada atualmente de “Comunicação Pública”.

Neste capítulo, procuro detalhar o conceito de comunicação popular, buscando construir um referencial teórico capaz de apresentar uma espécie de retomada histórica sobre a comunicação alternativa popular ao longo dos anos e sua relação com os movimentos sociais.

Esse movimento torna-se importante, uma vez que as ações comunicacionais em desenvolvimento no Cuca Mondubim, fazem referência aos processos ligados à comunicação popular ou a tem como conceito presente nessas ações.

Busco também, para colaborar com a discussão teórica posta, trazer algumas ideias relativas às experiências com as rádios comunitárias e a proposta do vídeo popular, além de trazer uma conceituação da categoria comunicação pública e apropriação.

Minha intenção é, a partir das reflexões teóricas e históricas, avançar na compreensão das práticas comunicacionais ligadas a comunicação popular, sobretudo relativa às produções radiofônicas produzidas na rádio Cuca e nas produções audiovisuais que são desenvolvidas pelo equipamento. Assim, tentaremos refletir sobre

os possíveis impactos do espaço institucional nas práticas comunicacionais do Cuca Mondubim.

Nas primeiras linhas a seguir, procuro, de forma breve, apresentar as principais ideias sobre os movimentos sociais, trazendo um breve relato histórico sobre esse fenômeno no Brasil, procurando realizar um entrelaçamento entre as ideias construídas sobre os movimentos sociais e a comunicação alternativa e popular.

Tento, desse modo, compreender melhor os processos que vão colaborar para o surgimento dos movimentos sociais, buscando verificar a relação existente entre esses dois fenômenos. Sobretudo, buscando compreender como o contexto dos movimentos sociais populares se tornou fundamental para o surgimento e fortalecimento das práticas de comunicação popular e alternativa.

Essa reflexão será relevante também para que situemos o caráter do contexto em que as práticas comunicacionais vivenciadas no Cuca Mondubim se encontram e quais relações guardam com a comunicação popular e alternativa.

Desse modo, nas próximas linhas, trago uma breve reflexão sobre os movimentos sociais populares, buscando apresentar brevemente o contexto em que surgem, suas principais características e alterações que vão ocorrer ao longo do tempo nesse processo.

### **3.1 Dos movimentos sociais populares à comunicação alternativa e popular**

Como já pontuado acima, a compreensão da relação entre os movimentos sociais e a comunicação popular, precisa ser melhor entendida para que seja possível avançar nos objetivos da presente pesquisa. Dessa maneira, penso que compreender o contexto em que surgem os movimentos sociais populares, as ideias que compõe essa categoria e sua contribuição para a sociedade, sejam fundamentais para que entendamos essa relação entre os movimentos sociais populares e a comunicação popular.

Segundo Peruzzo (1998), ao longo dos anos, no Brasil, vamos verificar uma série de manifestações de movimentos que irão se organizar para reivindicar direitos, lutar em prol da vida, da liberdade e da justiça social. Essa realidade pode ser

comprovada, por exemplo, com a atuação do Quilombo dos Palmares (1690-1695), do Movimento da Cabanagem (1831-1840) e da Greve de 1917.

Para Gohn (2013), será o contexto social dos anos de 1695 – 1695, marcado por uma intensa desigualdade social, que servirá de cenário para o surgimento dos movimentos sociais, que lutarão por melhores condições sociais e por uma sociedade mais justa e igualitária.

Para a autora, serão sujeitos que, motivados a lutar por direitos sociais e em defesa da vida, irão se reunir em grupos para reivindicar por mudanças sociais. Essas lutas estão relacionadas ao direito a moradia digna, a uma saúde pública eficiente, a segurança, a igualdade de gênero, a igualdade racial, religiosa etc.

Essas manifestações terão em seu contexto características específicas, e poderão ser observadas nos movimentos sociais populares e no movimento sindical, que irão lutar pela construção de novas perspectivas para a sociedade, tendo como foco a luta por melhores condições no campo do trabalho e da sociedade de forma geral.

Segundo Gohn (2013), inicialmente, a partir de 1840, o termo será ligado aos movimentos operários na Europa, representando uma organização dos trabalhadores que iram se reunir por meio de sindicatos e partidos políticos.

Essas ideias iniciais vão determinar o que seria os movimentos sociais, o que não estivesse em consonância com essas ideias, não poderia ser definidos como tal, segundo a autora. Para Gohn (2003), existe uma grande dificuldade de nomear outros tipos de “movimentos” que não se aproximassem do mundo operário-sindical.

Havia algumas outras experiências ditas “participativas” que começaram a ser denominadas de “populares”, mas ainda sem muita clareza de que se tratava de movimento social, por não terem como objetivo direto com a revolução de operariado. (GOHN, 2003, p.64).

Nesse contexto, os movimentos sociais podem ser definidos como iniciativas que se pautam por uma proposta sócio-político e cultural, que se concretizavam por meio da participação de diversos sujeitos sociais, que se organizavam e se expressavam por suas demandas e bandeiras de lutas.

Santoro (1989), em sua definição sobre os movimentos sociais, destacará seu caráter democrático e popular. O autor ressalta o processo produtivo que compõe esses



movimentos, apresentando algumas organizações sociais que podem ser compreendidas como movimentos sociais.

Todas as formas de mobilização e organização de classes populares, direta ou indiretamente vinculadas ao processo produtivo, tanto na cidade como no campo. São movimentos populares as associações de bairro, os clubes de mães, os grupos organizados em função da luta pela terra, e outras formas de luta e organização popular. Faz parte também o movimento sindical, que por sua própria natureza tem um caráter de classe, definido pelas categorias profissionais que dele fazem parte. (SANTORO, 1989, p. 59).

Alguns autores vão dizer que quando os movimentos sociais chegam a alcançar seus objetivos de luta, se poderá ameaçar sua organização e sua força de mobilização, já que para eles não haveria sentido essa mobilização e articulação depois de alcançar determinadas vitórias, tornando o movimento, em alguns casos, pontual. Esse contexto pode ser justificado pela falta de consciência política dos sujeitos envolvidos nos movimentos sociais.

Contudo, os movimentos populares irão ocupar cada vez mais seu espaço na sociedade, mesmo com algumas restrições e limitações. Essas organizações vão, dessa maneira, contribuir, para que seja possível a construção da cidadania, além de colaborar para diversos outros contextos, como já destacado acima quando tratamos das contribuições dos movimentos sociais.

Segundo Gohn (2006), novos conceitos vão ser criados e incorporados às novas perspectivas de atuação dos movimentos sociais. Responsabilidade social, compromisso social, desenvolvimento sustentável, protagonismo social, capital social etc, serão inseridos ao universo dos movimentos sociais.

Ao longo dos anos, serão observadas algumas alterações no processo de atuação dos movimentos sociais. Novas formas de organização e outras bandeiras de luta serão incorporadas ao processo e outros movimentos irão surgir com o intuito de se trava uma discussão mais específica, surgindo novos debates e reflexões que ainda não haviam sido travadas pelos movimentos sociais de forma mais intensa.

Desse modo, Gohn (2011) ressalta algumas das características que irão marcar os chamados “novos movimentos sociais”. Segundo a autora, os novos movimentos sociais serão marcados pela defesa das culturas locais, demonstrando grande

preocupação com os graves efeitos negativos que a globalização irá trazer para a desvalorização da cultural local.

Os novos movimentos sociais também irão, segundo a autora, lutar pela ética na política e o acompanhamento sistemático das ações do estado. Será possível verificar ainda uma preocupação com questões de difícil discussão na sociedade, como sexo, religião, valores etc.

Diante do exposto, ao longo do tempo, os movimentos sociais irão se reinventar, buscando ampliar suas lutas, sempre tendo a conjuntura política, econômica e os contextos sociais, como principal mote para que sua organização, articulação, mobilização se concretize. Com essa mesma característica, vamos verificar nas próximas linhas, que a comunicação alternativa e popular também terá seu surgimento articulado com a luta contra a opressão e a injustiça.

Abaixo, dedicamos espaço para tentarmos entender, a partir desse contexto, como a comunicação popular irá ser integrada as lutas dos movimentos sociais, atuando como um instrumento importante para o fortalecimento dos processos reivindicatórios que perfazem os contextos dos movimentos sociais ao longo do tempo.

### **3.2 A comunicação popular: características e relação com os movimentos sociais**

Como já destacado, as práticas comunicacionais encontradas nas ações desenvolvidas pelo Cuca Mondubim, terão estreita relação com as ideias relacionadas à comunicação alternativa e popular.

Nos processos desenvolvidos pela a rádio Cuca, poderemos encontrar peças radiofônicas com a proposta de se pautar e fomentar debates sobre temáticas sociais. Já nas ações ligadas ao audiovisual, encontramos tentativas de se criar vídeos destinados a refletir sobre temas do cotidiano das juventudes inseridas nesses processos.

Em ambos os casos, iremos notar as experiências de comunicação popular sendo usadas como parâmetro, para o desenvolvimento dessas práticas. É fato que também iremos encontrar, em alguma medida, certo distanciamento das ideias de comunicação popular nessas experiências.

Questionarei, nessa perspectiva, ao longo do trabalho, como a dimensão institucional do Cuca Mondubim influenciará no distanciamento das ideias comunicacionais populares, aproximando suas ações ligadas à comunicação das ideias de comunicação públicas.

De início, como vimos anteriormente, a comunicação popular e os movimentos sociais terão importante relação na defesa dos direitos sociais ao longo do tempo. Assim, podemos dizer que o próprio surgimento da comunicação popular se dará no interior dos movimentos sociais, atuando com instrumento que servirá como impulsionador de suas lutas e reivindicações populares, como aponta Peruzzo (2004).

Desse modo, e com base na presente proposta de pesquisa, torna-se fundamental compreendermos melhor o conceito de comunicação alternativa e popular, apresentando sua trajetória e suas características. Esse movimento permitirá uma melhor reflexão sobre os fenômenos comunicacionais em curso no Cuca Mondubim.

Nesse sentido, é preciso destacar que o fenômeno comunicacional ligado à comunicação alternativa e popular tem se expandido de uma forma cada vez mais intensa nos últimos anos, sobretudo a partir do avanço tecnológico. Para Peruzzo (2004), atualmente, com características diversas, a comunicação popular, presente nos contextos sociais, apresentam algumas peculiaridades, se comparada com as experiências vivenciadas nos anos 70 e 90.

É oportuno dizer que o surgimento das primeiras manifestações ligadas à comunicação alternativa e popular, estará vinculada aos contextos históricos e culturais, marcados por fortes tensos entre os movimentos sociais e a força do poder capitalista, sobre os menos favorecidos. Desse modo, pensar a comunicação alternativa e popular é pensar em um processo que não é recente ou contemporâneo.

Para Downing (2002), os movimentos sociais vão constituir um dos movimentos mais dinâmicos de resistência e, desse modo, serão de grande valia para compreensão da mídia radical e das culturas que vão se opor ao sistema de dominação. Há, para o autor, uma forte reação entre os movimentos sociais e populares e a mídia radical.

Para ele, o fortalecimento dos movimentos sociais populares colabora para o surgimento da comunicação alternativa e popular, assim como esse fortalecimento pode ser também em decorrência das práticas comunicativas alternativas e populares.

Para Downing (2002), há um grande problema no que se refere à literatura dos NMSs. Para o autor, esse problema está presente na crença de seus defensores mais convictos de que, sem querer, acharam uma nova e importante dimensão da cultura atual.

O autor ressalta que na vida dos momentos populares vão ocorrer altos e baixos vertiginosos, situações dramáticas, grandes conflitos, divisões e, na grande maioria das vezes, uma severa interação com as forças e as subculturas, que estão próximas ao seu contexto, bem como em sua oposição. Para o autor, por exemplo, a comunicação e a mídia vão desempenhar importante papel na trajetória dos movimentos sociais populares.

Nas linhas a seguir, dedicaremos à reflexão sobre a comunicação alternativa e popular, buscando trazer elementos teóricos capazes de nos ajudar na reflexão sobre as praticas comunicativas presentes no Cuca Mondubim.

### **3.2.1 O conceito de comunicação alternativa e popular**

Com já pontuado, há um movimento no Cuca Mondubim de instrumentalização das ideias de comunicação alternativa e popular, em suas atividades ligadas às praticas comunicativas em curso no equipamento.

Essa instrumentalização pode ser comprovada por meio do uso do protocolo de comunicação popular, nas oficinas e cursos que são ofertados, sobretudo, pela Equipe de Comunicação Popular e Cidadania.

Nesse protocolo, que será melhor detalhado nos próximos capítulos, traz, em suas primeiras linhas, algumas conceituações relativas a comunicação alternativa e popular, como base para nortear o trabalho no Cuca Mondubim. As contribuições de Cicilia Peruzzo (2006) e Mário Kaplúm (1985), que versão sobre a comunicação alternativa e popular, fazem parte do documento, que também tenta fazer um entrecruzamento entre as ideias dos autores e as práticas comunicativas presente no Cuca.

A Comunicação Popular evoca participação e empoderamento do povo. Sua atuação consiste em criar e valorizar espaços de diálogo, promovendo o encontro dos diferentes saberes,

potencializando as vozes locais e dando visibilidade aos temas e às histórias de vida – sempre silenciados pelos hegemônicos meios de comunicação. Está na alma da Comunicação Popular a defesa dos direitos e a luta por igualdade e cidadania. No contexto da Rede Cuca e sob a denominação de Comunicação Popular e Cidadania, a missão da Equipe volta-se para a valorização das juventudes, de suas famílias e das comunidades em que vivem. Esse direcionamento pode ser constatado quando os jovens encontram espaços de expressão – são fontes, têm suas narrativas pessoais colocadas no centro do processo comunicacional (PROTOCOLO DA COMUNICAÇÃO POPULAR E CIDADANIA, 2014, p.01).

Diante do exposto acima, onde se verifica o uso das ideias e conceitos de comunicação alternativa e popular nos espaços do Cuca Mondubim, traremos a seguir, alguns aspectos teóricos sobre o conceito de comunicação alternativa e popular, a fim de nos ajudar a avançar na reflexão sobre as práticas comunicacionais em curso no equipamento.

De início, é preciso dizer que a comunicação alternativa e popular será vista como um fenômeno, fruto de um processo marcado por conflitos e contradições entre interesses de classe. Assim, os estudos sobre comunicação popular irão, em muitos casos, somente se dedicar aos debates sobre as desigualdades que marcam os contextos sociais e políticos.

Na verdade, é sempre possível associar o surgimento da comunicação popular à realidade hegemônica dos meios de comunicação de massa. Entretanto, essa concepção não compreende, em profundidade, os significados da comunicação popular, permanecendo no plano dos esquemas genéricos e abstratos de explicação e perdendo de vista as especificidades das novas práticas sociais: formas de solidariedade, modos de trabalhos e lazer e meios de compartilhar experiências vividas em sua multiplicidade de sentidos e diferentes formas de sociabilidade” comunicação possam ser interligados, com suas realidades dinâmicas. (OLIVEIRA, 1994, p. 29).

Nessa perspectiva, Peruzzo (2004) lembra que a comunicação alternativa e popular não é um movimento que surge somente nos anos 70 e 80, sendo possível encontrar diversas manifestações ligadas a esse fenômeno em anos anteriores ao mencionado. No entanto, a autora reforça que só será nos anos 70 e 80 que se começará a falar de forma mais intensa sobre essa questão.

A autora ainda ressalta que os estudos relativos à comunicação estabeleceram um novo contexto na problemática da comunicação. Segundo Peruzzo (2004), durante

muito tempo, a comunicação só estava relacionada com meios, canais, mensagens. Mas com o tempo, falar em comunicação popular seria falar sobre assuntos relacionados à cultura, sobre relação entre a comunicação e as práticas culturais.

Para Oliveira (1994), a comunicação popular ganhará uma maior dimensão e visibilidade na década de 80, fazendo com que se ampliassem os conceitos e as literaturas sobre os processos de comunicação participativa, que também buscavam trazer em sua proposta, um olhar crítico sobre a realidade.

É importante dizer que a comunicação não tem seu fim nos processos que se dão através dos meios, mas nas práticas culturais e nas experiências com os meios de comunicação, que irão incorporar o contexto social e as formas de expressão do espaço popular, como aponta Festa (1984).

Ao se colocar a comunicação popular em íntima relação com a cultura, se permitiu inserir nesse processo a dimensão do conflito, onde o conceito de popular vai também ser entendido como um movimento de resistência, de luta contra as desigualdades postas no cotidiano das periferias.

Segundo Oliveira (1994), mesmo que a comunicação popular desenvolvida nos bairros das periferias na década de 80 mantenha forte relação com partidos políticos, ONGs e igrejas, será observado, nesse mesmo período, nas práticas radiofônicas comunitárias, um avanço em seus objetivos de atuação, indo além dos espaços ligados aos sindicatos e a partidos políticos.

Essas manifestações comunicacionais irão atuar com foco voltado para questões que estejam para além das problemáticas dos trabalhadores, atuando na divulgação de assuntos que fazem parte do cotidiano das periferias, da população de baixa renda.

Desse modo, é fundamental trazer para a discussão às práticas comunicacionais ligadas a comunicação popular, que fazem parte do cotidiano, com a proposta de entender como a comunicação atua no fortalecimento das lutas urbanas, não deixando de compreender as dificuldades e limites presentes nesse processo.

Peruzzo (2004) ressalta que a comunicação popular é uma prática em conflito inter e intraclases, onde seu estudo vai redefinir seu conceito, buscando superar uma ideia mais populista e idealista. Já Cogo (1998), ressalta que o emissor, a mensagem e o

receptor, fazem parte de um processo ou ato não linear, que integram o conceito ou modelo clássico de comunicação humana.

Com base nesse conceito, é possível dizer que uma boa mensagem, que é transmitida corretamente pelo emissor, pode garantir a recepção da mensagem, assegurando a persuasão ou a conversão, como acha melhor a Igreja Católica, que também faz uso desse modelo.

Para Cogo (1998) esse modelo clássico está relacionado com uma ideia de comunicação mecânica, sendo caracterizada pela transmissão de informação de fontes ativas a receptores passivos. Para Beltrán (1981), essas ideias são baseadas na compreensão de que a comunicação seria um ato, um fenômeno estático, onde a fonte é privilegiada.

No contexto norte-americano, esse modelo que vai ganhar adeptos, colaborando para as ideias expansionistas e de dominação dos Estados Unidos sobre os países da América Latina. Os críticos latino-americanos, se posicionando contrários ao modelo clássico, irão considerar o conceito de retroalimentação como uma simples concessão da fonte que tem controle sobre a informação.

Beltrán (1981), irá reforçar que o receptor das mensagens é passivo e que está em condição de submissão, já que nesse modelo não é assegurado à condição de atuar também como emissor, se limitando a um condição de escuta e obediência.

Por outro lado, Cogo (1998), apresenta uma proposta que vai se colocar na contraposição ao modelo clássico, exposto acima. A autora apresenta um novo conceito de comunicação, definido por Beltrán (1981), como um modelo humanizado, que foge das ideias elitistas, sendo mais democrático, fugindo as ideias e posicionamentos mercantilistas. Assim, o receptor estaria atuando de forma ativa, como emissor e receptor.

Cogo (1998) ainda destaca que é a partir dessas reflexões que irão surgir às primeiras experiências de comunicação popular, onde o receptor começará a também ser um agente produtor de comunicação e não mais passivo no processo comunicacional.

Impulsionadas por críticas e reflexões como essas, surgem e se desenvolvem na América Latina, a partir da década de 1970, as primeiras experiências de comunicação popular, que passam a

receber diferentes denominações: comunitária, grupal, libertadora, de resistência. (COGO, 1998, p. 29).

Nesse mesmo período, Paulo Freire irá surgir como um grande inspirador da corrente latino-americana, que irá desenvolver uma série de críticas e reflexões sobre comunicação no continente.

Por meio da teoria da comunicação dialógica e libertadora de Freire, é que irá surgir uma proposta de superar o modelo de comunicação em curso, contribuindo para o surgimento de uma nova ideia de comunicação. Um modelo que, seguindo Cogo (1998), será baseado no diálogo e na participação dos sujeitos envolvidos nos processos comunicacionais.

Esse modelo, segundo Paulo Freire será pautado na compreensão de que o conhecimento é construído por meio das relações entre os seres humanos e o mundo, onde a comunicação se caracteriza como a situação social onde os sujeitos criam o conhecimento coletivamente, ao invés de transmiti-lo, dá-lo ou impô-lo.

Para Oliveira (1994), no contexto dos comunicadores populares, será possível encontrar um desejo explícito em melhorar a fala, de colaborar com a sociedade e de aprender a técnica que ajudaria no processo de construção das ferramentas comunicacionais.

A comunicação popular será entendida como um processo onde a participação será horizontal, o diálogo para a construção das ferramentas comunicacionais será recorrente, e a preocupação na construção de conteúdos compreensíveis será uma prática permanente, assim como a garantia de espaços democráticos.

Para os sujeitos ligados aos processos de comunicação popular, o uso de jornais e radiadoras comunitárias, por exemplo, irão representar uma forma de se concretizar uma nova proposta comunicacional.

Desse modo, segundo Cogo (1998), a comunicação proposta por Paulo Freire só será possível em um contexto de comunicação/diálogo. Essa comunicação só será concretizada em processos onde haja não apenas a participação e reciprocidade, mas que seja compartilhado por iguais em uma comunicação também de igualdade.

Seguindo essa lógica de compreender a comunicação enquanto vocação humana, Cogo (1998), faz uso das ideias de Desmond Frischer (1984), que trará uma importante



contribuição com relação à ideia da comunicação como um direito humano. O autor voltará seus estudos para a preocupação com a distribuição dos recursos de comunicação no mundo.

Na busca de uma conceituação mais clara do direito a comunicar, conceito enunciado pela primeira vez em 1969, Desmond Frischer define como um direito universal que emana da própria natureza da pessoa humana como ser comunicante bem cômoda necessidade humana de comunicação em níveis individuais e social. E, visto por essa dimensão, o direito de comunicar pertence aos indivíduos e às comunidades que eles compõem. Por sua vez, mais que o conteúdo da mensagem, o essencial passa a ser o processo de comunicação (COGO, 1998, p. 30).

Esse processo implicará, segundo Desmond Frischer (1984), na participação, na cessão participativa da informação, e estará comprometida com um posicionamento ético ou humanitário com relação à responsabilidade de garantir um compartilhamento global de meios necessários para assegurar que a comunicação seja possível e de forma mais justa.

Para Oliveira (1994), é preciso pensar a possibilidade de se compreender o processo comunicacional a partir de um contexto onde a comunicação não seja definida somente por meio de relação unidirecional entre meios e os sujeitos.

Observamos que a comunicação vivenciada nas ruas não pode ser explicada apenas a partir da relação entre indivíduos e meios ou ser teorizada apenas como parte de um projeto de transformação social protagonizada nos setores populares. Torna-se necessário uma abordagem mais articulada, na qual as contribuições dos estudos sobre movimentos sociais e os conceitos sobre comunicação possam ser interligados, com suas realidades dinâmicas. (OLIVEIRA, 1994, p. 15).

Segundo Oliveira (1994), existe, pelo menos, dois pólos voltados para a compreensão da comunicação popular que precisam ser superados. As pesquisas não podem se limitar a compreensão da comunicação na perspectiva simplesmente instrumental, muito menos se dedicar a uma ideia rígida de mudança do contexto social.

Para Cogo (1998), ao estudar os antecedentes da comunicação popular e alternativa no Brasil, Christa Berger vai destacar a Igreja Católica, por meio das CEBs, como uma das principais articuladores dos movimentos sociais no Brasil nos anos 1960.

Assim, é possível dizer, a partir da existência de manifestações ligadas a comunicação alternativa e popular na estrutura das CEBs, que a relação entre esse tipo de comunicação e os movimentos sociais seria recorrente, como aponta alguns autores que estudam esse fenômeno.

É nessa perspectiva que Christa Berger (1990), irá destaca como característica e peculiaridade da comunicação popular sua ligação com os movimentos sociais. A conjuntura política que será vivenciada na década de 60 irá colaborar com o desenvolvimento de estudos sobre as origens da comunicação popular no País.

Christa Berger (1990), diz que será nesse momento que três formas de comunicação irão se entrelaçar e representar os setores da sociedade. Segundo a autora, a comunicação de massa terá relação com o capital internacional, a comunicação alternativa com as organizações de intelectuais e, por fim, a comunicação popular que estará relacionada com os movimentos sociais de base.

Para Oliveira (1994), a comunicação popular é um fenômeno que precisa ser compreendida com base no contexto social que surgem, com base nas realidades sociais que vivem os sujeitos sociais. É a partir desse movimento que será possível, entender como os processos comunicacionais populares irão ser concretizados nesse espaço social.

Sobre esse processo que assegurou o surgimento da comunicação alternativa e popular, Cogo (1998) irá destacar as contribuições de Regina Festa, quando a autora situa o surgimento da comunicação popular no Brasil no centro dos movimentos sociais, sobretudo no movimento operário sindical, seja urbano e rural.

É essa experiência que irá mostrar que a comunicação alternativa popular se desenvolverá na mesma medida que os movimentos sociais irão avançar nas ideias de um projeto alternativo de sociedade, como aponta Festa (1986).

As investigações sobre a comunicação popular, segundo Peruzzo (1998), irá necessitar de uma teoria que possa dar conta dos processos nos contextos mais amplos, compreendendo a realidade em que se situa, buscando avançar no estudo que se delimita ao meio comunicativo, compreendo os processos sociais que perfazer esses contextos.

Sobre essa questão, Oliveira (1994) destacar a importância de se compreender que a comunicação popular não é um processo homogêneo, já que surge em um contexto marcado pela diversidade, em uma sociedade plural e repleta de manifestações culturais.

Por ser uma comunicação que tem sua historicidade, ela está em constante processo de transformação. Desse modo, o popular não terá aqui uma definição cristalizada e estática, e de forma alguma deverá ser compreendido fora do âmbito das dinâmicas culturais e políticas em que se inscreve carregadas de ambiguidades e de conflitos. (OLIVEIRA, 1994, p. 29).

É em um cenário em que se verifica uma severa insatisfação motivada por uma série de restrições à liberdade de expressão por parte dos meios de comunicação convencionais, é que surgirão meios alternativos capazes de buscar alternativas para romper com a lógica posta.

Criaram-se instrumentos “alternativos dos setores populares, não sujeitos ao controle governamental ou empresarial direto. Era um comunicação vinculada à prática de movimentos coletivos, retratando momentos de um processo democraticamente aos tipos, às formas e aos conteúdos dos veículos, diferentes daqueles da estrutura tão dominante, da chamada grande-imprensa. (PERUZZO, 1998, p. 115).

Nesse sentido, essa “nova” comunicação, segundo a autora, vai representar uma possibilidade de expressar suas insatisfações e suas bandeiras de lutas por direitos, naquele momento. Seria, segundo Peruzzo (1998), um grito que estava antes sufocado, querendo denunciar e reivindicar mudanças, que agora poderia ser materializado em jornais, boletins, vídeos, alto-falantes etc.

Para Oliveira (1994), as ações ligadas à comunicação que eram desenvolvidas por meio das radiadoras e jornais comunitários tinham como protagonistas sujeitos moradores de bairros das periferias e favelas, e surgiram no seio dos movimentos organizados. A novidade trazida por essas experiências estaria no fato de, para além da proposta de levar informação à população, gerar a participação dos movimentos sociais e expressar o cotidiano dos bairros.

Cogo (1998) reforça que nos países latino-americanos a comunicação popular irá surgir no interior dos movimentos sociais e organizações sociais, sendo marcada por uma conjuntura que será caracterizada pela insatisfação do povo e ataques as liberdades de expressão.

Nas décadas de 1970 e 1980, os regimes autoritários e ditatoriais controlam os meios de comunicação de massa utilizando-os em favor de seus interesses projetos políticos. Em um contexto como esse, é compreensivo, portanto, conforme nos remete Cicilia Peruzzo, que “os meios de comunicação emergentes não diretamente sujeitos a tal controle passem a ser algo extremamente real e de interesse da sociedade e de pesquisadores”. (Cogo, 1998, p.39).

Desse modo, a presença nos movimentos sociais vai assegurar a comunicação popular um caráter político, uma vez que as praticas comunicativas terá uma função importante na luta por direitos e na defesa dos interesses dos movimentos sociais.

As práticas ligadas à comunicação popular vão significar uma possibilidade concreta de lutar por direitos, sobretudo pelo direito a fala e a divulgação de conquistas sociais. Assim, os sujeitos envolvidos com essas práticas irão destacar a comunicação como uma ferramenta que surge para assegurar seu reconhecimento público.

Para Oliveira (1994), seria necessário, ao discutir a comunicação popular nos movimentos populares, trazer reflexões sobre a sua legitimidade, e sobre como o “popular” se insere nesses contextos culturais das práticas de comunicação.

Assim, para Cogo (1998), a comunicação popular irá está intrinsecamente relacionada com as lutas dos movimentos de resistência e de luta por direitos sociais, assumindo, cada um deles, um significado e características próprias e peculiares.

Para Oliveira (1994) a qualidade nas produções comunicacionais não será um ponto de grande importância, mas a manifestação desses processos voltados para a mobilização de sujeitos, para a divulgação de ações comunitárias, encontro e reuniões de movimentos sociais, e no fortalecimento das lutas sociais, será o fator de maior relevância para esses movimentos.

Nessa perspectiva, de acordo com Cogo (1998), os movimentos populares não irão produzir uma comunicação qualquer, mas será um processo marcado por um sentido transformador, sendo marcado por uma ligação forte com o caráter pedagógico e organizativo.

Reforça ainda que a comunicação nos movimentos sociais não irá constituir um fim, mas terá um papel importante no que diz respeito ao processo organizacional e ao processo ligado a educação popular, como lembra Mário Kaplún (1993).

Cogo (1998) ressalta que a ideia “popular” irá começar a está relacionada muita mais a entrada em uma conjuntura alternativa de luta, assegurando uma nova definição a comunicação comunitária, que também irá ser compreendida como aquela que irá está inserida em um contexto alternativo, fazendo um enfrentamento ao processo de dominação capitalista em curso, como aponta Pedro Gilberto Gomes (1986).

Para Cogo (1998), é fundamental o movimento de desvendar as questões que fazem parte do processo de comunicação popular, sobretudo os que envolvem os sujeitos inseridos nessas iniciativas. Esse movimento é importante para assegurar uma reflexão sobre as políticas de comunicação em que fazem parte as experiências comunicativas, ou até mesmo sua ausência.

Fazendo uso das ideias de Peruzzo (1991), Oliveira (1994) destaca que os trabalhos que se dedicam ao tema da comunicação popular, em sua maioria, vão relacionar esses fenômenos comunicacionais com as práticas dos movimentos sociais, com base no olhar que não leva em consideração a nova concepção política.

Para Oliveira (1994) é importante ir além das questões estéticas, técnicas ou políticas ligadas à comunicação popular, avançando na reflexão sobre a dimensão cultural. Desse modo, poderia se ampliar a compreensão sobre as produções comunicacionais, entendendo como se constituem e como se expressam. Nessa linha, deixaríamos de questionar sobre a responsabilidade dessas praticas, para nos voltarmos para a investigação das mesmas, como parte de um contexto dinâmico.

Peruzzo (2004), diz que a comunicação popular, de inicio, não pode ser considerada um tipo de mídia qualquer, não pode se comprar com as mídias “convencionais”, muito menos com instituições religiosas, ela vem de um movimento mais profundo, de uma discussão. É resultado de um processo.

Há um movimento de inclusão dos sujeitos nos processos. A comunicação alternativa e popular não se constrói para o povo, mas com ele. Nesse contexto, Peruzzo (2004) diz que uma das principais características desse processo está relacionada à questão da participação, que se voltará para a mudança no contexto social.

A comunicação popular, assim, poderá ser entendida também como um meio importante para a integração dos sujeitos pertencente a uma sociedade. Esse processo, nessa perspectiva, irá extrapolar uma dimensão limitada da comunicação, focando na

ideia restrita de emissor-receptor, avançando na compreensão de uma comunicação capaz de fortalecer lutas sociais históricas.

Sobre a participação dos sujeitos nesses processos, Cogo (1998) irá observar um esforço em assegurar a participação de todos os membros dos grupos nos processos que compõe as iniciativas ligadas à comunicação popular. Essas ações dedicarão esforços no que se refere à promoção da participação de todo o grupo no contexto que envolve na elaboração da mensagem, o que irá provocar uma alteração na forma de se compreender a comunicação comunitária.

Assim, será um movimento que não será pautado somente nos processos técnicos ou no conteúdo, mas amparada primordialmente nos processos ligados a produção, circulação e nos usos que se faz das mensagens. Sobre esse aspecto, Cogo (1998) aponta algumas dificuldades em se materializar essa participação nos processos de comunicação comunitária.

(...) a experiência e o estudo têm revelado, conforme a pesquisadora, que os meios de comunicação comunitários não têm se mostrado muito dispostos a favorecer uma participação ampla e democrática na produção, tomada de decisões e planejamento de sua comunicação. Ainda que esses processos de criação conjunta se concretizem em muitas das instâncias dos movimentos sociais, ele não vai necessariamente estar presente no âmbito da produção da comunicação. (COGO,1998, p. 41).

Para Motta (1987) se convencionou chamar de comunicação popular, uma comunicação realizada pelo povo e para o povo. Ela se caracteriza por um interesse social de classe, que se apresenta a partir dos conflitos que surgem em decorrência das desigualdades sociais. A comunicação popular também pode ser compreendida, segundo Motta (1987), como canal para luta contra dominação política, cultural e econômica.

Segundo Peruzzo (2004), quando falamos em comunicação popular precisamos compreender que estamos falando de diversas conotações. Aqui a autora foca suas reflexões na terceira corrente, que situa o popular nos movimentos sociais. Com a colaboração das ideias de Canclini, a autora diz que o popular-alternativo trata-se de uma nova maneira de pensar o popular, relacionando com a comunicação e cultura. É a comunicação presente nos movimentos e organizações sociais, uma comunicação ligada às lutas sociais do povo.

Para Fonseca (2011), no que se refere ao conteúdo da comunicação popular, sobretudo produzido no século XX pelos movimentos sociais, versavam sobre a luta pelo direito de participação nas decisões políticas da sociedade, bem como de questões relacionadas às melhorias na vida das populações historicamente excluídas.

Para além dessas questões, os meios de comunicação também tinha uma função educacional, atuando nos processos pedagógicos, presente de forma mais intensa na relação educação e comunicação.

Peruzzo (2004) ressalta que alguns autores têm optado por se referir a comunicação popular por alternativa, comunitária, participativa, dialógica etc. A autora, então, compreende comunicação popular do seguinte modo:

A comunicação popular refere-se ao modo de expressão das classes populares de acordo com a sua capacidade de atuar sobre o contexto social da qual ela se reproduz. Ela está ligada à luta do povo e tende a converter-se em um processo dialético entre teoria e prática. Ela não tem um fim em si mesmo, mas relaciona-se com um pleito mais amplo. É meio de conscientização, mobilização, educação política, informação e manifestação cultural do povo. É um canal por excelência de expressão das denúncias e reivindicações dos setores organizados da população oprimida. Deve [estar vinculada à luta pela conscientização [e integrada] num processo de luta com a perspectiva de [uma] nova sociedade]. (PERUZZO, 2004, p. 125).

Muitos autores vão destacar a efemeridade como uma das principais características da comunicação popular, uma vez que essa forma de comunicação pauta-se para questões do cotidiano e nas problemáticas que são enfrentadas pelos grupos sociais, e que quando resolvidas não encontram sentidos para seguir a produção de comunicação popular, como aponta Motta (1987).

Desse modo, é possível dizer que a comunicação popular é um processo complexo e que surge a partir de grandes manifestações sociais, e compreender essa complexidade e a importância da comunicação popular para a promoção de diversos direitos, é fundamental.

Diante do exposto, podemos compreender a comunicação alternativa e popular como uma manifestação que terá como foco prioritário a luta por direitos sociais. Essas ideias irão surgir a partir da relação que a comunicação alternativa e popular terá com os movimentos sociais.

Nessa perspectiva, as experiências ligadas à comunicação alternativa e popular surgem como uma opção aos programas e emissoras dominadas por uma pequena parcela da população, que não se configura como meio legítimo para apresentar os anseios da população.

Como podemos perceber, a comunicação alternativa e popular terá como uma das suas características mais expressivas a participação democrática dos sujeitos em processos comunicacionais, onde a motivação maior será a luta pela garantia de direitos sociais. Serão manifestações comunicacionais que surgirão no centro dos movimentos sociais, atuando como uma espécie de grito daqueles que não contam com o apoio da grande mídia.

Como já destacado, essas manifestações comunicacionais ligadas à comunicação alternativa e popular, poderão ser encontradas nas mais diferentes formas e vertentes, Jornais comunitários, boletins, vídeos, alto-falantes, programas e emissoras de rádio comunitário etc.

É evidente que essas características apontadas acima não são absolutas e recorrentes em todas as formas de comunicação ditas alternativas e populares. É importante ressaltar que, mesmo tendo um importante papel no fortalecimento das lutas sociais, as práticas comunicacionais, ligadas à comunicação alternativa e popular, também vão apresentar limites e fragilidades.

Nesse sentido, Fuser (2008) ressalta que ONGs, movimentos sociais, empresas privadas etc, vão se utilizar dos meios de comunicação, com o pretexto de garantir a promoção da cidadania, da participação de pequenos grupos sociais, como meio pedagógico, além de outras ações que estariam voltadas para a transformação social.

Para o autor, seria fundamental saber como e por quem são financiadas tais ações, quais atividades desenvolvem, suas relações políticas, sua organização interna e suas relações inter-pessoais. Fuser (2008) também reforça a importância de se inserir um olhar mais crítico sobre as atuais práticas comunicacionais ligadas à comunicação alternativa e popular, nos estudos sobre comunicação alternativa e popular. Para ele, alguns aspectos fundamentais deveriam ser observados.



O autor ainda destaca que as práticas comunicativas alternativas e populares se realizam, em muitos casos, por meio do autoritarismo, do proselitismo político e religioso, além de outras formas de poder.

Nesses espaços, a comunicação agiria sob estratégia enunciativa para o agendamento da comunidade, isto é, em busca de representação política sob direção dos interesses da elite. A sedução, nesse caso, se faz acompanhada pela ilusão comunitária: um sentimento de pertencimento, participação, solidariedade, segurança, subjetividade compartilhada, ou consolação em um mundo que parece se desfazer a cada dia (FUSER, 2008, p.30-31).

A comunicação alternativa e popular, nesse sentido, irá ter um papel estratégico no que se refere ao fortalecimento das ideias estabelecidas pelas elites. Estariam atuando no sentido de distanciar da esfera política tudo aquilo que, para o poder econômico, pudesse fragilizar seu sistema de representação e de sua posição no sistema social, aponta Fuser (2008).

Esse fenômeno é ilustrado pela própria institucionalização da comunicação comunitária, que, segundo Louis Althusser, constitui um modo de restringir a ação dos sujeitos. Sob a estratégia enunciativa, a institucionalização da comunicação comunitária representou para alguns uma conquista histórica do povo. Entretanto, longe de qualquer celebração, esse fato ilustra o “controle” do sujeito comunicativo (FUSER, 2008, p.31).

Em resumo, para além das ideias aqui postas na tentativa de se traçar uma breve conceituação sobre comunicação popular, é fundamental ter clareza que as práticas comunicacionais populares precisam ser compreendidas em sua plenitude, estando atentos as limitações e desafios que fazem parte desse processo.

Nas próximas linhas, iremos trazer algumas características das práticas comunicacionais ligadas ao rádio comunitário e as produções audiovisuais ligadas a proposta do vídeo popular. Acreditamos que esse movimento seja oportuno, uma vez que iremos, ao logo do trabalho, refletir sobre as práticas comunicacionais ligadas à rádio cuca, por meio do programa “Frequência Cuca” e ao audiovisual, por meio do programa “Conexões periféricas”.

### **3.3 - Rádios comunitárias e a comunicação popular**

Desde o surgimento do Cuca Mondubim, os processos radiofônicos sempre estiveram presentes nas ações do equipamento. A rádio Cuca figura como uma das principais práticas comunicacionais em andamento no Cuca Mondubim. Oficinas, programas radiofônicos, produção e gravação spots, são apenas alguns dos produtos que podemos encontrar na rádio Cuca.

Nesses processos também é possível encontrar o uso das ideias ligadas a comunicação alternativa e popular, como pote para condução das produções radiofônicas. Desse modo, a comunicação alternativa e popular e as práticas comunicacionais ligadas às rádios comunitárias, são encontradas em documentos usados em oficinas ou em discussões dos educadores.

Para entendermos melhor como vem ocorrendo a instrumentalização das ideias ligadas a comunicação alternativa e popular e sobre as práticas ligadas ao rádio comunitário, torna-se necessário desenvolvermos pressupostos teóricos de proposta teórico metodológico, capaz de nos ajudar nesse movimento.

Como verificamos anteriormente, os movimentos sociais irão colaborar de forma significativa para o surgimento das manifestações comunicacionais ligadas a comunicação alternativa e popular. No tópico anterior, ressaltamos essa relação intrínseca entre a comunicação popular e os movimentos sociais, trazendo algumas iniciativas que irão surgir com o objetivo de lutar, através da comunicação, por direitos sociais.

Dentre diversas manifestações comunicacionais, o rádio comunitário irá se destacar como uma importante ferramenta que será utilizada para que as ideias e reivindicações dos que não se sentiam representados pelos meios de comunicação convencionais, fossem expressas. É bem verdade que seu papel não se limitava a divulgação de outro olhar sobre as desigualdades social, que eram vivenciadas no início de suas atividades.

Essas experiências ligados ao rádio comunitário e alternativo, atuavam de forma ativa na mobilização de comunidades e na articulação de movimentos sociais, além de tentar colaborar para uma maior conscientização da população, buscando fortalecer

lutas e bandeiras ligadas aos direitos humanos. Desse modo, torna-se necessário, tentarmos traçar aspectos básicos sobre o que são os fenômenos radiofônicos ditos comunitários.

De início, precisamos destacar que o surgimento das rádios comunitárias estará fortemente relacionado à realidade social, política, e econômica do país. Será esse contexto que justificará, em partes, a utilização do rádio, para mobilizar a comunidade e divulgar conquistas.

Essa apropriação do veículo radiofônico faz com que haja uma discussão sobre a desigualdade presente no campo da comunicação. Não se compreendia como os meios de comunicação poderiam estar nas mãos de um grupo pequeno e restrito de empresários e políticos.

Como se sabe, no Brasil, a concessão de canais de rádio e televisão compete ao Presidente da República, com a aprovação do Congresso Nacional. A população se mantém excluída do processo de avaliação e de escolha dos concessionários e nem mesmo sabe como ele se dá. (OLIVEIRA, 1994, p. 54).

Ainda segundo Oliveira (1994), a dinâmica de concessões no Brasil vai ter como forte característica a relação com o clientelismo, que fará com que os meios de comunicação se transformem em uma grande arma que pode ser usada para barganha política. Isso pode ser comprovado por meio do grande número de concessões destinadas a políticos e a empresários.

Assim, as rádios comunitárias se distanciam da proposta dos meios de comunicação de massa, buscando construir outra possibilidade de comunicação capaz de assegurar espaços para que fosse possível publicizar as lutas e reivindicações dos movimentos sociais.

Para Cogo (1998), a partir do surgimento no Brasil, das primeiras experiências com o uso dos alto-falantes em 1983, na Zona Leste de São Paulo e, em 1984, em Guabiraba no Recife, é que vamos verificar a consolidação das cornetas ou alto-falantes como uma das experiências que integram a comunicação comunitária.

Essa realidade se torna ainda mais relevante em virtude da falta de possibilidade de utilização das rádios comerciais por grupos populares, e pela sua característica autoritária da legislação da radiodifusão que distanciava esses sujeitos às concessões.

As rádios comunitárias, rádios populares ou a radiadoras, de acordo com a definição regional que vão adotando, irão construindo programações, tendo como inspiração as ações já em curso na América Latina, como é o caso do Peru. Essas rádios vão se reapropriando de formatos e conteúdos da rádio convencional ou criando e recriando outras formas de intervenção por meio dos alto-falantes, aponta Cogo (1998).

Para Peruzzo (2007) é necessário compreender melhor o que vem a ser efetivamente uma rádio comunitária. Segundo a autora, as rádios comunitárias tem seu foco de atuação na produção e conteúdos que sejam de interesse social e que estejam ligadas ao cotidiano dos sujeitos.

A rádio comunitária que faz jus a este nome é facilmente reconhecida pelo trabalho que desenvolve. Ou seja, transmite uma programação de interesse social vinculada à realidade local, não tem fins lucrativos, contribui para ampliar a cidadania, democratizar a informação, melhorar a educação informal e o nível cultural dos receptores sobre temas diretamente relacionados às suas vidas. (PERUZZO, 2007, p. 98).

Sobre o movimento das rádios livres, Cavalcante (2006) vai destacar o papel desse movimento na Europa nos anos 70.

Nos anos 1970, na Europa, as inúmeras experiências de rádios livres que irromperam em vários Países tinham como papel se insurgir contra a ordem dominante e ainda, objetivavam possibilitar a participação direta do ouvinte. (CAVALCANTE, 2006, p. 29).

Aqui no Brasil, as experiências com rádios livres, não irão ocorrer de formar separada ou dissociada das questões que envolvem a crítica relativa à concentração dos meios de comunicação nas mãos de algumas famílias. Adquirindo assim, um forte caráter político na luta pela democratização da comunicação no país.

Para Oliveira (2007), a utilização clandestina do rádio tem seu início no começo do XX e contou com protagonistas de sua utilização, militantes políticos e movimentos de oposição. Com um número tímido no seu início, será nos anos 70 que se multiplicarão na Europa e no Brasil, na sequência.

A autora ainda destaca a escassez de material acadêmico ou documentos que trouxessem uma reflexão sobre as primeiras ações clandestinas do rádio, achando

poucos trabalhos que destacavam a participação dessas experiências em processos de oposição política e nas ligações sindicais.

Se por um tempo as rádios clandestinas estavam voltadas para fazer uma oposição política ao contexto em curso, vai se observar uma alteração nesse processo no decorrer dos anos 70 e 80, quando uma nova proposta política com foco nas expressões culturais plurais dos movimentos sociais e culturais populares, ganharam cada vez mais espaços nas rádios clandestinas.

Em 1990, vamos ver a expressão “radio pirata” vai ganhar força com a expansão das rádios comunitárias por todo Brasil. Essa expressão tinha como objetivo criminalizar e desqualificar a atuação dos movimentos que estavam à frente das rádios comunitárias, e que exerciam grande força nas comunidades naquele período.

Até a década de 80, no Brasil, a utilização do rádio de forma clandestina estava relacionada com ações individuais ou com ideias exóticas que buscavam atuar de forma crítica ao monopólio da comunicação presente naquele contexto.

Oliveira (2007) destaca que a primeira experiência de rádio clandestina vai ocorrer em Vitória, (ES), por meio da criação da Rádio Paranóica, em 1970. Entre 1982 e 1983, nos mesmos moldes, surgia em Sorocaba mais de 50 emissoras, sendo seguida da cidade de São Paulo que irá despontar também para a criação de rádios clandestinas.

Ainda segundo a autora, as características dessas rádios e o perfil dos sujeitos envolvidos com essas ações e os objetivos que guiavam o trabalho desses grupos, que ao longo do tempo vai começar a ter uma nova proposta.

(...) todas as práticas nesse período eram vivenciadas por jovens amantes da tecnologia, predominando na programação das emissoras o senso de ironia. Entretanto, durante a década de 1980 começaram a surgir experiências isoladas de rádios livres organizadas por sindicatos e por seguimentos o movimento popular nos bairros da periferia. (OLIVEIRA, 2007, p. 64).

Peruzzo (2006), ao definir o fenômeno da comunicação popular e alternativa, reforça as ideias já apresentadas de Oliveira (2007). A autora destaca a comunicação popular e alternativa, como “uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista”.

Oliveira (2007) ressalta que depois de uma grande mobilização dos movimentos ligados as atividades de rádios livres, marcada por uma série de encontros, pela criação de comitês e fóruns pela democratização da comunicação, em 1995 essa denominação de Rádios Livres e Comunitárias, é definida para fazer referencia ao movimento em curso. A partir dessa mobilização e do grande número de rádios livres sendo criadas pelo país, haverá uma alteração nesse processo.

Agora chamadas de rádios comunitárias, essas ações não estariam ligadas somente ao eixo Sul e Sudeste do Brasil, mas começará a se expandir por todo o país, inserido não apenas jovens apaixonados por tecnologia, mas diversas iniciativas ligadas aos movimentos sociais e das culturas populares.

Se por um lado às rádios educativas vão se distanciar desses compromissos, as rádios comunitárias farão um esforço para assegurar que suas produções estejam ligadas a proposta de promover a cidadania. Esse número considerável de emissoras ligadas aos movimentos sociais, também fez surgir emissoras que eram ligadas a políticos, comerciantes e religiões evangélicas.

Essa ligação estava relacionada com apoio financeiro e a promoção de ações ligadas a esses financiadores, colaborando para o distanciamento da proposta que tinham as rádios comunitárias e para o enfraquecimento, de certo modo, das lutas pela democratização da comunicação.

Esse movimento ocasionou o surgimento de aproximadamente 15 mil emissoras clandestinas no Brasil, entre 1998-1999. Entretanto, em meio a emissoras ligadas a militantes de esquerdas e a movimentos culturais e populares, a maioria dessas novas rádios são organizadas por políticos (deputados, vereadores e prefeitos) ou pelos pequenos comerciantes e empresários da cultura local. (OLIVEIRA, 2007, p.68).

É nesse cenário onde se percebe um número expressivo de rádios comunitárias sendo criadas em todo território nacional, que surgirá o interesse em se investigar melhor as características que perfazem nesses processos ligados a comunicação popular e a radiodifusão, buscando compreender quais aspectos podem ser definidos como marca fundamental para se considerar que determinada atividade radiofônica, poderá ser definida como uma rádio comunitária.

Para Oliveira (2007), nos anos 90 começou-se a discutir outros aspectos sobre o papel das rádios comunitárias. O foco central era direcionado para as ideias relativas à expressividade da pluralidade cultural, presente na sociedade. Desse modo, o forró, *rap*, *funk*, *regge*, a Jovem Guarda, as músicas internacionais, o brega e as músicas da indústria fonográfica dos anos 10, começaram a ganhar espaço nas emissoras comunitárias.

A autora também notou que essas emissoras estavam preocupadas em promover e fomentar a produção musical de setores populares, mesmo que seus receptores estivessem imersos na produção da cultura de massa. Para Oliveira (2007), havia uma visão que idealizava as produções alternativa e popular como foco em sua atuação mais crítica.

As músicas que tocavam nas emissoras comunitárias fugiam aos padrões idealizados pelas concepções que investigavam a comunicação popular nos anos 80. Essa visão idealizava uma comunicação que fosse crítica, participativa e emancipatória (OLIVEIRA, C. T., 1994; PERUZZO, 1998; ROCCO, 1998). No caso das rádios comunitárias da década de 1980, era idealizada a veiculação da Música Popular Brasileira e canções engajadas, priorizando a transmissão de debates e mensagens com intenções socioeducativas. (OLIVEIRA, 2007, p. 23).

Peruzzo (1998) elenca alguns aspectos que caracterizam uma rádio comunitária de fato. Para ela, os aspectos são: ser sem fins lucrativos; ser uma produção da comunidade, ter uma boa ligação com o contexto local; colaborar com uma programação que fomente e permita a participação direta da população, assegurando não o microfone para, mas também garantindo espaço para produção e transmissão de possíveis conteúdos para a rádio; fomenta a produção e transmissão de manifestações culturais; é comprometida com a educação, a cidadania em toda sua programação; e democratiza o poder de comunicar, garantindo a possibilidade de treinamento da comunicação local, para terem conhecimento e noções das técnicas radiofônicas (locução, produção de programa, transmissão etc).

Na radiodifusão comunitária, a participação dos ouvintes terá destaque, se mostrando como grande trunfo para essa nova forma de comunicar. Isso ocorre, em decorrência de os conteúdos radiofônicos comunitários terem presente situações concretas, atuais e vivas.

Nas emissoras comunitárias, os acontecimentos e os sujeitos serão de conhecimento de todos e os interesses também fazem parte de toda a sociedade. Para o autor, nessa nova realidade, o processo da comunicação terá novas emoções, estabelecidas a partir do momento em que se aceitam, compreendem, colaboram, compartilham, criam e solucionam os problemas em um espaço coletivo, marcado por uma prática permanente de solidariedade e criatividade entre os sujeitos.

Nos processos radiofônicos os sujeitos passam de indivíduos anônimos, cidadãos sem grande atuação, massivos e com certa fragilidade, para se transformarem em sujeitos ativos, libertos da massificação e interessados em construir uma comunidade diferente, capazes de desenvolver sua própria comunicação.

De início, as rádios comunitárias terão o desafio de se afastar dos padrões estabelecidos pelos meios de comunicação massivos, buscando atuar de forma mais sensível no processo radiofônico.

Para Oliveira (1994), outro grande desafio para as rádios comunitárias estava relacionado à desigualdade tecnológica. Mesmo com avanços significativos no campo da tecnologia, as rádios comunitárias terão equipamentos precários, funcionando em espaços com estrutura tímida.

Contudo, se tinha a clareza que, mesmo diante dessa desigualdade posta, a prática radiofônica comunitária não poderia parar, uma vez que seria por meio dela que seria possível assegurar a mobilização e o fortalecimento das lutas sociais.

A falta de recursos técnicos e financeiros aparece constantemente como problema no dia-a-dia das radiadoras. Em muitos casos, os comunicadores populares fazem várias espécies de “arranjos”, para manter as rádios comunitárias funcionando: Em muitas experiências observadas, a tecnicidade aparece como um problema que limita a ação comunicativa. (OLIVEIRA, 1994, p. 45).

As precárias condições de funcionamento fazem com que os movimentos sociais façam uso do sistema de alto-falantes como ferramenta de comunicação. Essa situação comprova, desse modo, a situação delicada enfrentada na tentativa de se produzir outra comunicação.

Diante desse cenário, onde se verifica a grande dificuldade em se estruturar uma rádio comunitária, seja com relação à compra de equipamentos ou materiais básicos



necessários para o funcionamento, as Organizações Não-Governamentais e as CEB's - Comunidades Eclesiais de base, serão o caminho possível para se conquistar financiamentos e assim assegurar uma mínima estrutura.

Nessa perspectiva, podemos compreender a importância do trabalho desenvolvido pelas Organizações Não-Governamentais e as CEB's, no sentido de promover o surgimento das praticas radiofônicas comunitárias e assegurar seu funcionamento no Brasil.

Para Peruzzo (1998), as rádios não desejam competir com as emissoras convencionais, mas buscam oferecer aos seus ouvintes conteúdos que tenham relação com a cultura e a educação. Assim, essas rádio buscavam atuar no fomento a cultura local, por meio da garantia de espaço para divulgação de artistas locais, e no fortalecimento de uma consciência mais critica da popular com relação a atuação do estado.

Como base nessas características apontadas por Peruzzo (1999), surgirá também algumas reflexões sobre o papel dessas emissoras na luta por direitos sociais e pela democratização dos meios de comunicação ou o seu distanciamento dessa proposta que norteia as ações das rádios comunitárias.

Em um contexto onde se verifica uma grande quantidade de rádios ditas comunitárias, será possível constatar uma dificuldade em encontrar aquelas que seguem as ideias ligadas a comunicação popular e aquelas que irão se voltar para o interesse do capital, sendo financiada e promovendo os interesses de comerciantes, entidades religiosas e políticos.

Oliveira (2007) considera que essa multiplicidade tinha uma relação estreita com o contexto vivenciado na Europa, mesmo não havendo aqui no Brasil a instalação e uma rádio comercial para fazer frente ao modelo hegemônico da rádio estatal. No entanto aqui, se observava uma ampliação dos interesses comerciais e a forte influencia de políticos na radiodifusão.

Assim, em um cenário onde é possível verificar a existência de 15mil emissoras FMs comunitárias presente no Brasil, torna-se um desafio contabilizar as emissoras que são organizadas pelos movimentos sociais e culturais populares.

É notório que o número é reduzido em relação às emissoras comunitárias organizadas por políticos e pequeno empresário. A realidade de Fortaleza pode situar melhor essa situação. De 50 emissoras, apenas cinco têm a gestão de grupos culturais e de organizações populares. São rádios que funcionam com a participação de grupos de regueiros, membros dos movimentos do hip hop, lideranças populares, participantes dos movimentos de mulheres, professores do ensino médio, desportistas, comerciantes ambulantes, aposentados, estudantes, capoeiristas e sindicalistas, (OLIVEIRA, 2007, p.69).

Sobre as rádios comunitárias que seguem em atividade, Oliveira (2007) vai ressaltar que a expressão dos movimentos sociais por meio dessas ferramentas radiofônicas não estará mais voltada para o compromisso com questões que estão vinculadas a propostas revolucionárias ou as mobilizações sindicais as lutas políticas, que tanto colaboraram para o seu surgimento.

Para além das características positivas já apontadas acima, as rádios comunitárias também vão apresentar alguns aspectos que irão colocar em xeque sua atuação. Haverá processos em que as relações e disputa de poder irão ser acentuados e os objetivos prioritários, que marcaram esses processos ao longo dos anos, vão sendo deixados de lado.

Essas rádios comunitárias se distanciam também das ideias que buscavam separar o que seria chamado de massivo, do popular e revolucionário, constituído pelas esquerdas ao longo dos anos. Esse movimento ficará mais evidente em períodos de campanhas eleitorais.

Nunes (2000), ao tratar sobre a instrumentalização das rádios comunitárias nas campanhas eleitorais, destaca que, com a proliferação das rádios comunitárias em Fortaleza, iremos observar também o uso abusivo das rádios comunitárias para promover candidatos no período de campanhas eleitorais.

Há cerca de 300 emissoras denominadas “comunitárias” em todo o Ceará atualmente. A grande maioria dessas emissoras vêm assumindo um papel nitidamente instrumental, quer seja para fins político-partidários, nos períodos que antecedem as campanhas eleitorais e no seu decorrer, quer para fins comerciais, desvirtuados do seu real papel, que seria a promoção dos interesses comunitários (NUNES, 2000, p.67)

Acreditamos que, com as reflexões teóricas apontadas acima, sobre as rádios comunitárias, poderemos avançar na compreensão sobre as proximidades desse

conceito, ou distanciamentos, presentes nas produções do programa “Frequência Cuca”, transmitido pela rádio Cuca Mondubim.

Para além das práticas comunicacionais ligadas aos processos radiofônicos no Cuca Mondubim, iremos investigar também os processos comunicacionais ligados ao audiovisual. No Cuca Mondubim, são produzidos vídeos socioeducativos com temáticas sociais, que tem como proposta da discussão sobre temas ligados aos direitos humanos e a cidadania. Para compreendermos melhor esse movimento ligado ao audiovisual no Cuca Mondubim, traremos, nas próximas linhas, uma reflexão teórica sobre a proposta do vídeo popular.

Assim como as rádios comunitárias, o vídeo popular surgirá com a proposta de também refletir sobre a desigualdade social, presente no cotidiano dos grupos que irão se apropriar das ferramentas audiovisuais com o intuito de lançar outros olhares sobre a realidade, problematizar o contexto social onde estão inseridos, e atuar no sentido da promoção de uma consciência mais crítica e política dos sujeitos envolvidos nos processos.

Desse modo, recorro nas próximas linhas do presente trabalho, a este termo, por entendermos que as experiências com vídeo popular também integra as ações em curso no Cuca Mondubim, sendo importante compreendermos melhor essa prática, ao longo do tempo.

### **3.4 - O vídeo popular e sua proposta**

Neste sub-tópico procuro detalhar o conceito de vídeo popular, buscando compreender a relação existente entre essa proposta e as ideias relativas à comunicação alternativa e popular, além de verificar como essa experiência se insere no contexto dos movimentos sociais.

Julgo esse movimento interessante, uma vez que será por meio dele que será possível entender melhor como essas ideias se aproximam ou se distanciam das ações desenvolvidas pelo Cuca Mondubim, por meio das atividades ligadas ao audiovisual, onde se percebe uma tentativa de se trabalhar com a proposta presente nos conceitos de vídeo popular. Para isso, faço uso das ideias elaboradas por autores como Luiz Fernando Santoro (1986), Cícilia Peruzzo (2007) e Robson Braga (2007).

Inicialmente, é preciso entender qual contexto irá colaborar para o surgimento da proposta do vídeo popular, bem como sua relação com os movimentos sociais. Desse modo, para Cicília Peruzzo (2007), as manifestações comunicacionais comunitárias irão mostrar sua força, por meio de uma série de estratégias e de conteúdos que serão produzidos, como as que se apresenta nas experiências ligadas ao vídeo popular, que ocorreram por meio das TVs populares e comunitárias em nosso país.

Nessas experiências serão destacadas a ousadia, a criatividade e legalidade, assim como será verificado nesse processo a existência da luta pela valorização da cultural local, e fortalecendo as lutas os movimentos sociais.

Essas características, e outras que veremos logo mais, vão marcar de forma determinante a trajetória da comunicação alternativa e popular no país, onde acontecerá uma grande disseminação de experiências ligadas a esse fenômeno por todo o território nacional.

Sem dúvida esse processo não teve seu início já acabado, pelo contrario, essas manifestações comunicacionais foram se aperfeiçoando com o tempo, seja nos processos ligados a gestão e a participação, seja na técnica, através dos avanços tecnológicos quer marcaram esse processo de forma significativa.

Para Peruzzo (2007), a comunicação popular e comunitária no Brasil sempre esteve ligada aos processos mais artesanais de comunicação. Com o avanço tecnológico, a democratização na sociedade e a articulação de movimentos sociais, foi possível verificar uma alteração no processo de comunicação, fazendo surgir novas manifestações comunicacionais.

Agora, segundo Peruzzo (2007), parece ser “obrigação” realizar e produção, já que antes esses processos ficavam somente no campo do ideal, devido os processos limitados que se enfrentava na produção e na técnica.

A transmissão de imagens e sons por meio de vídeos, canais de televisão, é uma realidade cada vez mais intensa entre os movimentos sociais e organizações sociais sem fins lucrativos, e é nesse contexto que vamos observar uma ascensão da proposta do vídeo popular no país.

Aliado às transformações nos processos de produção e técnica, segundo Robson Braga (2007), as mídias que se colocam como comunitárias, alternativas e populares, irão surgir em conjunto com a proposta de apresentar outra possibilidade diante do cenário no campo da comunicação em curso, que terá como foco central a ideia de novas perspectivas, de novos discursos sobre o que é público.

Seu foco estará em atender demandas de uma parcela da sociedade, que foram historicamente excluídas de diversos processos pelo modelo capitalista e opressor que marcam as ações dos meios de comunicação do Brasil. Desse modo, Braga (2007) ressalta que o surgimento dessas iniciativas ligadas à comunicação alternativa e popular no Brasil estará fortemente vinculado à conjuntura política vivenciada na ditadura militar (1964-1984).

É nesse cenário que será observado o surgimento de jornais que tinham como proposta ser uma oposição e também uma alternativa a uma comunicação já posta, que estava a serviço do capital.

Dentre as mais diversas manifestações de processos ligados a comunicação comunitária, alternativa e popular que irá surgir na década de 70, o vídeo popular irá se destacar como uma ferramenta importante no movimento ligado à comunicação popular daquela época.

Segundo Santoro (1989), em nosso continente, inicialmente, as atividades vinculadas ao vídeo não tinham o compromisso de fazer frente aos meios de comunicação convencionais, não sendo possível encontrar conteúdos que estivessem voltados para a luta por direitos ou para mostrar os desafios presentes o cotidiano dos sujeitos, o que não permitiu grande avanço na sua proposta.

No entanto, com o tempo surgiram outras iniciativas ligadas aos movimentos sociais, que vão fazer uso do vídeo popular para apresentar o contexto desigual e opressor que estavam inseridos.

Apresentando características próprias e com organização específicas, de acordo com sua realidade e seu contexto, essas ações tinham como objetivo atuar com a informação e com a cultura de grupos populares, também colaborando para criticar as formas de poder presentes na conjuntura que vivenciavam.

Santoro (1989) ressalta que na América Latina, na década de 80, surgirá diversos trabalhos que irão focar no uso diferente do vídeo, sobretudo pelos setores populares, tendo a proposta de avançar na ideia que o vídeo só teria função de reprodução de filmes e programas pré-gravados.

Fazendo uso das ideias de Gogara (46), diretor do grupo de vídeo Teleanálisis, do Chile, Santoro (1989) apresenta as ideias desse autor sobre a proposta do vídeo alternativo e os processos que deveriam fazer parte dessas ações.

Santoro (1989) vai, desse modo, ressaltar que Gogara compreendia que a tecnologia de vídeo também poderia ter como objetivo uma proposta alternativa às produções da comunicação convencional, sendo construída por meio dos setores populares, tendo como desafio prioritário a construção de um processo de comunicação que tivesse uma íntima relação com ideias democráticas, que assegurasse uma maior atuação dos sujeitos, e que tivesse como meta central a expressão do popular. Essa seria, de modo geral, a proposta do vídeo alternativo.

Assim, por todo o continente surgiram experiências, formas alternativas de comunicação, que tinham em comum não apenas uma maior participação popular na criação de mensagens, ou na gestão dos meios de comunicação, mas principalmente objetivos mais amplos de mudanças sociais: revistas, jornais, programas de rádio, vídeo, cinema, audiovisuais, enfim qualquer atividade na área da comunicação que trouxesse uma perspectiva de confrontação aos modelos políticos, econômicos e culturais impostos pelo capitalismo transnacional. (SANTORO, 1989, p. 31).

Essa nova manifestação de comunicação alternativa e popular, começará a ganhar força com o surgimento do vídeo-cassete em 1975 e com a criação da primeira câmera filmadora (compact-VHS). No Brasil, haverá uma grande disseminação dessa nova tecnologia a partir de 1982, como aponta Braga (2007).

Já no Brasil, a tecnologia do vídeo-cassete foi disseminada a partir de 1982, ainda como aparelho eletrônico que representava status às classes mais favorecidas. Outro motivo para a disseminação do vídeo em vários países da América Latina foi o declínio do Cinema Novo. (BRAGA, 2007, P.59).

O chamado “vídeo popular” sempre teve uma relação forte com os movimentos populares. Sua proposta e sua atuação têm como característica prioritária o estreito vínculo com esses movimentos que reivindicavam melhores condições sociais, lutando por direitos.

Buscando tentar conceituar o que poderia ser a expressão “vídeo Popular”, Santoro (1989) diz que seria preciso compreender o conjunto de produções e dos modos de atuação que estão presentes nos grupos de vídeos com sua estreita relação com os movimentos populares.

Para Braga (2007), na década de 80, iremos verificar uma expressiva euforia dos movimentos populares e de estudantes do curso de comunicação social das universidades públicas em todo o Brasil, no sentido de lutar pela garantir a democratização dos meios de comunicação.

Ressalta também que nesse período haverá um considerável número de entidades que começam a ter financiamento estrangeiro para o desenvolvimento de ações ligadas a comunicação popular e a educação.

É nesse cenário que iremos verificar uma movimentação significativa de entidades interessadas em atuar no desenvolvimento de ações ligadas a produção de vídeo popular em todo o território brasileiro. Essas experiências ligadas ao vídeo popular tinham como importante característica e se pautava por um posicionamento crítico e de questionamento a situação sociais, políticas e econômicas em curso.

Santoro (1989), também irá reforçar que será no início da década de 80 que a comunicação popular surgirá com mais intensidade, por meio de um número expressivo de manifestações ligadas a comunicação, pelos movimentos de base sociais. Essas manifestações ocorreram por meio de boletins, programas de rádio, alto-falantes, programas de vídeos etc.

O autor ainda acrescenta que mesmo com toda essa intensidade, essas manifestações ocorriam de formas isoladas, uma vez que não se verificava uma articulação e uma discussão entre esses grupos populares.

No entanto, mesmo com essa limitação, é inegável o papel dessas iniciativas para a luta por direitos sociais. O vídeo popular, por sua vez irá surgir como uma grande ferramenta capaz de colaborar com as lutas e reivindicações dos movimentos sociais.

O vídeo chega aos grupos e movimentos populares com mais um componente de luta e, por suas características técnicas, adapta-se bem a projetos de comunicação popular que têm os diferentes grupos sociais como público-alvo, prestando-se desde

a simples exibição de programas pré-gravados até a produção de mensagens originais. (SANTORO, 1989, p. 60).

A participação da população, seja de forma individual ou fazendo parte de um grupo ou coletivo, é marca do processo que está vinculado os canais de comunicação comunitária na TV a Cabo. Segundo Peruzzo (2007), essa participação ativa dos sujeitos envolvidos nos processos que compõem essas manifestações comunicacionais ligadas ao vídeo popular, será um elemento importante para a realização dessas iniciativas.

O processo, desde a origem, envolve a participação da população, desde cidadãos individualmente até sua representação através de entidades civis sem fins lucrativos. O que varia e a intensidade e a amplitude, ou numa palavra, a qualidade dessa participação, de uma experiência para outra. O que quer dizer que enquanto em algumas experiências há grande participação, em outras ela chega a ser quase nula. (PERUZZO, 2007, p. 52).

Fazendo uso de uma conceituação abrangente, Santoro (1989) vai ressaltar que nessa definição haverá um referencial prioritário para a utilização do vídeo pelos movimentos sociais, para a quantidade dessa produção, para o seu conteúdo, para a participação dos sujeitos e grupos que estão à frente dessas iniciativas e a própria exibição dos conteúdos comunicacionais que precisam está voltados para a reflexão da realidade social presente em seus contextos. Desse modo, Santoro define vídeo popular como:

A produção de programas de vídeo por grupos ligados diretamente a movimentos populares, como por exemplo, os sindicatos e associações de moradores e movimento dos Sem-Terra; a produção de programas de vídeo por instituições ligadas aos movimentos populares para assessoria e colaboração regular, como grupos de Igrejas, a FASE, a IBASE, centros de defesa de direitos humanos, entre outros; a produção de programas de vídeo por grupos independentes dos movimentos populares, que por iniciativas próprias elaboraram-nos sob a ótica e a partir dos interesses e necessidades desses movimentos, que são por fim seu público mais importante, o processo de produção de programas de vídeo, com a participação direta de grupos populares em sua concepção, elaboração e distribuição, inclusive apropriando-se dos equipamentos de vídeo; o processo de exibição de programas de interesse dos movimentos populares, produzidos em vídeo ou utilizando-o como suporte, a nível grupal, para informação, animação, conscientização e mobilização. (SANTORO, 1989, p. 60/61).



Ainda segundo Santoro (1989), no Brasil o vídeo popular também será pautado na existência de pequenos grupos, ligados a uma proposta central que será compartilhada por diversos grupos de forma não organizada, assim como ocorre com o movimento popular. Essa realidade começa a mudar com o surgimento da Associação Brasileira de Vídeo no Movimento popular.

Em outros países latino-americanos, essas iniciativas ligadas ao vídeo popular serão conhecidas por “Vídeo Popular”, mas aqui no Brasil o termo “comunicação alternativa” será compreendido como uma realidade que ocorre por meio de experiências na sociedade civil, que serão compostas por forças que farão oposição aos processos de opressão em curso no país.

Desse modo, o vídeo popular será a expressão mais adequada já que o chamado vídeo alternativo estaria vinculado a toda e qualquer produção de vídeo que não são elaboradas pelas emissoras de TV, não tendo cuidado para as especificidades presentes nos processos onde o vídeo está presente.

Sendo assim, é importante compreender os vários fatores que compõem a experiência com vídeo popular e suas peculiaridades. As questões que se referem ao trabalho coletivo e independente precisam ser consideradas nesse processo, por isso a necessidade de uma maior organização desse processo para que haja uma troca de experiências sem que exista um discurso limitado que não esteja voltado para compreender a diversidade existente desses processos.

Peruzzo (2007) alerta para a importância de se criar espaços e mecanismos onde seja possível potencializar a mobilização social dos canais comunitários. Para ela, essa mobilização permitiria uma melhor condição para sua implementação, além de assegurar sua ocupação de forma mais democrática e representativa.

Nesse sentido, os Comitês locais de comunicação em parceria com os Conselhos de Municipais de Comunicação Comunitárias poderiam ser importantes espaços voltados para o aumento da cidadania dos sujeitos, por meio de ações ligadas a comunicação popular.

Santoro (1989) também ressalta a importância das experiências com vídeo, mesmo que essas não estivessem organizadas em rede. Para ele, isso não ocasionou

danos ao processo, mesmo compreendendo a importância de uma maior organização e proximidade com outras realidades.

As experiências em vídeo, ainda que fragmentadas e isoladas permitissem a consecução de trabalhos de dimensão grupal, explorando certas contradições que acompanham a evolução da tecnologia. Como afirma Duguet, o vídeo possibilitou algumas situações críticas: se ele pode servir igualmente a objetivos opostos, ele o faz segundo dados, inclusive técnicos, que autorizam ou não certos tipos de experiências, que induzem certas relações, sem que seja seu único fator de determinação. Esse instrumento, como qualquer outro, não saberia ser neutro. (SANTORO, 1989, p. 30).

Essa articulação em rede poderia colaborar para que as ideias e características que compõe a proposta do vídeo popular, por exemplo, pudessem se manter ou ser alterada no sentido de melhorar sua proposta e atuação. De algum modo, essas alterações vão começar a ser observada no decorrer da trajetória do vídeo popular.

Segundo Braga (2007) haverá uma alteração na proposta do vídeo popular ao longo do tempo, uma alteração que será marcada por uma atuação mais diversificada, se distanciando das lutas por direitos sociais.

Essa mudança será marcada por certo enfraquecimento dos movimentos sociais, que perderam força diante de um cenário em que não se observará uma maior disputa entre forças político-partidária. Assim, essas ações se voltaram para outras vertentes, atuando na capacitação de jovens produtores de comunicação e para inserir esses sujeitos no mercado de trabalho.

Dessa forma, pode-se afirmar que essas mídias comunitárias não estão ligadas a movimentos sociais específicos, como estavam às mídias populares. As comunitárias vão atender a alguma demanda específica das comunidades, como a comunicação entre seus membros, a qual é quase inviável através dos veículos massivos de comunicação. Se antes o objetivo era reivindicatório, hoje é mais educativo, cultural e artístico. (BRAGA, 2007, p.59).

Segundo Braga (2007), a partir do momento em que os movimentos sociais começam a ter sua atuação enfraquecida em 1990, as Organizações Não-Governamentais, irão voltar suas ações para o desenvolvimento de atividades ligadas a educação, a comunicação e acultura.

Os sujeitos participantes dos processos em curso nesses espaços faziam parte de grupos comunitários que não tinham um sentimento reivindicatório ou bandeiras reivindicatórias.

Em Fortaleza, segundo Braga (2007), durante a década de 90, os produtores ligados ao cinema e a produção audiovisual vão ter papel importante no desenvolvimento do vídeo popular na cidade, uma vez que irão se organizar e começar a pensar e a refletir sobre os processos que ligados à produção local, tendo como mote prioritário a descentralização das tecnologias e das produções que até então estavam focadas, em grande maioria, no eixo Rio-São Paulo.

Mesmo com essa importante contribuição, Braga (2007), ressalta que as ONG's da cidade, ao fazer uso do audiovisual, por meio do vídeo popular, em grande parte, não conseguem aprofundar com os sujeitos envolvidos as temáticas trabalhadas nos vídeos, atuando de forma mais direta na inserção desses sujeitos no mercado de trabalho.

Diante do exposto acima, as experiências comunicacionais voltadas à comunicação alternativa e popular, sempre estiveram ligadas as lutas dos movimentos sociais populares. Desse modo, as experiências com rádio comunitário e as ligadas ao vídeo popular, como vimos, serão expressões de um olhar crítico e de combate ao poder opressor.

Os movimentos sociais, por sinal, se apropriaram das ferramentas comunicacionais com a proposta de lançar um novo olhar sobre sua realidade, buscando potencializar suas lutas e reivindicações, buscando se opor a forma como a comunicação convencional, ligadas ao poder econômico e político, tratavam suas demandas. A apropriação dessas ferramentas comunicacionais, dessa maneira, será algo recorrente nessas experiências.

No Cuca Mondubim, o audiovisual estará presente nos processos ligados à formação, produção e disseminação de produtos ligados ao campo do audiovisual. Os jovens participantes dos cursos ligados ao audiovisual, em suas maiorias jovens da periferia da cidade, produzem vídeos com temáticas sociais.

São curtas, documentárias e um programa de TV, onde o foco prioritário são os debates sobre questões de gênero, igualdade racial, desigualdade social, acessibilidade, entre outros. Essas práticas são conduzidas por um professor com estreita experiência

no campo do audiovisual oriundo de movimentos ligados a comunicação alternativa e popular na cidade.

É por meio da reflexão dessas práticas comunicacionais ligadas ao audiovisual, nas quais há uma forte relação com as ideias apresentadas acima sobre vídeo popular, que buscaremos compreender melhor como os jovens se apropriam ou não, dos processos audiovisuais e como a dimensão institucional se apresenta nessas práticas.

A seguir, traremos pressupostos teóricos que nos ajudaram na compressão sobre a comunicação pública. Entendemos que, a partir desse processo, poderemos verificar se as práticas comunicacionais presentes no Cuca Mondubim, se aproximam mais das ideias de comunicação alternativa e popular, ou estão mais próximas das ideias de comunicação pública, sendo a primeira instrumentalizada para legitimar as práticas institucionais em curso.

Esse movimento é motivado também pelo fato de atualmente as praticas comunicacionais ligadas à equipe de comunicação popular e cidadania, passaram a está vinculada à diretoria de comunicação social da Rede Cuca.

### **3.5 Comunicação Pública – Práticas comunicativas no espaço público**

Como já destacado, há uma diretoria de comunicação social na Rede Cuca, que se dedica, dentro outras coisas, a divulgação e visibilidade das ações e projetos em curso na Rede Cuca. Essa diretoria vem atuando também como coordenadora das ações da Equipe de comunicação popular e cidadania que, dentre outras atividades, que serão descritas nas próximas linhas, fica encarregada também por conduzir os processos radiofônicos da rádio Cuca.

Nas próximas linhas, procura-se discutir e refletir o conceito de comunicação pública, buscando compreender como essa prática comunicativa ocorre nos espaços públicos. Acreditamos que esse movimento nos ajudará na reflexão sobre as relações ou proximidades entre as práticas comunicativas em curso no Cuca Mondubim e sua relação com a Comunicação Pública. De inicio, trazemos um panorama sobre o surgimento e ampliação da Comunicação Pública no Brasil.

De acordo com Duarte (2010), ao longo dos anos, a Comunicação Pública vai se tornando uma alternativa vigorosa para profissionais e estudiosos da comunicação, para o terceiro setor e também para a iniciativa privada, uma vez que as informações e as pautas dos Governos se tornavam cada vez mais disponíveis e o interesse social cada vez mais crescente.

Para Barros e Bernardes (2011), o conceito de Comunicação Pública ainda está em constante discussão no Brasil e as reflexões sobre o assunto não apresentam consenso entre os estudiosos. Segundo os autores, as ideias sobre Comunicação Pública tem sua origem na Europa, sobretudo na França, nos anos 80. Os estudos tratavam sobre a comunicação em instituições públicas.

Aqui no Brasil, vamos verificar essa expressão ser usada desde os anos 80, fazendo referencia a comunicação estatal, contrapondo à comunicação desenvolvida em espaços privados.

Será, após o fim do regime militar, que as ideias de comunicação pública passarão a ser compreendidos como meio capaz de assegurar uma ligação entre comunicação, democracia e cidadania, sobretudo em espaços ligados ao estado, aos órgãos públicos, as Organizações Não-Governamentais (ONGs) e diferentes entidades da sociedade civil.

A adoção do termo comunicação pública para atividades comunicativas de instituições governamentais foi apresentada no Brasil como novidade, adaptando um conceito adotado por autores franceses, mas, na realidade, tal prática deriva do campo da comunicação organizacional. Embora haja, no Brasil, efetivamente, diferenças entre as práticas dos atores ligados às instituições oficiais e aqueles que atuam em organizações da sociedade civil, muitas estratégias de comunicação no setor público são incompatíveis com os princípios da comunicação pública, por várias razões (BARROS E BERNARDES, 2011, P. 12).

Ainda segundo os autores, o termo usado para fazer referencia as atividades de comunicação de um determinado Governo, passaram a substituir antigas expressões ligadas ao marketing político ou a publicidade de governo. Essa utilização tem amparo na necessidade de legitimação das atividades desenvolvidas pelo Estado, que não tem interesse em ser comparado ou confundido com outros governos.

Destacam também a função ideológica presente nos sistemas oficiais de informação no Brasil, sobretudo nos períodos do Estado Novo, do regime militar e da redemocratização.

Para os autores, em todas essas fases da história da comunicação governamental no Brasil, as atividades de comunicação estavam fortemente vinculadas aos interesses dos partidos políticos, de governantes e regimes políticos. Barros e Bernardes (2011) chegam a afirmar que não seria possível dizer ter havido políticas de comunicação durante o século XX.

Como ressaltam vários autores, cada governo muda as regras ao sabor de seus interesses e cada instituição pública funciona como se fosse uma corporação privada. Nessa perspectiva, a estrutura organizacional/institucional corresponde a um superlativo da vontade individual, com primazia do particular sobre o coletivo e do privado sobre o público, nas palavras de Barros (2000), ao aplicar as ideias de Gilberto Freyre ao campo da cultura organizacional no Brasil (BARROS E BERNARDES, 2011, P. 14).

Para Garcia (2008), foi por meio da constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2009), que se alterou os princípios que definiam o papel da comunicação governo-sociedade. A partir desse marco, deu-se início a uma nova etapa da comunicação governamental, marcado pelo compromisso do cidadão e do governo na construção do Estado e na defesa dos interesses públicos.

O termo “Comunicação Pública” terá sua origem fortemente relacionada às ideias de comunicação governamental. Para Duarte (2010), será a partir de 1980, com a consolidação da democracia e com a alteração do perfil da sociedade, a comunicação Pública irá ter sua evolução no Brasil, se consolidando cada vez mais como uma poderosa alternativa para a comunicação entre Governo-Sociedade.

No entanto, sempre bom lembrar, como aponta Barros e Bernardes (2011), que há diferenças entre a comunicação pública, quando ocorre em instituições ligadas ao estado e as que são ligadas a sociedade civil. Essas diferenças e ambiguidades que precisamos ficar atentos quando vamos estudar a comunicação pública em curso no Brasil.

Duarte resalta que os registros iniciais da comunicação governamental no século XX vão apresentar características fortemente autoritárias. Somente depois do

fim da censura e com a redemocratização é que iremos verificar alteração nesse contexto que marcou a atuação da comunicação governamental no Brasil.

A Constituição de 1988, a transformação do Papel do Estado, o Código de Defesa do Consumidor, a terceirização e a desregulamentação, a atuação de grupos de interesse e movimentos sociais e o desenvolvimento tecnológico estabeleceram um sistema de participação e pressão que forçou a criação de mecanismos para dar atendimento às exigências de informação e tratamento justo por parte do cidadão em sua relação com o Estado e instituições, do consumidor com as empresas e entre todos os agentes sociais (DUARTE, 2010, p. 5).

Nesse novo contexto, a comunicação governamental assumiu ou deveria assumir, o compromisso de informar o cidadão sobre questões de interesse público e no fortalecimento da participação direta dos sujeitos, para colaborar no sentido de construir uma sociedade mais democrática e cidadã.

Diante desse contexto, torna-se necessário compreender como poderia se dar a utilização das praticas comunicativas destinadas para a cidadania, na administração pública, ressalta Garcia (2008).

Ainda seguindo Garcia (2008), “Comunicação Pública” é um conceito recente e que há uma infinidade de definições que tratam sobre esse tema. Para Brandão (2007), o termo vem sendo usado em vários sentidos, que se complementam ou se distinguem sobremaneira.

O autor reforça que há uma prática comum em trabalhos acadêmicos de tratar a comunicação pública como um conceito marcado somente para a reflexão das práticas comunicativas realizadas por órgão governamentais, tais como comunicação governamental, política, publicidade governamental ou propaganda política.

A comunicação pública governamental que, historicamente, vem predominando no Brasil é a de natureza publicitária, isto é, o governo faz a divulgação de suas ações, em tom persuasivo, com utilização dos meios de comunicação de massa, como canais prioritários para a circulação das mensagens. Um segundo tipo de comunicação que prevalece nas ações comunicativas governamentais é a educativa, sobretudo na área da saúde. Nota-se nesse tipo de campanha o mesmo tom persuasivo citado anteriormente, e os mesmos canais de comunicação (GARCIA, 2008, p 05).

Fazendo uso das reflexões de Zémor (1995), o autor ainda destaca que a Comunicação pública não deve se restringir o trabalho desenvolvido pelo marketing dos produtos de consumo ou mesmo da prática comunicativa das empresas que atuam no mercado.

Para Zémor (1995), a Comunicação Pública deve se pautar por uma prática que esteja alinhada com a alimentação do conhecimento cívico, que colabore para facilitar as ações do poder público e também de assegurar o debate sobre questões relacionadas ao espaço público. O autor, compreendendo que a Comunicação Pública não deve estar separada das atribuições das instituições públicas, pontua algumas das funções que se aplicaria a Comunicação Pública nesse contexto.

Nessa perspectiva, são suas funções: a- informar (levar ao conhecimento, prestar conta e valorizar); b- de ouvir as demandas, as expectativas, as interrogações e o debate público; c- de contribuir para assegurar a relação social (sentimento de pertencer ao coletivo, tomada de consciência do cidadão enquanto ator); d - de acompanhar as mudanças, tanto as comportamentais quanto as da organização social.

A Comunicação pública vai ocorrer em ambientes caracterizados pelo fluxo de informações que estejam relacionadas ao interesse social e os agentes públicos. Nessa perspectiva, a Comunicação Pública está voltada para governos, Estado, sociedade civil, partidos políticos, empresas, terceiro setor e sujeitos de modo geral.

Com a função de realizar o compartilhamento, negociações, conflitos e de acordos visando o atendimento das demandas sociais, de acordo com o suas especificidades, a Comunicação pública irá ter papel importante em garantir visibilidade do direito coletivo e individual. Nesse sentido, Duarte define Comunicação Pública com:

A comunicação pública diz respeito à interação e ao fluxo de informação relacionado a temas de interesse coletivo. O campo da comunicação pública inclui tudo que diga respeito ao aparato estatal, às ações governamentais, partidos políticos, terceiro setor e, em certas circunstâncias, às ações privadas. A existência de recursos públicos ou interesse público caracteriza a necessidade de atendimento às exigências da comunicação pública (DUARTE, 2010, p. 8).

Para Zémor (1995), a Comunicação Pública é a comunicação formal que se refere a troca e ao compartilhamento de informações que são de interesse público, bem



como colaborar para uma maior relação com a sociedade, que é de responsabilidade das instituições públicas. Desse modo, seu papel é dar resposta às demandas sociais, colaborando para que haja uma maior facilidade e eficiência na busca por retornos as demandas sociais.

Ainda segundo Barros e Bernardes (2011), as práticas comunicativas ligadas aos Governos surgem de acordo com a conveniência daqueles e daquelas que estão no poder, de acordo com seus interesses. Para os autores, historicamente, essas iniciativas passaram pelas mais diversas denominações.

Relações públicas, imprensa oficial, comunicação institucional e propaganda institucional, foram alguns termos já utilizados ao longo do tempo, mas que agora se vêm convencendo chamar de Comunicação Pública.

A denominação comunicação pública passou a ser adotada pelas instituições governamentais devido ao seu apelo de legitimidade. Trata-se de um conceito que produz variadas conotações positivas, que se distanciam das desgastadas práticas de comunicação estatal, governamental ou institucional. Ao se autodesignarem como instituições de comunicação pública, encontraram um emblema positivo para substituir os estigmas de ineficiência, desinteressante e “chapa-branca”. Comunicação pública, ao contrário, remete a uma ordem simbólica de transparência, participação popular, engajamento social, interatividade (BARROS E BERNARDES, 2011, P. 15).

Para Kegler (2008) a comunicação social de massa irá passar a ter um papel importante no que se refere a dar respostas aos interesses das nações, no período marcado pelo desenvolvimentismo que marcará o final dos anos 60 e o começo dos anos 70.

Para a autora, se verificou um forte crescimento das assessorias de comunicação dos governos, marcado pelas mudanças nas atribuições do novo contexto burocrático do Estado. Será esse crescimento das assessorias que marcará o fortalecimento e consolidação do conceito de comunicação pública no país.

A “comunicação pública”, nesse caso, a comunicação nos governos, pode ser caracterizada inicialmente pela criação do Departamento de Imprensa e Propaganda em 1939 pelo Presidente Getúlio Vargas, que vem a substituir o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC-1934), antecedido pelo Departamento Oficial de Propaganda (DOP), que foi um órgão da administração pública com intuito de propaganda estatal também criado em 1931 no governo de Getúlio Vargas,

para sistematizar um discurso legitimador através da propaganda (KEGLER, 2008, p. 4).

Zémor (1995) lista algumas formas de comunicação do serviço público. Dentre elas, destacamos a comunicação institucional. Segundo o autor, esse termo destina-se ao conjunto de registros – informação obrigatória ou cívica, relação com os usuários ou ainda a promoção de serviços - que compõem o ambiente do serviço público, e que cabe a Comunicação Pública, por meio da comunicação Institucional, sua divulgação.

Ainda segundo o autor, a comunicação institucional tem por função esclarecer as atribuições da instituição, como foco em apresentar com clareza sua identidade e sua imagem, prestar contas das atividades da gestão pública e também acompanhar a política da instituição.

Desse modo, a comunicação institucional é uma forma de comunicação global que só poderá ter excelência em umas atribuições se incorporarem em suas atividades a comunicação externa e a comunicação interna.

Para Coutinho (2015), a comunicação institucional cumpre o papel de construir e formatar uma imagem e identidades positivas e fortes das organizações. Nesse sentido, a comunicação institucional está fortemente ligada a questões institucionais que se volta para o lado público às organizações.

Ainda segundo a autora, é por meio da comunicação institucional que se constrói uma imagem organizacional e tem como objetivo prioritário a influência político-social no cenário em que se encontra. Desse modo, configura-se como uma importante ferramenta estratégica, já que desempenha uma função política, no seu sentido mais amplo.

Nessa perspectiva, A Comunicação Pública, por meio também da comunicação institucional, irá ressaltar as características que estão intimamente vinculadas à missão, os valores e a filosofia da organização, criando uma estrutura institucional capaz de assegurar o seu pleno funcionamento.

Para Duarte (2010), o desafio da Comunicação pública é garantir que os interesses da sociedade e dos cidadãos sejam colocados acima das instâncias de governo, do interesse privado, dos meios de comunicação de massa, das questões pessoais e políticas.

O autor ressalta que a ideia-chave seria assegurar o espírito público no desenvolvimento das ações da Comunicação Pública, garantindo o compromisso de ter o interesse público como foco prioritário de suas ações.

A ação em Comunicação Pública pode ser movida por alguns princípios fundamentais: a democratização da informação, afinal todo cidadão deve ter acesso às informações relevantes para sua inserção na sociedade e exercício de seus direitos; a adoção da perspectiva do cidadão nos processos, já que a comunicação deve estar atenta ao sentimento, interesse e necessidades da população e, também, o estabelecimento de vias de mão dupla, por meio de canais de diálogo e interação entre a sociedade, seus diferentes segmentos e os governos (DUARTE, 2011, P. 03).

Ainda segundo Duarte (2011) a Comunicação Pública que PE discutida atualmente pode ser compreendida como um processo de evolução do conceito de comunicação governamental, com relação muito próxima a uma comunicação do espaço público. Ainda segundo o autor, é possível compreender a Comunicação Pública como uma prática comunicativa que está relacionada com temáticas de interesse da população em geral.

A Comunicação Pública, neste sentido, diz respeito à transparência, participação, diálogo, e a um relacionamento cotidiano e individualizado das instituições com o cidadão. Pode ser compreendida, também, a partir da noção de que a informação é direito individual e patrimônio coletivo (DUARTE, 2011, P. 04).

Para Ribeiro (2007) será por meio da comunicação desenvolvida pelas organizações privadas que começara a surgir a “comunicação de interesse público”, com a proposta de viabilizar debates sobre temas relevantes de interesse social e que promovesse uma visão social, para o desenvolvimento de uma esfera pública.

No entanto, a comunicação de interesse pública vai sendo compreendida como uma comunicação voltada para “vender” uma imagem de um Governo idealizado por seus membros, se aproximando, cada vez mais, de aspectos da publicidade.

Sobre esse aspecto, Ribeiro (2007) diz que não se pode confundir com que chama de “comunicação de interesse público” com o “Marketing social”. Para ele, a comunicação de interesse pública tem como principal proposta o esclarecimento da sociedade e o marketing social figura apenas como uma estratégia de publicidade, que se esconde por meio de uma “falsa” comunicação de utilidade pública.

Também sobre essa questão, Silva (2007) destaca que os maiores clientes da publicidade no Brasil será o poder público. Segundo o autor, o poder público vai começar a recorrer à mídia na tentativa de mudar o quadro de descrença na política, por parte da sociedade.

Ribeiro (2007) ainda ressalta que a ética nas organizações é um elemento importante para o estabelecimento de uma comunicação que seja transparente, que aja com foco no interesse e em benefício público.

Como vimos, a Comunicação Pública terá um importante papel no que se refere à divulgação as demandas das esperas públicas, buscando também assegurar o direito que os cidadão e cidadãos têm de se informar sobre as ações dos governos.

No Cuca Mondubim, iremos notar uma significativa presença das praticas comunicativas ligadas a Comunicação Pública por todo o espaço que compõe o equipamento, sejam por meio de cartazes, informativos, comunicados internos e externos etc.

Na presente pesquisa, buscaremos refletir em que medida essas práticas comunicativas ligadas à Comunicação Pública, estão inseridas nas atividades comunicativas que compõe os processos do programa radiofônico Frequência Cuca e dentro do processo de construção do programa Conexões Periféricas.

Desse modo, a categoria de apropriação terá importante papel no sentido de entendermos melhor como e qual o nível que essa dimensão institucional vem ou não interferindo nessas praticas comunicativas.

Assim, detalhar o conceito de apropriação torna-se fundamental para melhor compreendermos o movimento ligado à comunicação alternativa e popular e os impactos da dimensão institucional exposto acima, além de nos ajudar nas reflexões sobre os fenômenos comunicacionais presentes no Cuca Mondubim.

### **3.6 Apropriação: principais conceitos**

Ao longo do presente capítulo, verificamos como os movimentos sociais colaboraram para que sejam construídas as ideias e as práticas que fazem parte do que chamamos de comunicação alternativa e popular.

Esses processos, sejam por meio do vídeo popular ou pelos processos ligados as experiências com rádio comunitário, nos ajudarão a compreender o movimento em curso na cidade de Fortaleza, por meio das práticas comunicacionais que são desenvolvidas do Centro urbano de cultura arte ciência e esporte – Cuca Mondubim.

Nossa pesquisa irá, nesse sentido, buscar compreender como vem ocorrendo à apropriação da comunicação alternativa e popular nos espaços institucionais do Centro urbano de cultura arte ciência e esporte – Cuca Mondubim.

Buscamos também entender quais as interferências institucionais nas práticas comunicacionais presentes no Cuca Mondubim, a partir da apropriação das experiências ligadas a comunicação popular, por parte de uma política pública. Desse modo, compreendermos melhor a categoria apropriação torna-se um percurso importante.

Para nos ajudar nessa reflexão vamos, neste tópico, procurar detalhar a categoria de apropriação e como esse conceito pode colaborar para compreendermos melhor as questões apontadas acima. Nessa perspectiva, iremos trabalhar com algumas das contribuições sobre apropriação construídas por alguns autores, sobretudo por Thompson (1995), Smolka (2000), Lemos (2006), Rodrigues (2006) e Peter Burke (2003).

De início, precisamos entender como o conceito de apropriação foi sendo aplicado ao longo do tempo, destacando as principais ideias que poderão nos ajudar nesse processo de conceituação.

Nessa perspectiva, Peter Burke (2003), ao falar sobre o estudo do hibridismo cultural, ressalta que as condições que a hibridação cultural podem ser concretizadas a partir de três pressupostos fundamentais que colaboram para o seu melhor entendimento.

Dentre eles, o autor ressalta a ideia das tradições de apropriação, também conhecida como tradição de modificação de tradições. Burke (2003) ressalta o surgimento de apropriação como alternativa para as ideias de imitação.

Uma alternativa a imitação era a ideia de apropriação ou, mais vividamente, "espoliação", cujo contexto original era as discussões travadas pelos teólogos agora reverenciados como doutores da Igreja sobre os usos da cultura paga que eram permitidos aos cristãos. (Burke, 2003, p. 41 e 42).

Segundo Burke (2003), apropriação é um termo que já vem sendo muito utilizado ao longo dos anos. Há, por exemplo, na história clássica, as ideias de imitação criativa. Diversos artistas declaravam certa imitação de obras de outros artistas, para a realização de suas peças artísticas.

Em meio às discussões sobre até que ponto poderiam ser aceitas essas imitações, estavam as que apontavam para um suposto plágio das obras que foram utilizadas por terceiros. O autor destaca que o lado negativo da ideia de apropriação refere-se ao plágio, que existe antes das leis dos direitos autorais. Outro termo tradicional é o empréstimo cultural. Sendo alguns autores o empréstimo cultural está presente em todas as culturas.

Rodrigues (2006), fazendo uso das ideias de Roger Chartier (2001), nos ajudar a compreender melhor o sentido de apropriação. Segundo Rodrigues (2006), o autor diz que o exercício de ler é uma apropriação do texto, já que configura de forma concreta o potencia semântico do mesmo, e cria uma mediação para que o conhecimento do eu através da compreensão do texto. Sobre essa compressão de Chartier, a autora diz:

Sua formação da noção de apropriação, mais sociológica que fenomenológica, é particularmente importante. Ele afirma que essa noção corresponde à ação criativa que se encontra no cerne do processo de recepção, favorecendo, para o pesquisador, a compreensão de usos diferenciados, e mesmo oposta, de um mesmo produto cultural. (RODRIGUES, 2006, p.100).

No campo da tecnologia, por exemplo, André Lemos (2006) diz que a apropriação está relacionada com uma dimensão técnica e uma dimensão simbólica. Para o autor a apropriação é, de certo modo, compõem algumas vias que se configuram com a utilização, aprendizagem e domínio técnico. No entanto, há também uma forma de desvio que não foi construída pelo inventor, mas que surge por meio do contato do sujeito.

Segundo Kadma Marques Rodrigues (2006), apropriar-se de algum bem cultural é fazer com que esse bem se torne, de algum modo próprio, é fazê-lo parte da estrutura emocional, cognitiva, e existencial.

A autora lembra que segundo Chartie (2001), apropriação vai corresponder ao espaço criativo presente, potencial ou efetivamente, em todo processo de bens culturais. Desse modo, a apropriação de pinturas, por exemplo, vai se constituir em um processo onde o potencial criativo presente na apreciação leiga ou erudita, será intensificado.

Rodrigues (2006) ainda reforça que a apropriação está no âmbito da recepção dos bens culturais, mas isso não quer dizer que toda recepção estará ou se realizará como apropriação.

Para outros autores, reforçando as contribuições de Rodrigues (2006), vão destacar que o termo apropriação está relacionado com a possibilidade de o indivíduo toma de forma ((de algum lugar) e de alguém (um outro).

Segundo Ana Luiza Bustamante Smolka (2000), o conceito de apropriação também está relacionado com outras definições. O termo faz referencia a possibilidade de tornar próprio, de tornar seu.

Ainda segundo Smolka (2000), as ideias elaboradas por Marx e Engles, onde a apropriação é definida como um processo de “tornar próprio” tem relação com o “fazer e usar instrumentos”, que permite aos indivíduos e objetos uma transformação recíproca, o que implicará em formas específicas de trabalhar e produzir no cotidiano.

Como apontado por esses autores, “a apropriação (das forças produtivas) é nada mais que o desenvolvimento das capacidades individuais correspondendo aos instrumentos materiais de produção” (Smolka, 2000).

A autora ainda faz um alerta no sentido de não compreendermos o “tornar próprio”, como algo que se relaciona com o “tornar adequado” às expectativas sociais. Para a autora existem modos de “tornar próprio”, de “tornar seu”, que não são adequados ou pertinentes para o outro.

Ressalta ainda que esse modo de participação e produção pode elaborar desconfortos para os outros, uma vez que é um olhar de um sujeito que se apropriou de

algum processo e o conduz ou reproduz de modo particular, podendo haver, desse modo, uma alteração nas relações de poder. Sobre esses aspectos Smolka (2000) destaca:

Do nosso ponto de vista, a apropriação está relacionada a diferentes modos de participação nas práticas sociais, diferentes possibilidades de produção de sentido. Pode acontecer independentemente do julgamento de uma pessoa autorizada que irá atribuir um certo valor a um certo processo, qualificando-o como apropriado, adequado, pertinente, ou não. Portanto, entre o “próprio” (seu mesmo) e o “pertinente” (adequado ao outro) parece haver uma tensão que faz da apropriação uma categoria essencialmente relacional. (Smolka, 2000, P. 102).

Sobre a importância de melhor compreender os processos que compõem as dimensões da apropriação, Rodrigues (2006) destaca que a apropriação-criação sempre esteve em um lugar secundário, ao longo da história da arte.

Isso pode ser entendido pelo fato de as noções de apropriação estar sempre vinculadas às noções de cópia ou dita versão. Desse modo, a apropriação-criação para a sociologia da arte, não tem se constituído como matéria relevante de estudo.

Para Thompson (1990, p. 402), torna-se fundamental buscarmos refletir sobre o processo definidos por ele como apropriação cotidiana dos produtos da comunicação de massa, quando analisamos a comunicação de massa em geral, e a compreensão da natureza ideológica das mensagens, de modo particular. O autor reforça que a produção, transmissão e construção de mensagens compõem um enfoque que colabora para compreendermos a comunicação de massa.

Thompson ressalta que o estudo sobre a apropriação cotidiana dos produtos da comunicação de massa, foi deixado de lado ao longo dos anos e que há pouca contribuição acadêmica na atualidade.

Há ainda outro fator pontuado pelo autor. Para Thompson, partes dos estudos acadêmicos voltam-se para reflexão da audiência, para os efeitos das mensagens, as formas como os receptores utilizam os meios etc.

No entanto, há uma ausência de um olhar que contribuísse para compreensão dos contextos sócio-históricos específicos, em que os sujeitos que recebem as mensagens



pudessem ser objeto de análise, buscando compreender quais sentidos dão as mensagens que tem acesso, o quanto se encantam e em que medida incorporam em suas vidas cotidianas.

Para o autor, da mesma forma que a análise da produção e transmissão, a análise dos processos de recepção e apropriação pode ser realizada através da combinação da análise sócio-histórica e da pesquisa etnográfica. Elementos fundamentais para que consigamos compreender as formas de apropriação em curso.

Pela análise sócio-histórica, nós podemos examinar as circunstâncias as condições socialmente diferenciadas em que as mensagens são recebidas por pessoas particulares. As condições específicas seriam: em que contextos, com que companhia, com que grau de atenção, consistência e comentários, as pessoas leem livros, assistem televisão, escutam músicas, etc.? As condições socialmente diferenciadas seriam, como a recepção das mensagens viria de acordo com as situações como classe, gênero, idade, etnia, situação geográfica do ouvinte?. (THOMPSON, 1990, P. 394).

Thompson reforça ainda que o processo de apropriação é permanente, que pode contar com outros contextos, outros sujeitos, outras mensagens em conexão com as mensagens já presentes. Diz o autor que a apropriação, fazendo uso do termo correto da hermenêutica, é um processo de “tornar próprio”, algo que é novo, alheio, estranho.

Thompson (1990) ressalta que esse processo de “torna próprio” precisa ser compreendido em relação aos sujeitos, compreendendo sua singularidade que, no seu cotidiano, são receptoras das mensagens, falam sobre elas com outros sujeitos e, por meio de um processo permanente de elaboração discursiva, as incorporam em suas vidas cotidianas.

Segundo o autor, esse processo é um processo ativo e potencialmente crítico, onde sujeitos estão permanentemente inseridos no contexto, buscando entender, dar sentido as mensagens que recebem, de avaliá-las, de se relacionar com elas, e compartilhar com outros sujeitos.

Sobre a ideia de que os receptores das mensagens são passivos no processo de recepção, o autor trata essa questão como um mito construído ao longo do tempo e que não tem relação alguma com as ideias e conceitos trabalhando até aqui sobre apropriação.

A ideia de que os receptores de mensagens são espectadores passivos, esponjas inertes que simplesmente absorvem o material jogado sobre eles, é um mito enganador que não condiz com o caráter real da apropriação, como um processo contínuo de interpretação e incorporação. (THOMPSON, 1990, P. 409).

Acreditamos que, a partir das reflexões teóricas apontadas acima, poderemos ter condições de melhor analisarmos os fenômenos em curso no Cuca Mondubim, sobretudo no que se refere a compreender como ocorre a apropriação da comunicação alternativa e popular nos espaços institucionais do Centro urbano de cultura arte ciência e esporte – Cuca Mondubim, especialmente nas ações desenvolvidas pela Equipe de Comunicação Popular do Cuca Mondubim e nos cursos ligados ao audiovisual que são executados no equipamento.

Desse modo, pretendemos trabalhar a dimensão da categoria de apropriação, buscando compreender como ela vem sendo materializada nos espaços institucionais, entendendo quais brechas e quais limites ela irá encontrar nessas práticas comunicacionais presentes tanto nas ações da rádio cuca, como nas produções audiovisuais que são desenvolvidas no Cuca Mondubim.

#### **4. O CAMPO REVELANDO OUTROS OLHARES PARA A PESQUISA**

Quando iniciei minha jornada no mestrado, imaturo em campo, com uma série de inquietações e diversos desejos, mal sabia que o processo seria tão surpreendente e marcada por grandes descobertas, ao longo da caminhada. Descobri que, está aberto para o “novo”, para o que estava por vir, seria um movimento essencial para minha pesquisa.

Como já citado, ao logo dos capítulos anteriores, será por meio da presença mais constate em campo e por meio de um olhar mais atento aos procedimentos e acontecimentos em curso nesse campo, que vou me descobrindo enquanto pesquisador e descobrindo outro caminho possível para o trabalho.

A partir do momento que me permito está aberto em campo, começo a ficar mais atento aos processos que antes me pareciam invisíveis ou inexistentes. Esse novo olhar e posicionamento permitiu que ficasse mais tranquilo com relação as minhas inquietações e fosse possível descobrir o verdadeiro sentido e rumo para a pesquisa.

Foi por meio desse movimento, que começo a olhar de outro modo as práticas comunicacionais presentes tanto no programa radiofônico “Frequência Cuca”, quanto nos processo de produção do programa “Conexões Periféricas”.

Percebo que, se não houvesse tido um salto no que se refere à compreensão sobre o meu papel de pesquisador em campo e sobre os limites e possibilidades que a etnográfica poderia me oferecer, ao logo do processo, pouco teria avançado e certamente não poderia ter chegado até aqui.

Acompanhando de forma mais atenta e permanente esses processos, fui percebendo os limites e tensões presentes nos processos que faziam parte dos programas que estava acompanhando. Foi por meio desse processo de acompanhamento, da observação participante, que vou avançando no foco central da pesquisa.

Também é por meio da observação participante que vou, ao logo do processo, estando mais próximo das juventudes participantes das práticas comunicacionais acompanhadas ao longo da pesquisa. Essa aproximação foi também fundamental para a coleta de dados e para compreender os processos em andamento.

Angrosino (2008), destaca que essa aproximação com os sujeitos pertencentes a comunidade estudada vai ser fundamental no processo da observação participante. O autor também pontua alguns aspectos importantes nesse sentido.

Na observação participante os membros da comunidade estudada concordam com a presença do pesquisador entre eles como um vizinho e um amigo que também é, casualmente, um pesquisador. O observador participante deve, então, fazer o esforço de ser aceitável como pessoa (o que vai significar coisas diferentes em termos de comportamento, de modos de viver e, às vezes, até de aparência em diferentes culturas) e não simplesmente respeitável como cientista. Assim, ela ou ele deve adotar um estilo que agrada a maioria das pessoas entre as quais se propõe a viver (ANGROSINO, 2008, p. 34).

O autor ainda reforça que o observador participante precisa ter clareza que não há conduções de se ter controle sobre os elementos que compõe a pesquisa. O processo está intimamente vinculado aos desejos dos sujeitos envolvidos, procurando “ir com a maré”, mesmo que esse movimento não esteja previsto no roteiro de pesquisa.

É a partir do momento em que vou buscando “ir com a maré”, como aponta Angrosino (2008), que vou percebendo o uso das ideias de comunicação alternativa e popular nas práticas comunicativas do Cuca Mondubim e o campo vai, cada vez mais, me oferecendo outros elementos de reflexão nessa direção.

Assim, ao longo desse processo, vou percebendo um possível uso das ideias de comunicação alternativa e popular nas práticas comunicativas do Cuca Mondubim. Vou compreendendo que as ideias de comunicação alternativa e popular poderiam estar sendo instrumentalizadas pelos espaços institucionais do Cuca Mondubim, e que esse poderia ser um caminho possível e importante de investigação. Essa reflexão só foi possível em decorrência da minha imersão em campo.

É por meio desse movimento que vou guiando todo o processo de acompanhamento e observação das atividades dos programas “Frequência Cuca” e “Conexões Periféricas”. Um novo olhar mais focado e mais atento será uma constante no trabalho de pesquisa em campo.

## 4.1 Quem é essa galera?

### 4.1.1 Breve perfil das juventudes participantes do programa “Frequência Cuca”

Diante da necessidade de se conhecer melhor o perfil das juventudes que fazem parte das atividades observadas ao longo da pesquisa, optamos pela aplicação de questionário quantitativo/qualitativo, com o intuito de traçar, minimamente, o perfil dos jovens participantes do programa Frequência Cuca e Conexões periféricas.

Os métodos quantitativos e qualitativos embora distintos, não são excludentes, como aponta VÍCTORA, KNAUTH e HASSEN (2000). Isso ocorre em decorrência uma possível complementaridade entre os dois métodos, colaborando para compreender diversas questões, a partir de uma construção teórica metodológica mesmo com propostas distintas.

Enquanto, essa diversidade tem sido utilizada de uma forma bastante eficiente em projetos de pesquisa que constroem mais de um objeto de pesquisa a partir de um mesmo tema, sendo um voltado ao conhecimento qualitativo e outro ao quantitativo, com finalidade de adicionar outras dimensões a um mesmo estudo. É possível, assim, trabalhar de forma complementar com as duas metodologias, no sentido de que os resultados de uma questão, colocada a partir de princípios teórico-metodológicos quantitativos, suscitem novas questões que só possam ser colocadas dentro de princípios qualitativos, ou vice-versa (VÍCTORA, KNAUTH E HASSEN, 2000, p. 06).

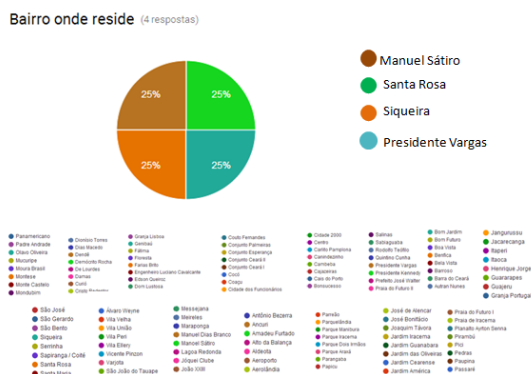
Nessa perspectiva, depois da definição do questionário quantitativo e qualitativo para traçarmos o perfil dos jovens participantes das práticas comunicacionais acompanhadas, entre os dias 09 e 13 de outubro de 2016, foram aplicados os questionários, em quatro jovens participantes do programa “Frequência Cuca”.

A aplicação dos questionários quantitativos e qualitativos aconteceu no próprio equipamento, nos dias em que os jovens tinham alguma atividade nos projetos que participavam. Essa opção foi escolhida em decorrência da falta de recursos e tempo dos jovens, o que impossibilitava o seu deslocamento para outro lugar.

Nos questionários aplicados aos jovens participantes do programa “Frequência Cuca”, se observou que a grande maioria é do gênero masculino, com idade entre 19 a 28 anos. Com relação ao bairro onde esses jovens participantes moram e sobre a forma de deslocamento, as maiores partes dos jovens disseram morar em bairros próximos ao equipamento, e o uso de ônibus é a principal forma de transporte utilizada para

chegarem ao Cuca Mondubim. No entanto, um dos jovens participantes relatou também o uso da bicicleta como uma alternativa para chegar ao Cuca.

Figura 10: Gráfico 01 – Bairro onde reside/ Frequência Cuca



Fonte: Pesquisa Perfil dos jovens participantes do programa “Frequência Cuca” / 2006

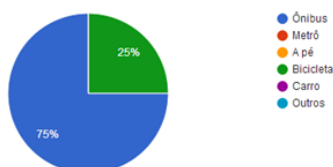
Sobre a renda familiar dos jovens participantes, todos destacaram que os rendimentos familiares não passam de um salário mínimo. Um dos fatores que pode colaborar para a compreensão da ausência dessas juventudes em algumas atividades, já que, em muitos casos, não contam com recursos para assegurar a passagem do transporte para realizarem o deslocamento da casa para o equipamento.

Figura 11: Gráfico 02 – Renda familiar e meio de transporte que utiliza para ir ao Cuca/ Frequência Cuca

Qual a renda mensal do seu grupo familiar (soma dos rendimentos de todos que contribuem com a renda - Salário mínimo R\$ 880,00)  
(4 respostas)



Qual meio de transporte que utiliza para ir ao Cuca (4 respostas)



Fonte: Pesquisa Perfil dos jovens participantes do programa “Frequência Cuca” / 2006

No que refere a escolaridade dos jovens, a maioria já concluiu o ensino médio em escola pública. Apenas um dos jovens que compõe a equipe do programa Frequência

Cuca, ainda não concluiu o ensino médio, mas está em processo de conclusão também na rede pública. Com relação ao ensino superior, não há nenhum jovem cursando o ensino superior.

Figura 12: Gráfico 03 – Escolaridade/ Frequência Cuca



Fonte: Pesquisa Perfil dos jovens participantes do programa “Frequência Cuca” / 2006

Sobre a Rede Cuca e o programa Frequência Cuca, a maioria dos jovens alegaram o convite de amigos o motivo para chegarem ao Cuca Mondubim. A maioria dos jovens também destacaram que estão há mais de um ano participando das atividades que são ofertadas no equipamento.

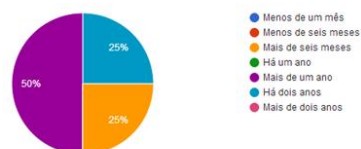
No tocante ao programa Frequência Cuca, em especial, a maioria dos jovens responderam que estão participando do projeto há mais de um ano. Dentre os motivos pelos quais esses jovens optaram por participar dos processos radiofônicos ligados a produção do programa Frequência Cuca, dois dos jovens alegaram à proximidade que o projeto apresentava com as questões ligadas à comunicação alternativa e popular.

Já os outros dois jovens que também integram a equipe do programa, alegaram que o principal motivo para iniciarem uma participação no projeto seria o desejo de se qualificar para entrar no mercado de trabalho.

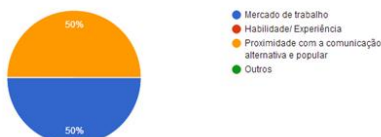
Desse modo, podemos constatar que mesmo com a pressão que esses jovens podem sofrer para a entrada no mercado de trabalho, há também aqueles que, mesmo diante desse cenário, participam do programa Frequência Cuca, por entenderem que é um processo que está ou deveria estar mais próximo de uma comunicação alternativa aos meios massivos.

Figura 13: Gráfico 04 - Tempo e motivação para participação em programa/ Frequência Cuca

Participa do programa Frequência Cuca há quanto tempo? (4 respostas)



O que lhe motivou a participar do programa Frequência Cuca? (4 respostas)



Fonte: Pesquisa Perfil dos jovens participantes do programa “Frequência Cuca” / 2006

No questionário, os jovens também foram convidados a responder, considerando sua percepção ou opinião, algumas afirmativas, circulando o número que corresponda ao seu grau de concordância. Sendo 1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo parcialmente; 3 – Indiferente; 4 - Concordo Parcialmente; 5 - Concordo totalmente. Sobre a afirmativa que dizia que os jovens tinham autonomia na proposição de temáticas, pautas e entrevistados, todos os jovens marcaram o número 5, concordando totalmente.

Na afirmativa que versava sobre a sua participação em de reuniões coletivas para definir temas e pautas a serem discutidos no programa Frequência Cuca, apenas um jovem participante concordou parcialmente, e os demais concordaram totalmente. Sobre a existência de reuniões sistemáticas de avaliação do processo de produção do programa Frequência Cuca, todos os jovens marcaram o item “Concordo parcialmente”.

Um dos jovens que participa do programa “Frequência Cuca”, destacou que há encontro sobre temáticas sociais e que também há reuniões de preparação das pautas e escolha de entrevistas. “Já tivemos encontros sobre as questões raciais, entrevistamos pessoas ligadas às questões das periferias. Há sim reuniões de pauta. Elas são tranquilas e bem discutidas. Tem muito conteúdos que escolhemos para por no ar. Escolhemos bem as músicas, vamos sempre à procura de pessoas para serem entrevistas no nosso programa, para falar sobre um determinado assunto”.

Contudo, um dos jovens entrevistados, que participa dos dois projetos acompanhados, destacou que somente no programa “Conexões Periféricas” houve



encontros para a produção dos programas. “Sim, tivemos encontro sobre temáticas sociais. Não me recordo é de ter havido nesse tipo de coisa, com frequência, “Frequência Cuca”. Acho que nem teve”.

Quanto à afirmativa que destacava a liberdade dos jovens no que se refere ao manusear os equipamentos que compõe o processo técnico do programa Frequência Cuca, e sobre o estímulo a autonomia dos jovens nos processos que compõe a produção programa Frequência Cuca, todos os jovens participantes marcaram o item “Concordo totalmente”.

Na afirmativa “os temas abordados no programa Frequência Cuca fazem parte do meu cotidiano, enquanto jovem”, todos os participantes disseram Concordar parcialmente com essa afirmativa.

Sobre a afirmativa que ressaltava a existência de uma reflexão sobre os efeitos dos meios massivos no nosso cotidiano, e sobre a comunicação alternativa e popular, um jovem disse discordar totalmente, outro concordar parcialmente e os demais disse concordar totalmente.

Todos os jovens participantes marcaram o item “Concordo totalmente” na afirmativa “Participar do programa Frequência Cuca me possibilitou mais autonomia e uma visão mais crítica sobre diversos assuntos”

#### **4.1.2 Breve perfil das juventudes participantes do programa “Conexões Periféricas”**

Como já destacado, foram aplicados questionários em jovens participantes dos programas “Frequência Cuca” e Conexões Periféricas”, com o intuito de traçar um breve perfil das juventudes participantes dessas ações.

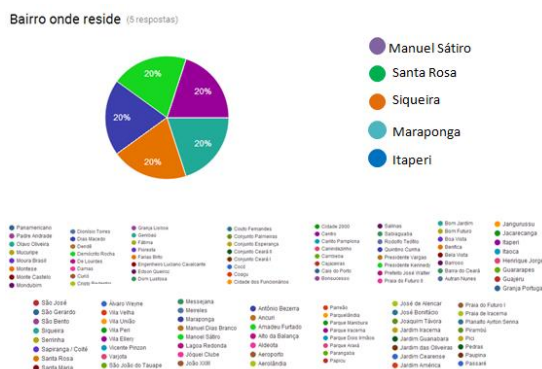
A aplicação dos questionários aconteceram no próprio equipamento, nos dias em que os jovens tinham alguma atividade dos projetos que participavam. Essa opção foi escolhida em decorrência da falta de recursos e tempo, o que impossibilitava o deslocamento dos participantes para outro lugar.

Nesse sentido, entre os dias 20 e 24 de outubro, foram aplicados os questionários, entre os jovens participantes do programa Conexões Periféricas, que apresentarem os seguintes resultados. Abaixo, apresentamos os resultados dos questionários aplicados nos jovens participantes do programa conexões periféricas.

Importante ressaltar que a aplicação dos questionários ocorreu em um período onde as atividades de produção e edição estavam ocorrendo de forma tímida, uma vez que o projeto já se encaminhava para o seu término. Assim, não conseguimos aplicar os questionários com todos os jovens participantes do projeto. Dos oito jovens participantes, seis deles participaram da pesquisa.

Com base no levantamento dos dados, se observou que a maioria dos jovens participantes são do gênero masculino, com idade de 18 a 28 anos. Apenas uma jovem participa do programa. Sobre o local onde moram, constatamos que a maioria mora em bairros próximos ao equipamento. Apenas um jovem participante do programa mora mais distante do Cuca Mondubim, residindo no município de Itaitinga/Ce. Segundo o mesmo, só se desloca para Fortaleza, em dias que há atividades do programa Conexões Periféricas.

Figura 14: Gráfico 05 - Bairro onde reside/ Conexões Periféricas

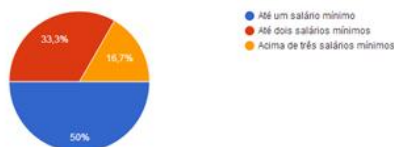


Fonte: Pesquisa Perfil dos jovens participantes do programa “Conexões Periféricas” / 2006

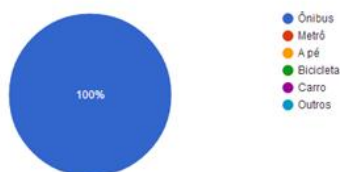
De acordo com o levantamento, também foi constatado que a maioria dos jovens participantes tem renda mensal de até um salário mínimo. O meio de transporte utilizado por todos os jovens, para o deslocamento da casa ao equipamento, é o ônibus. Esses dados podem ajudar na compreensão da ausência de alguns, em algumas atividades, em decorrência da falta de recursos para pagar o transporte para participar das atividades no Cuca.

Figura 15: Gráfico 06 - Renda familiar e meio de transporte que utiliza para ir ao Cuca/ Conexões Periféricas

Qual a renda mensal do seu grupo familiar (soma dos rendimentos de todos que contribuem com a renda - Salário mínimo R\$ 880,00)  
(6 respostas)



Qual meio de transporte que utiliza para ir ao Cuca (6 respostas)

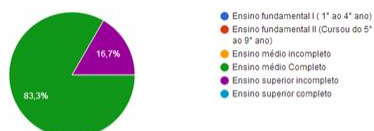


Fonte: Pesquisa Perfil dos jovens participantes do programa “Conexões Periféricas” / 2006

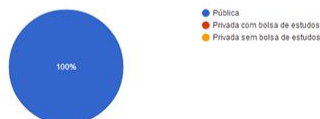
Sobre a escolaridade, todos os jovens participantes estudaram o ensino fundamental I e II e ensino médio em escolas públicas. Já com relação o ensino superior, três dos jovens alegaram está cursando com bolsa. Já os demais ressaltaram que ainda não estão matriculados em nenhum curso universitário.

Figura 16: Gráfico 07: Escolaridade/ Conexões Periféricas

Escolaridade (6 respostas)



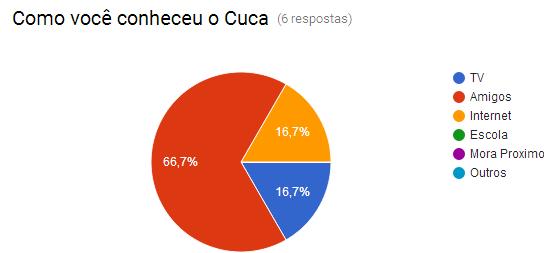
Cursa ou cursou o ensino médio predominantemente em escola: (6 respostas)



Fonte: Pesquisa Perfil dos jovens participantes do programa “Conexões Periféricas” / 2006

Quanto ao Cuca, a maioria dos jovens responderam que conheceram o equipamento por indicação ou convite de amigos, dois alegaram que conheceram via internet e um jovem citou a TV como meio que permitiu ter conhecimento sobre a existência do equipamento.

Figura 17: Gráfico 08 – Como você conheceu o Cuca/ Conexões Periféricas



Fonte: Pesquisa Perfil dos jovens participantes do programa “Conexões Periféricas” / 2006

Sobre o tempo que participam do programa “Conexões Periféricas”, todos os jovens marcaram que estão envolvidos com o projeto há quase oito meses. Com relação aos motivos que levaram a participar, a maioria alegou que a grande motivação foi a qualificação para inserção no mercado de trabalho.

Os demais pontuaram a habilidade profissional ou experiência que já tinha no campo da comunicação e apenas um destacou a proximidade com a comunicação alternativa e popular, como motivação para participação no programa “Conexões Periféricas”.

Figura 18: Gráfico 09 - e motivação para participação em programa/ Conexões Periféricas



Fonte: Pesquisa Perfil dos jovens participantes do programa “Conexões Periféricas” / 2006

Na etapa do questionário em que os jovens foram convidados a responder, considerando sua percepção ou opinião, algumas afirmativas, circulando o número que corresponda ao seu grau de concordância (Sendo 1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo parcialmente; 3 – Indiferente; 4 - Concordo Parcialmente; 5 - Concordo totalmente.

Sobre a afirmativa que dizia que os jovens tinham autonomia na proposição de temáticas, pautas e entrevistados, todos os jovens marcaram o número 5, concordando totalmente), os resultados foram:

Na afirmativa que versava sobre a sua participação em reuniões coletivas para definir temas e pautas a serem discutidas no programa “Conexões Periféricas”, todos os participantes concordaram totalmente com a afirmativa. Sobre sua participação em reuniões sistemáticas de avaliação do processo de produção do programa “Conexões Periféricas”, a maioria marcou o item “Concordo totalmente”. Somente um jovem marcou o item “concordo parcialmente”.

Sobre as reuniões de pauta e gravação dos programas, um dos jovens entrevistados destacou sua participação e sobre a importância desses momentos de debate. “Nas reuniões do “Conexões” sempre havia muito debate, até mesmo para podermos entender um pouco sobre o tema que estávamos abordando, a fim de não correremos o risco de colocar no ar uma matéria em que os alunos não soubessem bem sobre o que estavam falando. Matérias essas como a de identidade de gênero, creio que foi um tema bem delicado, e que foi preciso um estudo para que uma parte da turma tivesse conhecimento de como tratar esse tema”.

Acerca da afirmativa que destacava a liberdade dos jovens no que se refere ao manusear os equipamentos que compõe o processo técnico do programa “Conexões Periféricas”, e sobre o estímulo a autonomia dos jovens nos processos que compõe a produção do programa, todos os jovens participantes marcaram o item “Concordo totalmente”.

Um jovem participante do programa “Conexões Periféricas” destacou a existência de encontros sobre temáticas sociais, destacando que a formação técnica teve que dominar no processo de produção do programa. “Tivemos mais encontros para debater temáticas sociais. Já na parte técnica, tivemos em quantidade menor, aprendemos a técnica na hora que iríamos gravar as matérias com o auxílio de um técnico de imagem ou do professor. Mas as aulas sempre foram focadas mais em se discutir a temática da pauta.”

É oportuno dizer que, mesmo havendo um número maior de encontros voltados para as questões sociais no período da formação, se comparados com a formação

técnica, na etapa prática, os jovens tinham mais tempo destinado para o processo de criação, produção, gravação e edição dos programas, na etapa prática.

Na afirmativa “os temas abordados no programa “Conexões Periféricas”, fazem parte do meu cotidiano, enquanto jovem”, a maioria disse concordar parcialmente com essa afirmativa. Dois jovens disseram concordar totalmente com a afirmativa.

Sobre a afirmativa que ressaltava a existência de uma reflexão sobre os efeitos dos meios massivos no nosso cotidiano, e sobre a comunicação alternativa e popular, dois jovens disseram discordar totalmente, os outros quatro jovens concordaram totalmente.

Todos os jovens participantes marcaram o item “Concordo totalmente” na afirmativa “Participar do programa “Conexões Periféricas”, me possibilitou mais autonomia e uma visão mais crítica sobre diversos assuntos”.

#### **4.1.3 Breve perfil dos jovens participantes – Algumas reflexões**

Com base no levantamento dos dados da presente pesquisa, é possível constatar que os jovens participantes dos programas “Frequência Cuca” e “Conexões Periféricas”, residem em bairros próximos do Cuca Mondubim e utilizam o ônibus como principal meio de deslocamento para o equipamento. A maioria que participou da pesquisa também apresenta renda familiar de até um salário mínimo.

Quanto à escolaridade, a maioria dos jovens já concluiu o ensino médio. Somente um jovem ainda está em processo de conclusão. Todos os jovens são oriundos da rede pública de ensino. Sobre o ensino superior, os jovens participantes do programa Frequência Cuca ainda não cursam o ensino superior. Já os jovens participantes do programa Conexões Periféricas, três, dos seis jovens que participaram da pesquisa, já se encontram matriculados em um curso universitário.

Sobre as motivações que os fizeram participar das ações, a maioria dos jovens participantes do programa “Frequência Cuca” ressaltaram a proximidade que tinham com a comunicação alternativa e popular. Já os jovens que participam do programa “Conexões Periféricas” alegaram a habilidade/ experiência com a comunicação e

mercado de trabalho como principal motivação. Somente um participante alegou a proximidade com a comunicação alternativa e popular como motivação primeira.

Todos os jovens ressaltaram que os processos que envolvem os programas “Conexões Periféricas” e “Frequência Cuca”, garantem a autonomia dos participantes na proposição de temáticas, pautas e entrevistados. Ressaltaram também que há liberdade para manusear os equipamentos que compõe o processo técnico dos programas, e que os processos possibilitaram aos jovens uma maior autonomia e uma visão mais crítica sobre diversos assuntos.

No tocante a existência de espaços voltados para a reflexão sobre os efeitos dos meios massivos no nosso cotidiano e sobre a comunicação alternativa e popular, para a maioria dos jovens participantes do programa “Conexões Periféricas” há existência de espaços para esse debate. Nos jovens participantes do programa “Frequência Cuca”, foi possível verificar certa divergência sobre o tema, já que um jovem disse discordar totalmente, outro concordar parcialmente e os demais disse concordar totalmente.

Sobre a existência de reuniões sistemáticas de avaliação dos processos de produção dos programas, notamos que os jovens participantes do programa “Frequência Cuca” concordaram parcialmente com a afirmativa, já os participantes do programa “Conexões Periféricas” concordaram totalmente com a afirmativa.

#### **4.2 As transmissões do programa Frequência Cuca**

Foi com esse novo olhar, um olhar mais focado e atento, que segui no acompanhamento das transmissões do programa Frequência Cuca. Essa fase do campo será marcada pela intenção de cruzar os dados coletados em campo na etapa quantitativa com os dados da fase de conversas e atividades acompanhadas, vividas na fase qualitativa da investigação. Mas, é importante ressaltar que não houve uma separação exata entre a fase quantitativa e a fase qualitativa. Ocorreram muito momentos em que estas se entrelaçaram.

Na verdade, nossa intenção sempre foi fazer o acompanhamento de todo o processo de produção do programa. Mas no decorrer do processo de acompanhamento,

foi constatado que não havia reuniões de pautas, de planejamento e avaliação dos processos que compõe a produção do programa.

Sempre interessado em acompanhar todo esse processo, e já interagindo bem com os jovens participantes, fui incluído, por vontade dos próprios jovens, em um grupo do whatsapp que contava com toda equipe do programa, Valdenor Moura e Rafael Morais.

Em 04 de agosto de 2016 fui adicionado no grupo do whatsapp intitulado Programa Frequência Cuca. Minha intenção, ao participar desse grupo, seria está mais próximos dos jovens e verificar se havia discussões de pautas do programa ou outros assuntos ligados a transmissão e atuação dos mesmo nos processos.

No entanto, pouco se tratava de assuntos sobre o programa. As mensagens estavam relacionadas a “você vão vir para o Cuca hoje?”, “Vai rolar gravação hoje?”, “Vamos combinar de ir ao cinema essa semana?” etc.

Desse modo, constatei que, se por um lado, o grupo do whatsapp não cumpria a missão de discutir as pautas do programa, como eu imaginava, por outro, tinha uma importante função de integrar, fortalecer laços e manter os jovens em contato para conversar sobre outros assuntos, que não estariam necessariamente ligados ao equipamento.

Mas segui com minha inquietação sobre se havia encontros anteriores ao dia de transmissão para produção de pautas e roteiros. Com o tempo, constatei que havia certa ausência de reuniões de pauta ou avaliação dos processos radiofônicos que compunha o programa Frequência Cuca.

Os jovens participantes se encontravam, por volta das 14h, no estúdio de rádio do Cuca mondubim, para a produção dos roteiros. Esse roteiro já tinha uma estrutura fixa de quadros e os textos dos locutores eram pouco alterados de um programa para outro.

No acompanhamento do momento em que era realizada a produção do conteúdo, percebi que os jovens participantes faziam uso de um documento informativo do Cuca Mondubim, que apresentava toda a programação mensal do equipamento, esse era o principal documento que guiava o processo de construção dos roteiros.



Na estrutura do roteiro também eram incluídas músicas que eram solicitadas ao logo da semana pelos jovens que visitavam os espaços da rádio Cuca. Com restrições as músicas que, segundo os educadores sociais, atavam os direitos humanos, todas as solicitações podiam ser incluídas no playlist do programa.

Figura 19: Transmissão do programa “Frequência Cuca”



Fonte: Augustiano Xavier/2016

Algumas entrevistas também foram realizadas ao longo do acompanhamento. Essas entrevistas eram, na sua maioria, pré-agendadas pelo técnico da rádio e contava com convidados que já estavam no equipamento, seja por trabalhar no Cuca ou por está no espaço para alguma apresentação cultural, reunião etc.

Para esse momento do programa, notei certa fragilidade nas perguntas e pouca segurança os jovens locutores que conduziam a entrevista. Percebi que, como não havia reuniões de pauta, não havia um aprofundamento nos temas das entrevistas e isso era visível nas entrevistas realizadas pelos jovens.

Ao logo do processo de acompanhamento também houve tentativas de se aproximar dos jovens ouvintes. Alguns jovens locutores saiam pelos corredores da Cuca Mondubim, com um microfone sem fio, para interagir com os jovens que transitavam pelo equipamento.

Mas a ausência de uma discussão e planejamento mais aprofundado, as intervenções não tinham um rumo ou foco concreto. Os jovens locutores faziam perguntas como: “Oi, tudo bem? Você quer mandar um recado para alguém?”, “Ei, você está fazendo o que no Cuca?”.

Vale a pena dizer que, para uma intervenção inicial, o movimento realizado tinha um importante valor. No entanto, senti que uma reflexão mais constante sobre essa

intervenção seria algo que poderia fazer com que a proposta prosperasse e os jovens locutores fossem com o tempo, percebendo que poderiam alcançar muitos resultados com essa intervenção.

Nos processos de transmissão dos programas também notei uma interação forte entre os jovens participantes. Leandro e Marden, os mais presentes nas transmissões, mostrava um companheirismo permanente. Os demais, que geralmente se reversavam nas transmissões, buscavam se ajudar sempre. Mesmo Marden apresentando certa deficiência em locomoção e fala, isso não fazia com que os demais o achassem inferior ou incapaz.

Figura 20: Transmissão do programa “Frequência Cuca”



Fonte: Augustiano Xavier/2016

Notei também que havia um sentimento de responsabilidade muito intenso e sempre presente. Para eles, o programa tinha que ir ao ar, e só dependia deles para que essa transmissão fosse bem sucedida. A presença do técnico de rádio ou do coordenador da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania não eram tão frequentes, o que permitia certa autonomia dos jovens nos processos radiofônicos.

No entanto, sentia que, se os jovens participantes tivessem mais trocas de ideias e experiências com Valdenor Moura, por exemplo, os olhares dos jovens sobre a comunicação alternativa e popular seriam outros e isso certamente iria impactar na forma como eles conduziam o programa.

No entanto, Valdenor também fica responsável por diversas atividades na Equipe de Comunicação Popular e Cidadania, para além das ações radiofônicas. Creio que o Cuca talvez necessite incluir mais oficinas e discussões em seus projetos e ações.

Essas discussões devem, a meu ver, envolver temáticas sociais que colaborem para que os jovens e as jovens tenham uma postura mais ativa nos processos em que estão inseridos.

### **4.3 As reuniões de pauta e as gravações do programa “Conexões Periféricas”**

Nas atividades de observação de campo, para além das práticas radiofônicas, também acompanhei os processos audiovisuais que tinham como foco a produção do programa “Conexões Periféricas”. Como já destacado, o programa “Conexões Periféricas” é uma ação da Coordenadoria de Juventude da Prefeitura de Fortaleza, desenvolvido por meio da Rede Cuca, e faz parte de uma das ações do projeto Jovens Comunicadores.

Nesse projeto, a Rede Cuca seleciona nove jovens de cada um dos Cucas (Barra do Ceará, Jangurussu e Mondubim), para participarem de atividades voltadas para a formação no campo do audiovisual. Os jovens, após passar pelo processo de formação, atuam na produção do programa TV “Conexões Periféricas”.

Desse modo, “Conexões Periféricas” é um programa de TV, produzido por jovens formados no campo do audiovisual pela Rede Cuca e veiculado pela TV Ceará (TVC), emissora pública do Governo do Estado de Ceará. Com meia hora de duração, o programa se destina a apresentação das culturas juvenis das periferias de Fortaleza<sup>16</sup>.

Ao longo do projeto, os jovens envolvidos têm acesso a três etapas formativas. O edital prevê uma etapa chamada de Ciclo de Estímulos, com encontros teóricos para realização de reflexões sobre os meios de comunicação no Brasil, o processo de produção e difusão das informações, as experiências de comunicação popular (televisão comunitária), a relação entre sociedade, cultura e comunicação, dentre outras temáticas; a segunda etapa chamada de ciclo de Produção, onde ocorre processo que possam garantir a viabilização da produção do programa. Permite que cada equipamento produza um programa, desde o roteiro, elaboração de pauta, passando pela gravação, até a edição do material produzido; e por fim, o chamado ciclo de Vivências, que consiste nas experiências práticas na TV Ceará. O objetivo é que os jovens possam acompanhar

---

<sup>16</sup> Informações obtidas em: <http://www.tvceara.ce.gov.br>

as atividades de produção de um telejornal ou programa de entretenimento da emissora<sup>17</sup>.

No decorrer da pesquisa, senti a necessidade de também realizar um acompanhamento das atividades que envolviam o processo de produção do programa. Minha intenção seria observar como as ideias de comunicação alternativa de popular estariam inseridas nessas práticas comunicacionais. Assim, começamos a participar de reuniões de pautas e gravações do programa.

É oportuno dizer que meu acompanhamento vai ser iniciado já no período em que os jovens já tinham participado do processo de formação no campo do audiovisual, estando atuando no processo de produção do programa “Conexões Periféricas”.

Em uma das reuniões que tivemos a oportunidade de participar, os jovens estavam em processo de discussão sobre o programa que iria ter como tema as artes visuais. Na ocasião, foram discutidos quais os caminhos possíveis para a discussão do tema, quais as instituições que poderiam participar e quais os quadros seria melhor a participação dessas instituições<sup>18</sup>.

Notei que havia um clima de descontração e engajamento dos jovens na discussão sobre os assuntos, mas, em alguns momentos, percebi certa fragilidade na discussão do tema, o que já ajudava muito nas discussões. Essa impressão já era recorrente em minhas observações e acompanhamento das atividades.

Embora houvesse reuniões sistemáticas com a equipe de jovens que produziam o programa, não sentia que os jovens iam preparados para o desenvolvimento das discussões. E isso ficou comprovado em outra ocasião, quando estive presente na gravação do quadro “Narrativas Anônimas”.

A gravação ocorreu no Minimuseu Firmeza, um espaço cultural, artístico e ecológico, fundado em 1969, pelos artistas plásticos Nice e Nilo Firmeza. No dia da gravação, havia chegado cedo ao Cuca e já observei os jovens organizando os equipamentos para gravação.

---

<sup>17</sup> Informações retiradas do Edital Jovens comunicadores disponível no site: <https://catalogodeservicos.fortaleza.ce.gov.br/categoria/juventude>

<sup>18</sup> A reunião de pauta aconteceu no dia 11 de agosto de 2016, na sala de aula do Cuca Mondubim.

Ao chegar ao museu, os jovens já se prepararam para montar os equipamentos e iniciar as gravações das imagens de apoio. Essa prática era recorrente nas gravações e não dependia de haver algum técnico acompanhando a gravação. Havia certa autonomia dos jovens em tocar os processos técnicos que, em muitos momentos, me causa espanto. Sentia que eles tinham domínio do processo técnico e também compreendiam o papel que deveriam exercer em uma equipe de gravação.

Quando começaram a gravação<sup>19</sup>, notei que o jovem que estava conduzindo a entrevista estava meio nervoso e preocupado. Senti que, para além do nervosismo de está em frente às câmeras, havia também certa insegurança em conduzir a entrevista. Parecia não ter claro o foco daquela entrevista e quais perguntas deveria fazer para alcançar os objetivos desejados. Essa questão foi muito recorrente nas gravações que estivemos presente.

É bem verdade, que também participei de outras gravações em que a condução das discussões parecia fluir de forma tranquila e segura. Mas percebi também que os jovens que pareciam mais seguros e que demonstravam certa tranquilidade na condução das gravações dos programas, estavam inseridos em outros espaços como universidades e/ou grupos sociais. Essa atuação também pode justificar ou nos fazer perceber essa desenvoltura diante das discussões e debates.

Parecia que, se por um lado os jovens dominavam bem o processo técnico e deixam transparecer certa autonomia nos mesmo, por outro a condução das discussões que deveria também dominada por todos, parecia que ficava a desejar.

Em outra ocasião, participei de uma reunião<sup>20</sup> de pauta para decidir quais temas seriam abordados nos últimos programas da temporada. Essa reunião aconteceu no Cuca Mondubim e contou com a participação dos jovens comunicadores e dos educadores de todos os Cucas.

Nessa reunião, notei que não seria só o nervosismo de se está em frente das câmeras que faziam os jovens demonstrarem insegurança na condução das discussões dos quadros. Na ocasião, pouco jovens chegaram a opinar sobre os temas escolhidos

---

<sup>19</sup> A gravação aconteceu no dia 26 de outubro de 2016, no Minimuseu Firmeza.

<sup>20</sup> A reunião de pauta do programa “Conexões Periféricas” acontece no dia 06 de setembro de 2016, na sala de reunião do Cuca Monbudim.

para serem trabalhados no programa. Quando os educadores presentes perguntavam a opinião dos jovens, um silêncio era instalado no local.

Me perguntava, os motivos pelos quais os jovens não se sentiam estimulados a participarem das discussões sobre assuntos que seriam tratados nos programas. Algumas questões surgiram naquele momento, como tentativa de compreender aquela questão.

O número de programas previstos no projeto poderia ser excessivo, fazendo com que a maior parte do tempo previsto fosse destinado às produções do programa, não permitindo que houvesse mais tempo para reflexões mais aprofundadas sobre as temáticas sociais abordadas no projeto.

Outra questão estava relacionada com a carga horária do período de formação. No projeto, a formação humana ou a formação voltada para questões sociais tinham o mesmo peso que a formação técnica? Essa questão também poderia nos ajudar na reflexão.

Outro elemento importante do processo de acompanhamento e observação da produção do programa “Conexões Periféricas”, se refere às reuniões semanais de pauta e de avaliação dos conteúdos produzidos. O educador Kiko Alves buscava garantir um ambiente favorável para que houvesse uma reflexão sobre os processos em curso. Essas reuniões permitiram que os jovens tivessem mais atentos as etapas da produção, colaborando assim para uma maior participação dos mesmos no processo.

Outra questão importante se refere à atuação da comunicação institucional ou pública nos processos. Nunca ouvi, nas reuniões acompanhadas, a utilização da programação da Rede Cuca como mote para o desenvolvimento das pautas do programa. No entanto é oportuno dizer que há no programa um quadro de, em média, dois minutos e 20 segundos, voltado para a divulgação das atividades em curso no equipamento.

Nas próximas linhas, iremos trazer uma breve análise do conteúdo das edições dos programas, a fim de constatar, dentre outros aspectos, a forma como a comunicação e a relação institucional do Cuca aparecerá nas edições analisadas.

## **4.4 Análise das produções comunicacionais**

### **4.4.1 As edições do programa Frequência Cuca**

Como já mencionado, para o desenvolvimento do trabalho, optei também pela metodologia de análise de conteúdo, focalizando em uma de suas técnicas denominada análise temática. Essa escolha metodológica também se faz necessária para compreendermos como os aspectos institucionais aparecem nas produções comunicacionais do Cuca Mondubim.

Para Gomes (2002), a análise temática tem importante função haja vista sua relevante contribuição para o aprofundamento de reflexões teóricas e está compreendido em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A análise ocorreu da seguinte forma: a) Como o aspecto institucional aparecia nas edições dos nos programas; b) Em que medida o conteúdo se desprendia do foco institucional c) como elementos da comunicação alternativa e popular estavam presentes nas edições analisadas.

Como já destacado anteriormente, o programa Frequência Cuca faz parte da grade de programação da rádio Cuca desde 2014, quando jovens participantes da oficina “Maratona de rádio” do Cuca Mondubim, decidem seguir no equipamento, após o processo de formação, em uma produção radiofônica.

Ao longo do tempo, programa quase não mudou se quadro de participantes. Variando entre quatro e cinco jovens, o Frequência Cuca segue com boa parte dos jovens que tomaram a iniciativa de produzir um programa radiofônico.

Para a presente análise de conteúdo, o corpus será composto por doze edições do programa “Frequência Cuca”, entre os meses de agosto e dezembro de 2016, buscando compreender melhor os três aspectos já pontuados acima.

Minha intenção será verificar se essa prática radiofônica se sustenta de acordo com a conveniência e interesse do poder público, um dos aspectos da comunicação pública, apontada por Barros e Bernardes (2011), ou se sua existência ocorre em decorrência de uma prática comunicativa crítica e pauta para a reflexão sobre temas ligados as questões sociais.

No que se refere ao aspecto institucional presente no programa, notei nas edições analisadas que os programas vão ter forte apelo institucional, atuando como importante ferramenta de divulgação das ações da Rede Cuca, sobretudo as que estavam vinculadas ao Cuca Mondubim.

Em todas as edições analisadas, a divulgação da programação mensal das atividades do Cuca Mondubim estava presente. Em todos os blocos era possível encontrar falas dos jovens locutores ressaltando as ações da Rede Cuca.

Para além da divulgação excessiva, os jovens também eram escalados para realizarem a cobertura de alguns eventos que aconteciam no equipamento. Essa prática foi muito recorrente no decorrer da pesquisa.

Por exemplo, na edição dia 13 de agosto de 2016, comandado por Marden Anderson, Isaac Rosendo e Thiago Bruno, o programa, como de costume, teve como grande destaque a cobertura de um evento da Rede Cuca, chamado Viradão da juventude<sup>21</sup> e as músicas solicitadas pelos jovens que transitam pelo equipamento.

“LOC: No programa de hoje vamos conversar sobre o que rolou durante essa noite do viradão e, claro, muita música, programação cultural e muito mais. Vamos para o primeiro bloco musical, com os pedidos dos ouvintes. Voltamos já, com o nosso programa especial viradão da juventude” (Trecho do programa “Frequência Cuca”, 13 de outubro de 2016).

Em outro trecho do programa é possível notar, mais uma vez, o apelo institucional do programa, quando os jovens locutores exaltam a programação do cine clube do equipamento, ressaltando a forma de acesso ao espaço.

LOC: Veja agora o que vai rolar no Cine Clube do Cuca Mondubim, neste final de semana! Hoje, sábado, haverá a maratona “pokémon” a partir das 14:00 horas. Amanhã, domingo, haverá o filme "cada um na sua casa", às 14:30. E o filme "reino escondido" às 16:00 horas. Não se esqueça de pegar seu ingresso meia hora antes da sessão na bilheteria em frente ao teatro. Tenham um bom filme! (Trecho do programa “Frequência Cuca”, 13 de outubro de 2016).

No programa, também foi destinado espaço para os jovens participantes do evento, comentassem sobre o mesmo. No áudio, previamente gravado, só houve opiniões positivas sobre a atividade.

---

<sup>21</sup> Evento promovido pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Coordenadoria de Juventude, conta com uma programação que reúne um total de 24 horas de atividades diversificadas, como oficinas, rodas de conversa, aulas de dança, práticas esportivas, além de atrações musicais, exposições e mostras de filmes.



Sobre a proximidade com elementos da comunicação alternativa e popular, foi verificado que poucos elementos concretos havia nas produções. Mesmo que esses aspectos estivessem presentes nos processos de formação, com base na análise realizada, pouco se notou o emprego desses aspectos nas produções radiofônicas.

E importante destacar que havia uns ensaios para que alguns aspectos da comunicação alternativa e popular fossem inseridos nos processos de produção dos programas, mas que não se sustentavam devido, a meu ver, a pouca relação e intimidade que os jovens participantes tinham com a comunicação alternativa e popular.

Por exemplo, na edição do dia 22 de novembro, os jovens locutores receberam a visita da banda “Pulso de Marte”, uma banda autoral de Fortaleza. Não havia uma justificativa precisa sobre os motivos pelos quais a banda havia sido definida para o programa. Ao perguntar a um dos jovens, a resposta foi “bem, o motivo foi porque já iam fazer parte da programação do Cuca, daí resolvemos chamar eles para também divulgar o evento”.

Naquele momento, ficou claro que as motivações para a produção do programa seria muito mais a publicização das ações do equipamento, por meio do programa que os jovens estavam à frente, que abrir espaços para que os artistas locais tivessem espaço em uma mídia alternativa, embora isso ocorresse de forma natural.

Talvez, devido à ausência de um aprofundamento maior sobre o sentido de se ter uma banda no programa, ou pelo fato da função institucional que o programa teria, a entrevista tenha focado mais na apresentação que a banda faria no equipamento. Não houve, por exemplo, uma pergunta ou reflexão dos jovens locutores para as questões voltara para o fortalecimento a cultural local ou para a garantia de espaços destinados aos artistas que moram próximos do equipamento.

Sobre as tentativas de se desvincular ou distanciar do foco institucional, os jovens participantes do programa, foram tentando trabalhar com algumas datas relevantes no calendário do ano. Mas, novamente, essa tentativa não avançou muito. Penso que em decorrência da ausência de uma maior reflexão e aprofundamento dos jovens sobre essa questão.

Na verdade, não havia nenhuma reunião de pauta para tratar da proposta e das motivações para essa nova movimentação no programa. O mote seria a data comemorativa cair no dia de transmissão do programa cai.

Por exemplo, na edição do dia 20 de novembro, os jovens estavam atualizando o roteiro da edição anterior, quando uma pessoa entrou e disse que aquele dia se comemorava o dia do contador de histórias, logo pensaram em falar sobre essa data no programa.

LOC: dia 20 é o dia de um grande contador, de um contador de histórias, que através de suas palavras demonstra seu amor, pela arte, pelo canto, por onde for. E é nesse clima tão poético, nós começamos o “Frequência Cuca”, contando a história de um dos escritores mais renomados do nordeste. (história do Patativa do Assaré). Após contar a história do Patativa, colocar um áudio do próprio recitando um poema. Poema: cabra da peste (Trecho do programa “Frequência Cuca”, 20 de outubro de 2016).

No entanto, algumas datas emblemáticas para os movimentos sociais, muitas vezes passavam em branco, sem ser feito qualquer menção ou produzido algum conteúdo específico. Por exemplo, no programa do dia 17 de novembro, próximo ao dia que se comemora a consciência negra, o programa não produziu nenhuma pauta para discutir as questões raciais na cidade. Esse tema só vai aparecer quando os jovens locutores vão fazer a divulgação das ações do Cuca, como é possível verificar no trecho abaixo.

LOC: está acontecendo agora na biblioteca uma palestra com o tema “esporte como símbolo de resistência negra” com Kelviane Gomes. Hoje, a partir das 17 horas, haverá “sarau afro” com apresentação de poesia, rapper, teatro, dança e música. Não percam. Sábado, dia 19 de novembro, no Cuca Jangurussu, acontecerá o “festival inmoda”. Com palestras, oficinas, workshop, roda de conversa e muito mais. Tudo isso, a partir das 10 horas. Não percam!” (Trecho do programa “Frequência Cuca”, 17 de novembro de 2016).

Os programas seguiram, ao longo da pesquisa, tendo como principal foco, a divulgação das ações do Cuca Mondubim. As discussões e debates sobre temáticas sociais, que poderiam ser uma constante, já que a rádio Cuca faz uso, em suas oficinas de formação, das ideias de comunicação alternativa e popular, são ausentes.

O que se verifica é um programa com forte apelo institucional, que vai ter os jovens como agentes colaboradores para a divulgação das ações da Gestão Municipal.

No trecho a seguir, vamos notar que além da divulgação de atividades, o programa “Frequência Cuca” vai atuar como interlocutor do espaço institucional.

LOC: E agora, um serviço: você que fez cursos aqui no Cuca Mondubim, entre os meses de abril e setembro deste ano, e que não recebeu o certificado, atenção, hein! Já estão disponíveis, na sala de matrículas, os certificados de alguns dos cursos desse período. Para mais informações, é só procurar o pessoal da sala de matrículas. Com o certificado na mão, você além de ter a comprovação de que participou das atividades promovidas pelo espaço, terá um incremento ao montar seu currículo e ir a busca de colocação no mercado de trabalho!” (Trecho do programa “Frequência Cuca”, 01 de dezembro de 2016).

Se a comunicação alternativa e popular está relacionada com a participação e integração dos sujeitos nos processos, que se volta para luta por mudanças sociais, como aponta Peruzzo (2004), há outro movimento sendo desenvolvidos nas práticas comunicacionais presentes no Cuca Mondubim, que muito pouco se aproxima das ideias de comunicação alternativa e popular.

Nos programas analisados, podemos constatar uma opção em se realizar uma divulgação das ações institucionais do governo municipal, por meio da Rede Cuca, não trazendo discussões sobre temáticas sociais ou uma reflexão crítica sobre as ações do Governo Municipal, destinadas as juventudes ou a população de forma geral.

Nessa perspectiva, com base na análise realizada, constato que há um movimento que mais se aproxima das ideias de comunicação pública que para as ideias de comunicação alternativa e popular, uma vez que será por meio dela que governos irão tentar manter relações com a população, buscando divulgar ações governamentais e criando canais destinados para que os sujeitos se aproximem cada vez mais das atividades do poder público, como aponta Duarte (2011).

#### **4. 4.2 As edições do programa Conexões Periféricas**

Como já destacado, o programa “Conexões Periféricas” faz parte de uma das ações ligadas às práticas comunicacionais presentes na Rede Cuca. O Projeto consiste em viabilizar a formação cidadã e técnica no campo do audiovisual para jovens de 15 a 29 anos da cidade de Fortaleza. Ao longo do processo, os jovens participantes atuam na criação, produção e edição de um programa de TV, veiculado pela TV Ceará.

Nas próximas linhas, iremos seguir realizando uma análise de conteúdo das edições do programa “Conexões Periféricas”. Para essa análise, faremos uso dos seguintes tópicos: a) Como o aspecto institucional aparece nas edições dos programas; b) Em que medida o conteúdo se desprendia do foco institucional c) como elementos da comunicação alternativa e popular estão presentes nas edições do programa “Conexões Periféricas”.

Para a presente análise, o corpus será composto por cinco edições do programa “Conexões Periféricas”, entre os meses de agosto a dezembro de 2016, buscando compreender melhor os três aspectos já pontuados acima.

Os temas abordados nas edições dos programas analisados foram: identidade e gênero, artes visuais, mundo do trabalho e economia criativa, esportes radicais e relacionamentos virtuais e cuidados com a Web.

Figura 21: Gravação do programa sobre esportes radicais/ Outubro 2016



Fonte: Augustiano Xavier (2016)

De acordo com o corpus analisado, constato que os aspectos institucionais pouco aparecem nas edições analisadas. Em todos os programas analisados há somente um quadro, chamado “Agenda da Juventude”, destinado à divulgação das atividades desenvolvidas na Rede Cuca. No quadro, além de um jovem apresentador narrando as atividades previstas para a semana, há também imagens de espetáculos de teatro, shows, sessão de cinema etc, ilustrando a narrativa.

Nos programas analisados também foi notado o cuidado nos processos técnicos que envolvia a gravação e edição. Em todos os quadros havia vinhetas que trabalhavam com colagens e efeitos de edição bem elaborados.

Outro aspecto que merece destaque se refere à atuação e presença dos jovens participantes nos quadros dos programas analisados. Os jovens participantes poucos

apareciam nos quadros, conduzindo as entrevistas e debates e, quando isso ocorre, a participação era tímida ou sem grande expressão. Por exemplo, na edição do dia 20 de agosto, quando o programa trabalhava o tema identidade e gênero, no quadro “Tribos” de aproximadamente 10 minutos, foi possível verificar uma sutil participação do jovem que conduzia a entrevista.

Para além dessa certa timidez, por conta do vídeo, percebe também certa fragilidade na compreensão dos temas abordados no programa. Os que apresentam maior desenvoltura são jovens que já participam de coletivos de discussão e/ou estão inseridos em algum curso universitários.

Ainda sobre esse aspecto, na edição do dia 01 de outubro, quando o programa abordou o tema “esportes radicais”, no quadro “Tribos”, foi possível verificar a ausência dos jovens participantes na condução do quadro. Não havia, desse modo, um jovem mediando a entrevista com os dois jovens skatistas. Essas observações são importantes para nos ajudar na compreensão sobre a proximidade ou o distanciamento das juventudes com relação aos temas abordados no programa.

Nesse contexto, é oportuno destacar que uma das características apontadas por Peruzzo (2004), ao falar sobre a comunicação alternativa e popular, se refere à participação dos sujeitos nos processos. A autora lembra que essas práticas comunicacionais serão marcadas por um movimento de inclusão dos sujeitos nos processos.

Em todas as edições analisadas foi possível verificar que o foco do programa se destinava a discussão sobre alguma temática de relevância social. Possibilitando que vários atores sociais, ligados ao tema central do programa, tivessem assegurado um espaço de fala ou de expressão.

Isso pode ser constatado por meio do programa que teve como tema identidade e gênero, exibido no dia 20 de agosto, onde jovens drags tiveram a oportunidade de falar sobre suas trajetórias, dificuldades sonhos e desejos.

Na edição do dia 22 de outubro, no programa que teve como tema mundo do trabalho e economia criativa, todos os quadros se destinava a discussão sobre a temática, não procurando relacionar com as ações do Governo Municipal. Foram

entrevistas com jovens envolvidos com atividades produtivas e outros sujeitos envolvidos com a economia criativa.

É possível verificar alguns elementos da comunicação alternativa e popular e do vídeo popular nas produções audiovisuais do programa. Isso pode ser constatado por dois motivos prioritários. O primeiro se refere aos temas abordados nos programas. As temáticas dos programas sempre faziam referência as questões sociais e traziam outro foco e abordagem para os assuntos em questão.

Os temas discutidos no programa foram: universo LGBT, feminismo, acessibilidade, festejos juninos: ritmos e sabores do ceará, hip hop, violência contra o jovem, expressões do riso, geração y, resíduos sólidos, cultura geek, educação alternativa, identidade e gênero, pontos de encontro, alimentação saudável, artes visuais, ritmos, esportes radicais, comunicadores periféricos, relacionamentos virtuais, mundo do trabalho / economia criativa e identidades juvenis.

Outro aspecto que aproxima às produções audiovisuais as ideias de comunicação alternativa e popular se refere ao espaço dado nas produções para artistas locais, produtores culturais, jovens atletas etc.

Figura 22: gravação do programa sobre Identidade e Gênero/ Agosto 2016



Fonte: Augustiano Xavier (2016)

Na edição do dia 20 de outubro, foi exibida uma entrevista e parte do show da banda “A Mulher Barbada e os Caixeiros Viajantes”, uma banda local, que aposta na performatividade teatral e é formada por músicos de gerações e gostos distintos.

Já na edição do dia 10 de setembro, o programa abriu espaço para exibição de um vídeo performance chamado “O tempo de silêncio para Tereza Rocha”, do ator e

diretor Tomaz de Aquino. No vídeo, o ator presta uma homenagem a sua professora, desenvolvendo uma performance que o próprio intitula Bio-Flor.

Figura 23: imagens do programa sobre Artes visuais/ setembro 2016



Fonte: Augustiano Xavier (2016)

Já no dia 01 de outubro, o programa trouxe a produção audiovisual “Entre Cores e Foguetes - Grafite Bom Jardim”, que mostra uma iniciativa ligada ao grafite, que transformou a realidade da EEFM Jociê Caminha de Meneses, localizada no Bom Jardim. O vídeo surge por meio de uma parceria com o Cuca, através da Escola de Arte Urbana, recebeu uma intervenção de grafite que trouxe cores e novos olhares para os muros da escola.

Ao abrir espaço para a discussão sobre temáticas sociais e para que sujeitos envolvidos com as lutas sociais, o programa se aproxima do chamado “vídeo popular”, que terá como característica prioritária o estreito vínculo com esses movimentos que reivindicavam melhores condições sociais, lutando por direitos, como aponta Santoro (1989).

Outro programa que merece destaque se refere à edição do dia 22 de outubro, onde se discutia a proposta da economia criativa e o mundo do trabalho. Na ocasião, além do enfoque para as ideias que estavam relacionadas com a economia criativa, o programa também abriu espaço para que os jovens comunicadores pudessem falar sobre o mundo do trabalho e as experiências de fazer parte de um projeto como o “Conexões Periféricas”. Em alguns trechos, notamos falas institucionalizadas, onde os jovens exaltavam o Cuca e o projeto como um espaço ideal.

A gente tá com uma chance legal, com uma oportunidade legal. Acho que é aproveitar para não deixar o programa morrer, porque o “Conexões” é utópico, ele é uma coisa que ninguém

poderia dizer que iria acontecer. Nos jovens, de periferia, produzir um programa de TV? Você acha que a realidade da TV, que sempre se identificou e que sempre quis fazer, você achava que essa realidade era muito distante da sua, isso não é verdade. O Cuca proporcionou uma vivência, um local onde você pode se encontrar, independente do que quer fazer. Nós somos prova disso. (Trecho do programa “Conexões Periféricas”<sup>22</sup>)

Diante do exposto acima, constato que as edições do programa “Conexões Periféricas” apresenta espaço para as discussões sobre as temáticas sociais e abre espaço para os sujeitos sociais que estão diretamente envolvidos com os temas abordados, não abrindo mão de divulgar as ações do Governo Municipal.

No entanto, verifico que o espaço destinado para essa divulgação das ações é tímido, se comparado com o espaço destinado para as discussões que o programa se propõe a fazer. Ainda assim, mesmo havendo somente um quadro diretamente voltado para essa divulgação, também foi possível notar a presença da comunicação pública em falas dos jovens ou convidados.

Com base nos dados analisados, constato que o programa “Conexões Periféricas” se aproxima das ideias de comunicação alternativa e popular, quando busca discutir temas voltados para as questões sociais e quando abre espaço para que os sujeitos ligados às temáticas e artistas locais tenham espaço para expressar suas ideias, como aponta Peruzzo (2004), ao destacar que a comunicação alternativa e popular se refere à forma de expressão, a partir de sua capacidade de atuação sobre o contexto social, um meio que está voltado para conscientização, informação e manifestação cultural do povo.

Contudo, é oportuno dizer que o programa também se distancia dessas ideias quando ainda apresenta uma espécie de controle do Governo Municipal, se aproximando, em alguma medida, as ideias vinculadas a comunicação pública. Como foi descrito acima, há no quadro agenda da juventude e em algumas falas institucionalizadas, uma narrativa idealizada e romantizada sobre o processo e sobre a ação da Gestão Municipal, não havendo críticas ou questionamentos ao processo.

---

<sup>22</sup> Programa exibido em 22 de outubro de 2016.



#### **4.6 Os Educadores: dos movimentos populares aos espaços institucionais do Cuca.**

Como destacado anteriormente, será por meio da presença mais constante no campo que vou percebendo que a discussão sobre como a comunicação alternativa e popular vem sendo incorporados nos espaços institucionais do Cuca ou não.

Entendo que, para conseguir avançar nessa reflexão, seria fundamental compreender melhor a trajetória dos sujeitos que, ao longo de suas vidas, vão atuando em iniciativas com fortes vínculos com a comunicação alternativa e popular, e que agora atuam como colaboradores da Rede Cuca.

Minha intenção é buscar compreender como Valdedor Moura, supervisor da Equipe de comunicação popular e cidadania do Cuca Mondubim e Kiko Alves, professor responsável pelos processos ligados às artes visuais, também no Cuca Mondubim, incorporam em suas atividades, as vivências e experiências acumuladas ao longo de suas trajetórias, marcadas pela atuação nos movimentos sociais e em iniciativas ligadas a comunicação alternativa e popular.

Nesse sentido, vou na quarta-feira, dia 15 de fevereiro de 2017, ao Cuca Mondubim, conversar com Valdenor Moura e Kiko Alves, para entender melhor como percebem as questões apontadas acima. Em horários e locais diferentes, pudemos conversar sobre suas trajetórias e o trabalho que ambos desenvolvem no Cuca Mondubim.

Quando chego ao equipamento, vou à sala onde acontecem as aulas de artes visuais, conduzidas por Kiko Alves. Ele será o primeiro que irei conversar. Kiko Alves, como já destacado, é professor do Cuca Mondubim, onde atua exclusivamente na condução dos processos de formação voltadas as artes visuais do equipamento. Desse modo, fica responsável por conduzir outros projetos ligados ao audiovisual, como por exemplo, a produção do programa “Conexões Periférica” e da TV Marmota.

Como já destacado anteriormente, com formação acadêmica em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará e em jornalismo pela Faculdade Estácio, Kiko também é especialista em antropologia visual, e atua, desde 2003, em gestão de projetos sociais voltado para criação e implantação de um pensamento audiovisual no terceiro setor. Kiko Alves também é sócio fundador do projeto Alpendre Casa de Arte Pesquisa e Produção e de sua extensão NoAr Alpendre Casa de Cultura e Cidadania e é sócio

fundador do LAI Laboratório Antropologia e Imagem da Universidade Federal do Ceará.

No Cuca Mondubim, fica responsável pela formação nas artes visuais do Cuca Mondubim, atuando em diferentes áreas do audiovisual e da fotografia. No audiovisual, por exemplo, fica a frente da formação em TV, cinema, formações voltadas para o entretenimento, como videoclipes, produção de stop motion. Essa formação engloba todo o processo, do roteiro a pós-produção de um filme (roteiro, produção, câmera, fotográfica para cinema, edição, softer, maquinaria, iluminação elétrica etc).

Ao longo de nossa conversa, para além da trajetória acima citada, vou descobrindo que Kiko Alves, construiu uma trajetória marcada por um intenso debate sobre os efeitos negativos da grande mídia e o desejo de construir outra comunicação.

Nesse sentido, ao falar sobre sua participação na “TV de Rua” na década de 80, Kiko Alves destacou que havia uma inquietação de discutir a comunicação e o lugar onde estava inserido. “Eu começo a pensar o audiovisual a partir de uma atividade muito comum na década de 80, que eram as TVS de Rua. Desde o início, meio que intuitivamente ou por ação do destino, a minha vivência com comunicação vai começar dessa forma. Em uma perspectiva muito diferente da tradicional e sempre procurando refletir sobre o lugar, que era a principal função das “TVs de Rua” da década de 80, aqui no Brasil e na América Latina”.

Kiko conta que, ainda jovem, passou por diversas instituições que discutia a comunicação e temas voltadas as questões sociais. Depois de sua passagem pelo Cariri, quando foi facilitar uma oficina na Casa Grande, percebeu que poderia colaborar para a construção de outra comunicação. “Eu entro no Alpendre como um jovem assistido por um projeto ligado a comunidade solidária. A primeira experiência que eu começo a ter fora do Alpendre vai para a região do Cariri, na Fundação Casa Grande. Quando eu saio do Alpendre a primeira vez, como um oficineiro, para poder trabalhar como os jovens da Casa Grande, em um projeto chamado “Sem Canal”. Era uma TV que eles estavam montando naquele período. Eu já tinha passado por essa experiência na “TV de Rua”, no poço da Draga, no Serviluz, Em Fortaleza. Enfim, esse período molda tudo o meu desejo por fazer coisas em torno do audiovisual depois. E ai, isso foi só se ampliando”.

Ao falar sobre sua passagem pelo Alpendre, Kiko Alves destacou que essa experiência também o ajudou muito no que se refere a sua formação humana. Aos 24 anos, estudante do curso de filosofia, creditou também ao Alpendre a construção de seu olhar mais crítico e humano. “O que aconteceu é que essa experiência, ela foi direcionando o restante da minha vida acadêmica, porque, até então, eu era muito voltado para o mundo artístico, por conta da minha das minhas referências, tava muito ligado à produção intelectual, a produção de pensamento de modo geral”.

Ao chegar ao Cuca mundubim, kiko Alves recebeu a missão de construir um lugar voltado para se pensar um cinema possível, onde as juventudes pudessem ter condições de inserir suas inquietações cotidianas nas produções audiovisuais, mas também se deparou com uma série de questões que até então eram novas para ele. “Quando eu chego ao Cuca Mundubim é muito difícil entender esses mecanismos burocráticos internos da instituição. Eu venho de uma coisa muito mais orgânica, onde os processos são mais rápidos. Vou ter outros problemas lá, mas os processos acontecem de forma mais rápidos. Então, foi muito difícil”.

Ao logo da conversa, Kiko Alves diz que a sua principal motivação para o trabalho que desenvolve está relacionada à possibilidade de gerar alguma mudança, se não na instituição onde trabalha, pelo menos nas pessoas que têm acesso. Ele diz acreditar que tem feito esse papel, de algum modo, e que espera que tenha feito de forma positiva com seus alunos. “Dizem que pensar é muito difícil, e é difícil mesmo. Mas uma vez que você começa, esse é um movimento pra vida toda”.

Para ele, não existe muita aproximação do trabalho que desenvolve com a comunicação institucional da Rede Cuca. Há algumas atividades que acontecem em conjunto, mas que não existe uma relação direta com a comunicação institucional. “Existem algumas ações transversais, como por exemplo, o “Conexões”, que faz como que as diretorias se cruzem, mas eu acho que, tirando isso, não acredito que exista uma relação mais direta, pelo menos onde eu habito, com a comunicação institucional”.

Sobre o processo formativo que fica a frente no Cuca Mondubim, Kiko ressalta que o plano de aula é voltado para leituras sobre o que a mídia tradicional vem produzindo. É por meio desse movimento que se começa a pensar em uma contra formação. Para ele, mesmo que em um formato televisivo, se consegue produzir uma comunicação que fale cada vez mais do lugar. “Quando eu montei os planos, eu tinha

proposto aulas de ética, de comunicação social, de construção de pautas, de elaboração de textos, de escrita criativa, de técnicas de entrevistas, para poder trazer uma série de informações e de ferramentas para que os meninos conseguissem está com pessoas, que até então era muito difícil, eu está com pessoas na situação de comunicadores pensando a notícia, pensando a informação, e pensando a informação nesse lugar, que é um lugar da periferia, que é sempre pautado pela falta, pela ausência de tudo, e pensar, não necessariamente uma imagem afirmativa, mas uma compreensão que esse lugar é mais amplo, não é só o lugar da falta, só um lugar do crime, mas é um lugar que me movimenta, é o lugar onde eu acesso o mundo”.

Sobre sua atuação nos movimentos sociais e as atividades que conduz no Cuca, Kiko Alves diz achar que pouca coisa vai se aproximar com a experiência vivenciada por ele no Alpendre. Isso decorre, segundo ele, devido a um conceito de liberdade. No Alpendre, seria possível discutir qualquer assunto, sob qualquer perspectiva. Era uma experiência muito mais pautada pela arte contemporânea do que pela comunicação. “No Alpendre havia uma preocupação pelas questões imagéticas. A imagem como um agente transformador muito potente. As reflexões que, para Rede Cuca hoje possa parecer banais, para o Alpendre eram de extrema importância para se pensar os processos. Na Rede Cuca, o projeto do “Conexões” está muito mais pautado para os princípios da comunicação, da comunicação social”.

Na conversa, senti Kiko muito aberto para discutir os processos comunicacionais em curso no Cuca Mondubim. A partir de suas falas, notei que havia, mesmo que não verbalizasse de forma mais clara, limites, ainda que tímidos, no trabalho que desenvolvia no equipamento. Parece-me que havia certo direcionamento institucional para as ações que, para ele, não aconteceriam em um espaço não ligado ao poder público.

Ao concluir minha conversa com Kiko Alves, vou até a rádio Cuca encontrar com Valdenor Moura, Supervisor da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania. Ao chegar à rádio, Valdenor ainda não tem chegado de uma atividade externa. Fico na rádio conversando com Leandro, um dos jovens participante do programa “Frequência Cuca”. Valdenor chega e pede cinco minutos para poder conversar comigo. Vamos para um espaço reservado e iniciamos nossa conversa sobre sua trajetória e sobre sua atuação no Cuca Mondubim.

Valdenor Moura tem sua trajetória marcada fortemente pela atuação nos movimentos sociais, com foco na pastoral da juventude e na TV Janela. Para ele, foi por meio de seu trabalho de militante, iniciado em Mombaça, município do Ceará, que o fez despertar para o trabalho com juventudes.

Sua aproximação com a comunicação se dará em 1989, por meio de um amigo que já atuava com comunicação alternativa e popular e percebeu nele, um jovem com potencial para o trabalho com público e com comunicação. A partir daí, Valdenor relata que irá começar a participar do Instituto Nosso Chão, uma ONG que estava sendo fundada em Fortaleza, com o propósito de atuar com comunicação alternativa e popular.

Valdenor destaca sua passagem pela Casa Amarela Eusélio Oliveira e pelo Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, como espaços importantes para sua aproximação e formação no campo da comunicação alternativa e popular. “Eu não sabia nem o que era a comunicação popular. E aí, eu comecei a vivenciar isso. Eu fui tendo outros contatos e tendo maior abrangência. Foi onde eu comecei também um curso na Casa Amarela Eusébio de Oliveira. Minha trajetória também tem um percurso no Dragão do Mar, como professor, na área de câmera e edição, no período entre 96 e 99”.

Ao longo da nossa conversa, faço questão de perguntar ao Valdenor sobre sua experiência com a TV Janela. Ele avalia ter sido muito importante os percursos que fez até chegar à fundação do Instituto de Desenvolvimento Social (IDS), em 1999, e posteriormente, em 2003 a criação da TV Janela. Para ele, as datas se completam. Uma espécie de preparação para a jornada que iria vivenciar com a TV Janela.

Ao falar sobre a experiência com a TV Janela, percebo o entusiasmo com que Valdenor fala dos momentos que viveu com o projeto. É visível sua alegria em compartilhar com as pessoas os processos que fizeram parte da construção e desenvolvimento da TV Janela. “A TV Janela nasceu com o intuito de mostrar, dar visibilidade as ações positivas que aconteciam e até hoje acontecem na comunidade. A comunidade sempre foi marcada e estigmatizada por notícias não tão muito boas que aconteciam lá”.

Na conversa, é destacado como surgiu à proposta da TV Janela. Segundo ele, será por meio de um curso de fotografia, que os jovens participantes vão produzir uma

exposição na comunidade. Essa exposição terá foco na forma negativa que grande mídia tratava a comunidade.

A partir daí, inicia-se um processo de produção de vídeos, voltado para falar da comunidade de outro modo, mostrando as potencialidades da comunidade. Para além de produzir os vídeos, havia uma preocupação em exibir o material para a comunidade. “Se sentiu a necessidade de exibir esses vídeos, porque não se tinha um canal de TV para exibir. A TV convencional não iria ceder muito esse espaço, na época. Foi onde se sugeriram exibir isso na rua, para as próprias pessoas verem esses produtos prontos. Até a própria comunidade duvidada das coisas boas que existia na comunidade”.

Essas produções, exibidas no meio da rua, tinham temáticas que eram trabalhadas entre os jovens. Sendo Valdenor, eles eram convidados a pensar seu espaço, o seu território. Ele ressalta que era um movimento difícil, uma vez que os próprios moradores tinham dificuldades em perceber as potencialidades locais, não identificavam uma coisa positiva. “Esse estudo da realidade, possibilitou abrir diversos leques. Então, os vídeos foram surgindo a partir daí. Utilizando as linguagens, desde a reportagem, o documentário, animações, teatro de sombras... Essas linguagens serviram para mostrar o lado cultural da comunidade, o lado histórico, antropológico da comunidade, porque daí se teve a ideia de se contar a história de como o bairro foi sendo construído pelos próprios moradores”.

Valdenor também fala sobre as denúncias que eram recorrentes nas produções da TV Janela. Para além das temáticas abortadas, os jovens também buscavam mudanças para comunidade. Se houvesse algum problema local, os moradores denunciavam na TV Janela e os órgãos competentes eram acionados para dar algum retorno à comunidade local. Ele disse que houve um processo de maturação até esses jovens começaram a produzir reportagens denúncia. Nesse momento, começo a compreender o quão seria difícil produzir vídeos denúncias, uma das fortes características dos instrumentos “alternativos dos setores populares”, apontadas por Perruzzo (1998), em um espaço institucional com é o do Cuca Mondubim.

Ao falar sobre sua chegada ao Cuca Mondubim, Valdenor Moura diz que isso ocorreu em fevereiro de 2014, por meio de uma seleção pública. Para ele, sua experiência no campo da comunicação foi decisiva para que conseguisse compor o quadro de colaboradores da Rede Cuca. Previsto para colaborar com os processos no

Cuca Barra do Ceará, Valdenor vai ser deslocado para o Cuca Mondubim, com o intuito de supervisionar o trabalho da Equipe de Comunicação Alternativa e Popular. Quando chega ao Cuca Mondubim, Valdenor diz que teve que construir e estruturar a comunicação praticamente do zero. Havia, segundo ele, a ausência de alguns equipamentos importante para o desenvolvimento de algumas ações. Diante desse cenário, o primeiro espaço possível de se trabalhar foi à rádio, já que era o único espaço já montado.

Ao falar sobre uma das atividades realizadas em 2004, lembra-se de uma das ações desenvolvidas nas escolas públicas da região onde está inserido o Cuca Mondubim. Valdenor diz que ia às escolas fazer visitas para “mostrar o Cuca”, levar a programação do Cuca. Esse trabalho, segundo ele, era coordenado pela Equipe de Comunicação popular dos Cucas. Para ele, esse trabalho era muito importante, uma vez que faziam a divulgação da comunicação institucional do equipamento e aproveitava para trabalhar a questão da comunicação popular, fazendo um levantamento sobre a situação das rádios escolas.

Nesse momento pensei, será que não poderia ser o oposto? Será que a ida as escolas não poderia ser motivadas pelo desejo de se verificar as condições das rádios escolas e buscar formas de construir uma rede de comunicadores dessas rádios, e assim, aproveitar, para divulgar as ações do equipamento? Percebo, nesse momento, que a comunicação institucional vai está presente desde o início das atividades da equipe de comunicação popular e cidadania no Cuca Mondubim.

Ao longo da conversa, Valdenor diz que faz uso das coisas que aprendeu, em cada espaço que passou, até chegar ao Cuca Mondubim. “Eu acho assim, que cada espaço desses, alguma coisa que eu vivencie lá, que eu aprendi lá, de vez em quando, eu observo que eu estou aplicando aqui. Eu digo: olha, isso aqui eu aprendi ou vivi em tal espaço. Então, por exemplo, se a gente for pensar no “Nosso chão”, eu acho que foi o primeiro momento muito de discutir a comunicação, o papel da comunicação. Então, me remete muito uma roda de conversa aqui no Cuca Mondubim. E lá no Encine, acho que foi mais uma questão de gerenciamento, organização da instituição. Tem algumas coisas que aqui eu me identifico com isso também. Na TV janela, já tem duas coisas que eu consigo ver: a coordenação de equipe e o trabalho com os jovens. Minha mistura com os jovens”.

Valdenor ainda reforça que no espaço público, como é o caso do Cuca, vai existir muitas hierarquias, limites. É preciso ter, segundo ele, um maior cuidado, já que se está representado o poder público. Na ONG, segundo Valdenor, também havia esse certo cuidado, mas não havia tanta necessidade de se fazer isso, uma vez que se trabalha com mídia livre. Os jovens que faziam parte dos processos na ONG, falavam como jovens, no Cuca eles também falam como jovens, mas há, para ele, uma dificuldade em “linkar” e colocar, por exemplo, no portal da Prefeitura. Seria algo mais oficial.

Para ele, o que mais aproxima o Cuca da TV Janela, é a possibilidade dos jovens participarem. Hoje, o poder público, por meio do Cuca, vem realizando ações que no passado ficava a cargo das ONGS. Para ele, o que mais distancia é a condição de se está dentro do território. Por não está inserido no meio do bairro, como a TV Janela estava, o Cuca Mondubim apresenta certo distanciamento espacial com a comunidade.

Sobre a aproximação da Equipe de comunicação popular e cidadania com a comunicação institucional, Valdenor vê com certa naturalidade. Segundo ele, foi algo muito bem pensado e em outras configurações o trabalho da equipe nunca estava tão claro que está atualmente. Ele lembra que, ao fazer parte da diretoria de núcleos, a Equipe de Comunicação Popular e cidadania não tinha bem definidas sua atuação. Quando essa diretoria passa a atua na promoção dos direitos humanos, para ele, será encontrado um caminho possível para o desenvolvimento do trabalho.

No entanto, com a migração da Equipe de Comunicação popular e Cidadania para a diretoria de comunicação institucional surge à proposta de unificar a comunicação dentro da Rede Cuca. “Sempre o que se observava era que a comunicação popular ficava muito distanciada da comunicação institucional e isso também é uma verdade. Eu acho que a tentativa mais do Rogério<sup>23</sup>, ao entrar e pensar uma nova comunicação, uma nova concepção, foi exatamente de criar vínculos entre a comunicação popular e a comunicação institucional e dar uma nova cara. Os projetos foram reestruturados, novos projetos também surgiram e hoje está muito mais claro o que a gente faz ou vai fazer no dia a dia, esta muito mais claro que anteriormente”.

Para Valdenor, há um processo de empoderamento dos jovens participantes no processo de produção dos programas. Os técnicos estão presentes no processo, mas

---

<sup>23</sup> Rogério Maia é o atual diretor da diretoria de Comunicação Social da Rede Cuca.



atuando como um apoio ou suporte. Segundo ele, desde a concepção do roteiro até a veiculação do programa, há a participação dos jovens em todas as áreas.

Sobre o plano de aulas, Valdenor destaca que nas “Maratonas de Rádio” e no projeto “Jovens Comunicadores”, sempre se pautou em temas relativos aos direitos humanos. Haviam espaços em aberto para não deixar o processo enriquecido. Na primeira e na segunda “Maratona de Rádio” o foco maior foi nas temáticas ligadas aos direitos humanos.

Valdenor faz um alerta para o cuidado que é preciso ter ao se discutir determinados temas, alegando que as parcerias precisam ser respeitadas. “Tem que ter certo cuidado ao falar sobre temas. Saber que tem parceiras. Também tem que ter cuidado com a parceria, porque o Cuca é um parceiro, a TVC, que é o estado é outro parceiro. Então, tem que ter certo respeito também com alguns temas abordados. O questionamento pode ser feito, mas não um questionamento muito aberto. Eu acho que você tem que fechar uma ideia e também tirar essa ideia que somos autônomos. Nós não somos autônomos, nós vivemos em grupo, temos que discutir as questões em grupo e respeitar as decisões do grupo”.

Nesse momento, pensei exatamente sobre o que falava Fuser (2008) sobre o fato de as práticas comunicativas alternativas e populares se realizarem, em muitos casos, por meio do autoritarismo, do proselitismo político e religioso, além de outras formas de poder.

Sobre a presença da comunicação institucional ou pública dentro das práticas comunicacionais, Valdenor acredita haver tanto elementos da comunicação popular, quanto da comunicação institucional ou pública. Para ele, seria importante existir. “Eu acho que foi feito de uma forma que não se deixou de se observar a comunicação popular, desde o começo do programa até o final da temporada, você olhando, você identifica que é comunicação popular, não desvirtuou, não tirou as virtudes do que é a proposta realmente desde o início”. Antes de encerra nossa conversa, Valdenor diz que a comunicação produzida no Cuca pode ser identificada como comunicação popular, uma vez que são jovens da periferia que fazem os programas.

Nas entrevistas realizadas com os educadores do Cuca Mondubim, envolvidos com as práticas comunicacionais acompanhadas, noto que há uma tentativa permanente

de se inserir nos espaços que hoje ocupam, um pouco das suas vivências e experiências acomodadas ao logo dos anos que atuaram nos movimentos sociais.

Kiko Alves e Valdenor Moura seguem tentando gerar discussões sobre a comunicação alternativa e popular e as questões que envolvem as questões sociais, mas são, de certo modo, “engolidos” por hierarquias e posicionamentos políticos, presentes no espaço do poder público. É bem verdade, e é importante frisar, que limites e fragilidade também podem ser encontrados nos movimentos sociais, mas, como bem pontuaram, isso ocorrerá em outra dimensão e intensidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desde o início desta pesquisa um premissa sempre esteve muito latente em minhas atividades de campo e reflexões. Para mim, seria fundamental trazer para esse trabalho um pouco da minha trajetória enquanto jovem comunicador, formado no campo do audiovisual em uma ONG da Cidade de Fortaleza. Entendia que, esse movimento seria importante para a pesquisa, uma vez que também falaria de algo vivenciado por mim, ao logo da minha trajetória.

Com minha entrada no mestrado e com o início da presente pesquisa, essas questões ficaram cada vez mais intensas, e foi percebendo que ora me ajudavam no processo, ora não permitiam que eu avançasse na pesquisa. Inicialmente, o campo era, para mim, um lugar já descoberto e pronto para que eu pudesse desenvolver a pesquisa.

As respostas já estavam dadas e eu só teria que organizá-las a partir dos objetivos proposta do projeto de pesquisa. Obviamente, as coisas não funcionam bem assim, e ao logo do processo vou percebendo o quão importante é o momento de “está em campo” de forma intensa e aberta. Nesse sentido, ao está, de forma mais intensa no campo e me permitir sair de um possível foco pré-determinado ainda na construção da monográfica, me fez despertar para um campo desconhecido que até então tinha a impressão de compreendê-lo.

Foi por meio desse movimento, que começo a perceber que a comunicação produzida no Cuca Mondubim também poderia se destinar a criação de conteúdo ligado à comunicação institucional, com tímido espaço para o debate sobre questões relativas ao contexto social e a realidade das juventudes participantes.

Participar dos cursos e dos projetos ligados ao campo do audiovisual e me sentir parte da construção do programa Frequência Cuca, sendo chamado para colaborar com o processo de construção do mesmo, sendo notado e sentido parte daqueles processos no Cuca Mondubim, me fez ter mais elementos para fazer uma nova interpretação desse campo complexo e dinâmico.

Foi por meio desse movimento que compreendi que, para além de discutir a apropriação das juventudes sobre as atividades ligadas a comunicação alternativa e popular presentes na Equipe de Comunicação Popular e Cidadania do Cuca Mondubim, seria preciso compreender como a comunicação alternativa e popular é, efetivamente, absorvida ou tida como mote para as atividades em curso no Cuca Mondubim e quais aproximações ou limites havia entre a comunicação alternativa e popular desenvolva pelos movimentos sociais e com a comunicação proposta pela Rede Cuca.

Compreendi que esse poderia ser um caminho possível para a investigação. Perceber como a comunicação institucional vem incorporando as ideias e conceitos da comunicação alternativa e popular para legitimar ou divulgar as ações de um governo, por meio praticas comunicacionais ditas alternativas e populares.

Depois das conversas, entrevistas, acompanhamento das atividades, tanto do programa Frequência Cuca, como do programa Conexões Periféricas, vieram às reflexões. Nesse movimento intenso, o campo foi me surpreendendo e trazendo cada vez mais elementos para elaborar minhas reflexões.

As mudanças ocorridas, a partir da migração da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania para a diretoria de comunicação social, vão trazer importantes alterações nas práticas comunicacionais em curso naquele equipamento.

Essas práticas comunicacionais em curso na Equipe de Comunicação Alternativa e Popular, que já traziam em seu bojo ares da comunicação pública, vão ter cada vez mais foco nessa direção. Vejo o surgiram alguns projetos, como, por exemplo, a “Agenda Semanal”, uma peça audiovisual produzida por jovens participantes das atividades da Equipe de Comunicação Alternativa e Popular, com a proposta de ser uma ferramenta divulgadora das ações do equipamento. Nas atividades de campo, noto certa ausência de reuniões voltadas para debates sobre temáticas sociais ou sugestões de

outras pautas que fugissem das ações do Governo Municipal, por meio da Coordenadoria de Juventude.

No programa “Frequência Cuca”, que já trazia em seus conteúdos muita informação institucional, seguiu atuando como um importante veículo de divulgação das ações da Rede Cuca, mesmo trazendo algum convidado para falar sobre alguma temática social e citando alguma data comemorativa. Mesmo com esse esforço, notou-se que o foco do programa era a divulgação das atividades que estavam ocorrendo ou que irão acontecer no equipamento.

A ausência de encontros voltados para o debate sobre temáticas sociais ou o agendamento de temáticas sociais a serem discutidos no programa, colaboravam para que, quando havia pautas nessa direção, as entrevistas ou participação dos jovens envolvidos com o processo radiofônico sejam tímidas ou superficiais.

Essa constatação também foi encontrada nos processos ligados ao programa “Conexões Periféricas”. Mesmo os jovens tendo encontros temáticos para discussão sobre os assuntos a serem abordados no programa, verificou-se certa timidez no envolvimento dos jovens na condução das entrevistas e produção dos conteúdos que compõe a produção audiovisual. Isso pode ser compreendido pelo pouco espaço destinado para as reflexões sobre as temáticas sociais ao longo do processo.

Notou-se certa preocupação por parte dos educadores envolvidos com as ações, em proporcionar espaços de debates e discussões críticas com os jovens participantes, mas que essa acabava, de certo modo, sendo engolida, pelos processos ligados a parte técnica e/ou pelos prazos estabelecidos para a produção dos programas.

Com base nas reflexões teóricas e metodológicas, podemos dizer que a comunicação pública tem estado cada vez mais presente nas práticas comunicacionais do Cuca Mondubim, e que as ideias de comunicação alternativa e popular, que foi o grande mote para o desenvolvendo das atividades da Equipe de Comunicação Popular e Cidadania no passado, perde espaço para práticas comunicativas voltadas para divulgação das ações do Governo Municipal.

Nesse sentido, a pesquisa parece apontar que o Cuca resolveu trabalhar com a comunicação pública, vinculada a temáticas sociais, o que pode trazer uma relação com a comunicação popular, mas que não representa essas experiências.

Ao longo da sua história, a comunicação popular ocorreu em espaços dos movimentos sociais e não em espaços institucionais, ligados ao Estado. Estas apresentaram certos traços de subserviência e até características eleitoreiras.

No entanto, a comunicação popular tem características e contextos que não só institucionais. O Cuca realiza uma comunicação pública e institucional, que mesmo destacada por uma formação técnica e por um frágil trabalho com temáticas sociais. É uma comunicação que está diretamente ligada a Prefeitura Municipal de Fortaleza. A pesquisa indica que o Cuca deve trabalhar melhor a formação humana dos jovens, embora já invistam nessa parte, deve-se fortalecer o campo da formação humana e crítica.

## REFERÊNCIAS

\_\_\_\_\_. Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. 3a.ed. Petrópolis: Vozes, 2004<sup>a</sup>

\_\_\_\_\_. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J.G.C. & TORRES, L.L. Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, 2000.

BALANDIER, Georges, Etnografia, Etnologia, Antropologia, Sociologia, Etnologia e Etnografia, VENTURA, Luísa(trad.), In GURVITH, Georges(org.), Tratado de Sociologia, Volume I, Martins Fontes, São Paulo, SP, 1977, págs 148-150.

BARROS, A.T. de;BERNARDES, C.B. Comunicação Pública e liberdade de informação: condições básicas para a mídia legislativa. ENCONTRO DA COMPALITICA, 4. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 13 a 15 de abril de 2011.

BRAGA, R. S.; NUNES, M. V. Identificações e recepção: O olhar dos moradores do bairro Pantanal ou Planalto Ayrton Senna sobre o vídeo popular da TV Janela, Fortaleza-CE, 2010. 112 f. (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Fortaleza-CE, 2010

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação, iniciativa privada e interesse público. In:

DUARTE, Jorge (Org.) Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público. São Paulo: Atlas, 2007, p.134-153.

BURKE, Peter. Hibridismo cultural. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2003.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1998. *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp. 220 pp.

COGO, Denise. No ar... uma rádio comunitária. São Paulo: Paulinas, 1998.

COUTINHO, Mayra Pontes. *A comunicação institucional em universidades públicas: a perspectiva da administração superior da UFC*. Diss. www. teses. ufc. br, 2015.  
em: < [http://www.abrapcorp.org.br/anais2008/gt6\\_quincozes.pdf](http://www.abrapcorp.org.br/anais2008/gt6_quincozes.pdf)>.

Garcia, Sheila Farias Alves. "A nova comunicação pública em governos municipais." *Temas de Administração Pública* 2.3 (2008).

GOHN, M. da G. Movimentos sociais no início do Século XXI: Antigos e novos atores. Petrópolis: Vozes, 2003.

KEGLER, Jaqueline Quincozes da Silva. A Comunicação Pública no Brasil: conceito e prática em construção. In: CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E RELAÇÕES PÚBLICAS DA ABRAPCORP. 2. 2008, Belo Horizonte. Anais Eletrônicos... Belo Horizonte: PUC Minas, 2008.

LEMOS, André. MÍDIAS LOCATIVAS E VIGILÂNCIA: sujeito inseguro, bolhas digitais, paredes virtuais e territórios informacionais in *Vigilância, Segurança e Controle Social na América Latina*, Curitiba, p. 621-648. ISSN 2175-9596. Organizadores: Rodrigo Firmino, Fernanda Bruno e Marta Kanashiro, Fortaleza.

Magnani, J. Guilherme, e Lilian Torres (2000), *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*, São Paulo, Edusp/Fapesp.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. *Escuta Sonora, recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. *Comunicação comunitária e educação para a cidadania*. In: BARBOSA, Marialva (Org.). *Vanguarda do pensamento comunicacional brasileiro: as contribuições da interncom (1977 – 2007)*. São Paulo: Intercom, 2007.

*Publicidade do poder, poder da publicidade*. In: Jorge Duarte. (Org.). *Comunicação pública: Estado, mercado, sociedade e interesse público*. 1a. Ed. São Paulo: Altas, 2007, v.1, p. 1-200. BENETTI, M.;LAGO, C.;SILVA, Luiz Martins da/SILVA, Luís Martins da./Luiz Martins.

RODRIGUES, Kadma Marques. *As cores do silêncio habitus silencioso e apropriação de pintura em Fortaleza (1924-1958)*. 2006. 230f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 2006.

SANTORO, Luiz Fernando. *A imagem nas mãos: o vídeo popular no Brasil*. São Paulo: Summus, 1989.

Smolka, A. L. B. (2000). O (im)próprio e o (im)pertinente na apropriação das práticas sociais. *Cadernos Cedes*, 50 (1), 26-40.

THOMPSON, John B. *Mídia e Modernidade: uma teoria Social da Mídia*. Petrópoles, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2009.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify, 2010. 256 p.

ZEMOR, Pierre. *La Communication Publique*. Paris: PUF, 1995.